



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/UFS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS/CECH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO/PPGCR**

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MERCADO DE ENSINO SACERDOTAL DE UMBANDA,  
NA PERSPECTIVA YORÙBÁ POR MEIO DO “TRIDENTE DE ÈṢÙ” (2002 – 2022)**

**MAXWELL AZEVEDO VIANA MORAES**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**  
**2023**

**MAXWELL AZEVEDO VIANA MORAES**

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MERCADO DE ENSINO SACERDOTAL DE UMBANDA,  
NA PERSPECTIVA YORÙBÁ POR MEIO DO “TRIDENTE DE ÈṢÙ” (2002 – 2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Hippolyte Brice Sogbossi.

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M827a      Moraes, Maxwell Azevedo Viana.  
Análise de conteúdo do mercado de ensino sacerdotal de Umbanda, na perspectiva Yorùbá por meio do “Tridente de Èṣù” (2002-2022) / Maxwell Azevedo Viana Moraes ; orientador Hippolyte Brice Sogbossi. – São Cristóvão, SE, 2023.  
140 f.: il.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Umbanda. 2. Iorubá (Povo africano) – Ritos e cerimônias. 3. Sacerdócio. I. Sogbossi, Hippolyte Brice, orient. II. Título.

CDU 28:613.86

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ATA DA 55ª DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos 30 dias de agosto de 2023 às 14:00 horas, teve início a Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Pós-Graduando **MAXWELL AZEVEDO VIANA MORAES**, intitulada:

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MERCADO DE ENSINO SACERDOTAL DE UMBANDA,  
NA PERSPECTIVA YORUBÁ POR MEIO DO “TRIDENTE DE ÈŞÙ” (2002 – 2022)**

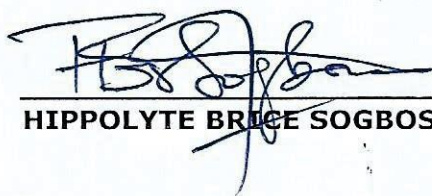
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião desta Universidade, visando a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. A Comissão Examinadora foi presidida pelo/a Prof. Dr. **HIPPOLYTE BRICE SOGBOSSI** e contou com a participação do/a Prof. Dr. **LUIS AMERICO SILVA BONFIM** (1º Examinador Interno) e do/a Profa. Dra. **DÍJNA ANDRADE TORRES** (2º Examinadora Externa). A sessão teve duração de duas horas, e a Comissão emitiu o seguinte parecer: O aluno em questão fez uma exposição dos resultados da sua pesquisa dentro dos requisitos burocráticos do programa, e a arguição dos respectivos membros da banca também foi conforme. Algumas recomendações foram feitas pela comissão examinadora, recomendações que serão atendidas pelo orientador, junto com o orientando.

Diante do exposto, o trabalho está:

( X ) Aprovado      ( ) Aprovado com restrições      ( ) Reprovado

Nada mais havendo a tratar, eu, **HIPPOLYTE BRICE SOGBOSSI**, presidente desta Comissão, lavrei a presente ata que será assinada pelos/as demais membros da Banca Examinadora.

Cidade Universitária José Aloísio de Campos  
São Cristóvão-SE, 30 de agosto de 2023.



**HIPPOLYTE BRICE SOGBOSSI** (Presidente)

**LUIS AMERICO SILVA BONFIM** (1º Examinador Interno)

**DÍJNA ANDRADE TORRES** (2º Examinadora Externa)\*



Documento assinado digitalmente

**LUIS AMERICO SILVA BONFIM**

Data: 12/09/2023 14:38:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente

**DÍJNA ANDRADE TORRES**

Data: 12/09/2023 17:16:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai e mãe carnal, aos meus pais e mães espirituais, aos meus pais e mães de santo e à toda minha família da e a partir da Casa de Fé Triângulo do Amor. Em especial, dedico essa pesquisa a Pai Zé Pequeno e a Bàbá Èṣù.

*Ìbà akódá  
Ìbà aṣèdà  
Mo dúró, mo júbà, Èṣù  
Èṣù Láàlú, Èṣù Ọdàrà  
Èṣù Elégbara o o  
Elépo lénu, pẹrọ  
Lààrúmọ agóngó óṣù  
Èṣù ọkùnrin ọnà, ọlọfà ore  
Onílé oríta méta.  
A kii láyọ lài mu ti Èṣù kùrò*

*Orí kó dá mi ire!*

“Quando abri meus olhos, a primeira vez,  
o senhor já estava ali, para que eu pudesse lhe ver.  
Nos primeiros passos, foi quem segurou minha mão,  
e ouviu minhas primeiras palavras, sentado comigo no chão.  
Me deu seu ombro, quando a vida me jogou no chão  
e com seus sábios conselhos, confortou meu coração.  
Hoje estou aqui, de joelhos em oração,  
em frente ao seu gongá, demonstrando devoção.  
Papai, papai, eu só tenho agradecer,  
pelo anjo tão bonito, que Zambi me concedeu.  
A sua benção, toma aqui seu rosário,  
sua arruda, sua guiné, seu cachimbo amassado.  
Pai Zé Pequeno, sua luz é quem me guia,  
desde os primeiros suspiros, até o fim dos meus dias.”

(Ponto Cantado)

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento, muitas coisas me vêm à cabeça, muitos são os agradecimentos, mas antes de tudo, agradeço à minha mãe e ao meu pai que me oportunizaram a existência para que eu pudesse ter essa história maravilhosa de vida e de contato com diversas práticas espirituais. Desde os meus primeiros passos, tenho contato com o universo de Umbanda, e aos 11 anos de idade, pude começar a entender um pouquinho do que vinha a ser a seriedade tão falada por minha mãe e por meu pai.

Sou um afortunado por possuir várias famílias carnais, espirituais e de santo. Foi através dessas comunidades e seus ensinamentos, que pude me tornar quem sou e por quem irei constantemente me aperfeiçoar por todos os dias de minha vida.

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe, Ademilde, por todo amor, incentivo, parceria, tantos e tantos trabalhos juntos e o cuidado de sempre, saiba que sem a senhora, nada disso teria sido possível. Ao meu pai, Marcos, que me apresentou a Umbanda e também foi a pessoa que inclusive, botou a primeira mão, em minha cabeça, sendo assim, aquele que abriu as portas de todo esse amor pela religião.

Agradeço aos meus pais e mães espirituais Pai Omulu, Pai Zé Pequeno, Sr. Tiriri, Sr. Tranca-Ruas, Sr. Arranca-Toco, Vovó Catarina, Vovó Maria Conga, Vovó Anita, Maria Padilha, Dona Rosa Vermelha, pelos momentos de cuidado, formação, ensinamentos, puxões de orelha, e muito amor compartilhado juntos ao longo da minha caminhada.

Quero agradecer à Mãe Sandra de Yemonjá, pelos ensinamentos e formação. À Dona Joinha (em memória) por todas as vivências, experiências e ensinamentos na arte do benzimento. À Dona Terezinha (em memória) por todos ensinamentos e formação, o que estendo com esse agradecimento, à toda minha família de Kimbanda.

Quero agradecer ao meu Avô de Santo Gilberto Bispo, por todos ensinamentos ancestrais, amor, cuidados, atenção de sempre e a minha Iyalorisha Valéria Bari, pelas orientações e conhecimentos compartilhados, os quais estendo a toda minha família de Candomblé.

Quero agradecer à minha Vó Maria Rosa e tia Adeilde, que sempre me deram a maior força e incentivo no terreiro. Agradeço a minha Vó Ausirema, que foi a precursora da família e que sem a senhora e todo envolvimento com minha mãe, nem estaríamos aqui hoje vivendo Umbanda.

Agradeço a minha madrinha e padrinho, Angélica e Melchisedeck. A minha madrinha agradeço por todo cuidado, pelo desapego do terreno que virou completamente o terreiro e por tantas vivências juntos. Quero deixar registrado, minha gratidão ao meu padrinho que com uma imensa vontade e conhecimento de construção, tornou possível um sonho de ampliarmos e transformarmos toda a estrutura do nosso terreiro e torná-lo a beleza que é hoje. Quero agradecer a Cezinha, por toda demonstração de amor, resiliência e ensinamentos ao longo desses anos, sempre me dando forças para que chegássemos onde chegamos, quando assim, prometemos um ao outro.

Quero agradecer à Caroline, que se disponibilizou e arregaçou as mangas imensamente em me ajudar durante todo o processo de criação da pesquisa. Quero agradecer em especial também à Esthéfanie e a Karina, que me incentivaram a fazer o mestrado e ainda se envolveram na preparação do projeto inicial, o que estendo, à todos meus Filhos e Filhas de Santo e à toda comunidade da Casa de Fé Triângulo do Amor, pois sem todos e todas vocês em minha vida, eu não seria quem eu sou.

Quero agradecer a toda comunidade do Jardim Mariana que sempre com muito carinho e apreço, nos auxiliam no cuidado para com o nosso terreiro.

Quero agradecer a comunidade Kariri-Xocó por todos ensinamentos, acolhimentos, envolvimento e trocas de saberes, onde tornou possível um grande elo familiar. A Clecia, Dalmo, Isac, André, Carolzinha e à Pawanã, toda minha gratidão.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião por oportunizar meu ingresso no Mestrado. Ao meu orientador, Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi, por acreditar em minha pesquisa desde o primeiro momento. À Prof. Dr. Marina Correa, pelas contribuições e atenção disponibilizada a mim, no início dessa jornada do mestrado. Ao Prof. Dr. Luís Américo Silva Bonfim, pelas orientações, correções e contribuições sugeridas nas bancas e durante as nossas aulas. Às Professoras Dr. Ronilda Iyakemi Ribeiro e Dr. Díjna Torres, pela participação e orientações realizadas nas bancas. Agradeço também ao corpo administrativo do Mestrado em Ciências da Religião, especificamente à Kate, por todas as orientações, dúvidas sanadas e disposição em ajudar nos trâmites burocráticos.

Muito obrigado!

Èșù, ire o!

## RESUMO

A Umbanda, enquanto religião de presença africana, passou por inúmeros processos de distanciamento de sua origem negra, enfatizados principalmente, a partir do início do século XX. Tal contexto nos oferece a possibilidade de compreendermos as mudanças pelas quais a religião passou e continua passando. Sendo assim, orientados pela concepção da tradição yorùbá, buscaremos realizar a análise de conteúdo de cursos de ensino sacerdotal, com promessas de acesso a inúmeros conhecimentos, correspondendo assim, com os anseios da nossa atual sociedade líquida. Dessa forma, a atual pesquisa tem como escopo verificar, por meio da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977), as publicações de tais cursos, embasados pelo debate sobre a vida e modernidade líquida e a volatilidade da sociedade capitalista contemporânea de Zygmunt Bauman (2001; 2007), a presença do individualismo e seus reflexos em nossa sociedade, através de Gilberto Velho (1981) e os debates de Mary Douglas (2004) que nos auxiliarão na compreensão do mundo dos bens de consumo e as relações capitalistas. A tradição e a moral africana serão nossas referências por meio dos escritos de John Mbiti (1975), e especificamente sobre a concepção de família de santo, nos pautaremos em Vivaldo da Costa Lima (2003), onde as nuances da ética em Èṣù e a visão tradicional yorùbá, serão verificadas pelas linhas de Síkírù Sàlámì (2015) e Ronilda Iyakemi Ribeiro (2022).

**Palavras-chave:** Èṣù; Umbanda; Tradição Yorùbá; Mercado de Consumo Sacerdotal; Individualismo.



## ABSTRACT

Umbanda, as a religion with an African presence, went through numerous processes of distancing itself from its black origin, mainly emphasized from the beginning of the 20th century. Such a context offers us the possibility of understanding the changes that religion has undergone and continues to undergo. Therefore, guided by the conception of the Yorùbá tradition, we will seek to carry out a content analysis of priestly education courses, with promises of access to countless knowledge, thus corresponding to the desires of our current liquid society. Thus, the current research aims to verify, through Content Analysis by Laurence Bardin (1977), the publications of such courses, based on the debate on life and liquid modernity and the volatility of contemporary capitalist society by Zygmunt Bauman (2001; 2007), the presence of individualism and its reflections in our society, through Gilberto Velho (1981) and the debates of Mary Douglas (2004) that will help us understand the world of consumer goods and capitalist relations. African tradition and morality will be our references through the writings of John Mbiti (1975), and specifically on the conception of the family of saints, we will be based on Vivaldo da Costa Lima (2003), where the nuances of ethics in Èṣù and the traditional Yorùbá vision, will be verified through the lines of Síkírù Sàlámì (2015) and Ronilda Iyakemi Ribeiro (2022).

**Keywords:** Èṣù; Umbanda; Yorùbá tradition; Priestly Consumption Market; Individualism.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                                                     | 11  |
| <b>1 DE LEÕES GUERREIROS À CORDEIROS TRABALHADORES DO BEM</b> .....                                                         | 32  |
| 1.1 A TRISTE HISTÓRIA DE FELICIDADE EM CAMINHOS DE AMARGURA .....                                                           | 32  |
| 1.1.1 A presença Yorùbá em solo brasileiro .....                                                                            | 40  |
| 1.2 “QUEM NUNCA VIU VENHA VER, CALDEIRÃO SEM FUNDO FERVER” .....                                                            | 42  |
| 1.3 “BOTARAM FEITIÇOS NA ENCRUZILHADA PRA ME DERRUBAR”: TEORIAS RACIAIS E A LÍNGUA QUE CHICOTEIA A NAÇÃO .....              | 47  |
| 1.3.1 Irmandades Católicas: uma liberdade controlada .....                                                                  | 49  |
| 1.3.2 Calundu, Cabula e Macumba: a ancianidade da Umbanda .....                                                             | 53  |
| 1.3.3. Teorias raciais e suas várias facetas perturbadoras .....                                                            | 56  |
| 1.4 O RACISMO QUE GERA TENTATIVAS DE ESQUECIMENTO E ANULAÇÃO... ..                                                          | 58  |
| 1.5 O HIBRIDISMO DAS CONTRADIÇÕES CAUSADORAS DE “BESTEIRAS” .....                                                           | 66  |
| <b>2 MERCADO DE CONSUMO SACERDOTAL QUE SECA A ÁGUA REFRESCANTE</b> .....                                                    | 73  |
| 2.1 O CONSUMISMO LETÁRGICO OFERTADO PELOS FALADORES DE UMBANDA .....                                                        | 73  |
| 2.2 DO ARQUÉTIPO NEOPENTECOSTAL À UMBANDA: A IDEALIZAÇÃO DO(A) MACUMBEIRO(A) .....                                          | 85  |
| 2.3 O MERCADO CONSUMIDOR SEDUTOR QUE SECAM AS ROSAS DOS JARDINS .....                                                       | 96  |
| <b>3 AS FALAS PROPAGADAS PELO AR E O SACERDÓCIO ATERRADO NA POS-MODERNIDADE DA UMBANDA</b> .....                            | 109 |
| 3.1 CURSO PARA SACERDÓCIO NA UMBANDA - “PORQUE EU SEI O QUE ESTOU FAZENDO [...]” .....                                      | 111 |
| 3.2 FRENESI PARA OBTENÇÃO DO CONHECIMENTO - “ESTARÁ TUDO NA SUA MÃO SEM DEPENDER DE OUTRA PESSOA” .....                     | 114 |
| 3.3 SE O TERREIRO É COMPLICADO, “DEIXA QUE TE ENSINO, DO COMEÇO AO FIM, TUDO [...] POR UMA MENSALIDADE MUITO PEQUENA” ..... | 118 |
| 3.4 “EU MESMO DEFINO OS PRÉ-REQUISITOS E FAÇO PESSOALMENTE O PROCESSO DE SELEÇÃO” .....                                     | 121 |
| <b>4 CONCLUSÃO</b> .....                                                                                                    | 127 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                                    | 134 |

## INTRODUÇÃO

A existência do sistema escravocrata no Brasil, ocorrido por meio das navegações, trouxe uma gama de povos do continente africano, que possuíam diversos conhecimentos espirituais e religiosos. Tais conhecimentos foram base embrionária das práticas das religiões de presença africana<sup>1</sup>, como o Calundu, o Catimbó, a Pajelança, a Cabula e a Macumba, as quais auxiliaram no processo de formação da religião Umbanda, podendo ser compreendida como afro-luso-brasileira, com seus ritos e rituais litúrgicos. Vale ressaltar, que mesmo após a abolição da escravatura no final do século XIX, foi possível observar características escravocratas atuando de maneira veemente no campo religioso, a partir de observações no início da constituição da Umbanda.

Podemos citar, por exemplo, que na transição do século XIX para o XX, a Eugenia foi muito relevante para a continuidade e reafirmação dos processos de inferiorização do negro, dando ênfase a um controle exacerbado em relação a mistura de raças, na qual, o miscigenado não era bem visto para uma nação que almejava alvejar sua sociedade em um processo de total desafricanização.

Assim, podemos ver essa prática eugênica na gênese da religião Umbanda, a qual, extremamente miscigenada, como já citado acima, realiza um forte embranquecimento e anulação de valores morais, culturais, religiosos, sociais e filosóficos dos negros, pois, como nos lembra Renato Ortiz (1999), “[...] para subir individualmente na estrutura social, o negro não tem alternativa, ele precisa aceitar os valores impostos pelo mundo branco [...]” (ORTIZ, 1999, p.33).

Sendo assim, insistiremos em todo nosso trabalho, em evidenciar a origem, valores e fundamentações africanas na sustentação da religião Umbanda, pois segundo Ortiz (1999), que mesmo havendo uma forma de compreensão de ruptura entre Umbanda e Candomblé, é passível de observação que o candomblecista busca na África sua fonte de inspiração e o umbandista na origem da religião, visa se afastar dela. Desta forma, “[...] é necessário porém, entender o que queremos dizer com ruptura; não se

---

<sup>1</sup> Concebemos nesta dissertação que o termo religião de presença africana, seja no singular ou no plural, é a mais adequada para nossa abordagem, haja visto o exposto por Hippolyte Brice Sogbossi e Martha Sales Costa, presente no artigo “Religiões brasileiras de presença africana e políticas públicas no Brasil: algumas considerações”, presente na revista Debates do NER - UFRGS, 2008.

trata de significar com esta palavra a ausência do que é negro no seio da Umbanda [...]” (ORTIZ, 1999, p. 16), e quão importante é ter consciência do lastro africano na construção e estrutura da religião Umbanda.

Nos pautamos então, em analisar nosso trabalho por meio da vertente denominada Umbanda Traçada, ou Almas de Angola, ou Omolocô, a qual, é resultado da fusão da Umbanda com antigas casas de Candomblé. Logo, tendo em vista tais características, a concepção de suas práticas está alicerçada em valores africanos, nativo brasileiro de comunidades dos povos originários e do catolicismo popular, na prática de rezadores, rezadeiras, mestres e mestras da manipulação da cura por meio de diversos elementos naturais, inclusive com uso de garrafadas.

Durante o século XX e até a presente data, houve e há a continuidade do processo escravocrata, evolucionista e racista de outrora, porém, agora com a nova roupagem a partir de docentes que ministram cursos em ambientes fechados, visando a capacitação sacerdotal, traduzidos na necessidade de formatar discentes sacerdotais de Umbanda, para uma concepção de eternos aprendizes e consumidores desses cursos. Configura-se assim, um frenesi motivacional, que de maneira arquetípica, tem formatado e escravizado indivíduos de uma forma em geral e, não bastando, uma visão de espiritualidade que agora será moldada a uma perspectiva da dita fonte do conhecimento pós-moderno da Umbanda.

Importante também enfatizarmos aos leitores deste estudo, caso haja interesse na averiguação e constatação da existência desses cursos sacerdotais de Umbanda, os quais são ministrados em diversos ambientes, sejam virtuais ou presenciais, que é possível serem encontrados utilizando a expressão-chave em sites de busca, da seguinte maneira: “curso sacerdotal de Umbanda”. Sendo assim, podemos obter como resultado dessa busca<sup>2</sup>, as seguintes menções: “teoria”, “curso”, “Pai de Santo”, “jornada”, “sacerdote”, “formação”, “fundamentos”, “sacerdócio”, “doutrinária”, “preparação”, “lideranças”, “mentoria” entre outros.

Diante dessa exposição, é imprescindível destacarmos que compactuamos com a concepção familiar existente na perspectiva tradicional das religiões de presença africana, onde os devotos destas, criam novas possibilidades de elos e sentimentos

---

<sup>2</sup> Realizamos uma busca atualizada nos principais sites de pesquisa no dia 29 de junho de 2023.

familiares para com o todo que os envolvem, tornando possível a visão de não estar apenas participando de uma comunidade religiosa, mas sim, de um local onde suas sementes serão plantadas e germinadas, tornando-os parte de tudo que ali coexiste.

Sendo assim, compreendemos que a forma mais adequada de fazer menção ao (à) líder do terreiro, tendo em vista uma nova perspectiva de parentesco para o indivíduo que passa a fazer parte da comunidade, e que vai muito além daquilo que é apenas tangível, são os termos Pai de Santo, Mãe de Santo, Bàbá ou Iyà. Porém, aqui o leitor poderá perceber a grande frequência do uso da nomenclatura evolucionista "sacerdotal", que se fará presente exclusivamente para demonstrar a perspectiva de um novo olhar comunitário, que a massa dos cursos supracitados se refere aos Pais e às Mães da Umbanda.

Nesse sentido, os discentes desses cursos, inseridos numa grande panaceia, se distanciam completamente de suas tradições originárias ancestrais, onde aqui, nos pautamos na tradição de presença africana yorùbá. Presos em uma encruzilhada, esses indivíduos são conduzidos a se satisfazer dentro da perspectiva mercadológica de consumo, onde há toda uma perversão do conceito "caridade", que foge do processo que implica em uma espiritualidade, a qual fundamenta-se na mudança do comportamento humano, na conduta moral enquanto prática benfeitoria, honrada, de bons costumes, implicando no aperfeiçoamento das relações pessoais, interpessoais e nos ambientes comunitários.

Levando em consideração a teologia da Umbanda, a relação do Divino e o ser humano, essa que é pautada principalmente na filosofia dos Orixás, é advinda do povo yorùbá. Logo, nos pautaremos nos valores tradicionais desse povo, para realização da análise dos conteúdos das publicações do mercado sacerdotal de Umbanda, na atualidade.

Assim, nessa nova concepção de formação religiosa, observamos um hipocondrismo sacerdotal, havendo uma linha tênue, entre o aperfeiçoamento da consciência e o oportunismo de destaque dentro de uma hierarquia social, onde, é elaborada uma necessidade de moldar a religião Umbanda por meio de cursos de capacitação sacerdotal. Estes são desprovidos de sentimento de pertencimento, pois não há conscientização de amor e respeito para com as tradições transmitidas pelos nossos ancestrais. Tal aspecto, nos demonstra uma nova e atual performance

escravocrata, promovida pelo sistema capitalista, enquanto moeda de troca e bens de consumo reproduzidos em certificados.

Dessa forma, indagamos nessa pesquisa, como os cursos de formação sacerdotal difundem afirmações que contrariam as premissas que norteiam a tradição yorùbá. Tais cursos estão inseridos no mercado de consumo de oferta e procura, numa sociedade repleta de possibilidades, inovações e necessidades a serem supridas, sejam elas emocionais, pessoais e espirituais, as quais, teremos como premissa de análise, o lastro yorùbá, o qual é crivado na ética manifestada por Èṣù<sup>3</sup>.

Nesse sentido, o povo yorùbá concebe Èṣù também, como o senhor da paciência, da sinceridade, provedor dos acontecimentos ritualísticos e das relações éticas naturais, incluindo os elos comunitários, a preservação da ancestralidade, a qual, embasa que o novo não existe sem que o antecessor venha primeiro. Sendo assim, o ser mais novo desenvolve com os seus veneráveis, virtudes, aptidões sensoriais, valores e costumes pessoais de sua família, as quais, enobrecem sua sabedoria, rompendo totalmente a ideia de auto suficiência e práticas unicamente providas de conhecimentos pedagógicos. Logo, a Umbanda enquanto religião de lastro africano, tem na paciência a base de sua constituição, juntamente com os fundamentos de coletividade, formação de comunidade, e no que tange ao ordenamento social, possui o princípio de que “[...] uma árvore sozinha não compõe uma floresta.” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 99).

Dessa forma, por meio dessa dissertação, visamos analisar as diversas estratégias de comunicação com o escopo de formatar e formar pessoas que almejam ser líderes curandeiros pedagógicos. Dessa maneira, surge uma vasta quantidade de cursos, visando conceber um entendimento nos indivíduos aprendizes, que passarão a ter uma capacidade que outrora era inexistente, mas que em horas de estudo, estarão aptos a ter uma presumida competência individualista de cura terapêutica e espiritual de outros indivíduos e até de si mesmos, adquirindo uma outorga espiritual, por meio da conclusão de seus cursos de capacitação e aquisição de “grandiosos” certificados.

Logo, podemos observar que há uma vasta diferença desse olhar promovido por essas capacitações supracitadas, pois embasados por Claude Lévi-Strauss (1958),

---

<sup>3</sup> Neste estudo, quando nos referirmos a Èṣù, é a forma como nos designamos ao Orixá, em Yorùbá. Quando falarmos na entidade homônima ao Orixá, ou seja, com o mesmo nome, utilizaremos Exu.

temos a relação da visão vocacional que a tradição revela e que conseguinte se pautará também, no aprendizado gradual e comunitário, pois,

[...] não há por que duvidar, com efeito, de que os feiticeiros – ou pelo menos os mais sinceros dentre eles – acreditam em sua missão e de que essa crença se funda na experiência de determinados estados. As provações e privações a que eles se submetem muitas vezes bastariam para provocá-los, ainda que não se quisesse admitir que são a prova de uma vocação séria e fervorosa. (LÉVI-STRAUSS, 1958, p.187).

Ainda no que diz respeito às provações e privações, recorremos a Síkírù Sàlámi e Ronilda Iyakemi Ribeiro (2015), para refletirmos sobre a obtenção da condição sacerdotal, que prevê diversos cuidados. Numa perspectiva tradicional, esses são envolvidos em processos iniciáticos<sup>4</sup> que dentro do pensamento de comunidades tradicionais, proporcionarão além da condição de ouvinte e orientador(a), a capacidade primeira, de resistir à carga energética que envolve todas as situações, sejam elas, emocionais, espirituais e nos demais âmbitos da vida, tendo adquirido maturidade para assim, aconselhar a partir de experiências de outrora, seus consulentes (SÀLAMÍ e RIBEIRO, 2015).

Pertinente destacarmos nesse momento, como relata Mário Alves da Silva Filho (s.d.), que a iniciação possui além do elo e orientações espirituais, o propósito de nos indivíduos, ocorrer uma conscientização social, pessoal e no relacionamento com as mais diversas áreas da vida. Logo,

essa consciência se torna a base de um processo de solução dos problemas, processo este que está baseado em uma visão complementar da interação pessoal e espacial do iniciado. A cerimônia iniciatória estabelece uma nova maneira de ver, de ouvir e de ser. Ela não remove, de forma mágica, as dificuldades da vida do Iniciado; ao contrário, posso dizer, piora-os, num primeiro momento, pois obriga o iniciado a lidar com seus problemas, erros, enganos e desacertos, algo que não fazia antes. Obriga-o a enfrentar sua sombra, aquilo que ele evita mostrar, o que mantém escondido, especialmente de si mesmo. A iniciação o obriga, também, a buscar as soluções em si mesmo, não em algo exterior, mas em seu âmago. Isso é extremamente difícil e doloroso, por isso é um processo árduo. (SILVA FILHO, s.d., n.p.).

---

<sup>4</sup> Sabemos que a Umbanda possui diversas vertentes, as quais, muitas não praticam rituais de iniciação. No entanto, mesmo essas que assim não os fazem, possuem dinâmicas de conscientização de valores éticos e morais da sua comunidade, conscientização do indivíduo quanto ao sentimento de pertencimento a uma comunidade ancestral, valores de responsabilidade social e buscam primeiramente um amadurecimento com base nas experiências ensinadas pelos mais antigos de forma paciente.

Ainda no tocante a esse processo árduo, o qual implica em todo um contexto de amadurecimento, indivíduos se propõem a passar por toda uma preparação emocional, espiritual, familiar, social como um todo, para assim, se porventura for, tornar-se-ão sacerdotes. A Umbanda, a qual teve seu processo embrionário em religiões tradicionais permeadas por provações e privações, tem em essência, que a orientação é transmitida pelos mais velhos ou mais sábios, porém, em alguns casos, é possível haver um despertar de consciência induzida, mesmo que seja de berço ou nascença espiritual.

Segundo Vivaldo da Costa Lima (2003), no ápice da sua preparação mediúnica, recebem autorização comprovada, pois o ritual de outorga sacerdotal é “[...] símbolo em muitos terreiros da obrigação de sete anos, dá o direito à filha de santo ser, ela própria, uma sacerdotisa do seu culto [...]” (LIMA, 2003, p.152). O autor ainda menciona outras formas menos tradicionais para uma formação sacerdotal, mas nenhuma está relacionada a algum tipo de curso sacerdotal preparatório.

Logo, aventamos a respeito das características de um mercado sacerdotal de Umbanda, inserido num processo de adaptação à mecânica de consumo de seus atuais e futuros aprendizes e/ou clientes. Agindo por meio da premissa do mentor enquanto um sujeito que detém amplo conhecimento, ele se considera outorgado a disseminar deliberadamente conteúdos sacerdotais da religião, havendo assim, uma mudança no *modus operandi* com a colonização do sagrado, ora vista como um aperfeiçoamento e independência dos futuros sacerdotes de Umbanda.

Demonstra-se, dessa forma, que há um possível *apartheid* epistêmico (RABAKA, 2010) entre as raízes religiosas supracitadas da Umbanda e o atual cenário pseudo evolucionista, decorrente da persistência em tornar a Umbanda nos últimos 20 anos, mais atrativa, palatável e degustável aos atuais e futuros adeptos e seguidores. Por meio de um vasto processo de formação de escolas virtuais e presenciais, visam formar um ideal bem aceito pela sociedade, através da comercialização científica religiosa. A partir do exposto, consideramos o caráter inédito desta pesquisa e sua relevância para o âmbito acadêmico, bem como para a sociedade.

Assim sendo, destacamos enquanto relevância pessoal, que as tramas existentes no processo de vivência na religião Umbanda, fizeram com que durante muitos anos, eu pudesse tecer várias observações, seja enquanto iniciado, médium, Pai de Santo, e nos



últimos meses, na qualidade de pesquisador êmico. Iniciado na Umbanda Traçada há 23 anos, atual Pai de Santo, da Casa de Fé Triângulo do Amor de Pai Zé Pequeno do Cruzeiro, também iniciado no Candomblé de Nação Ketu e na Kimbanda. No que tange o elo, o amor familiar e comunitário nas comunidades dos povos originários, vivi diversos rituais de passagem na comunidade Kariri-Xocó, e em relação à magia e ocultismo, sou mestre de ordem iniciática discreta.

Tais experiências me possibilitaram observar, que na Umbanda, cito aqui, a partir dos anos 1990, momento esse ao qual pude obter o início das minhas experiências *in loco*, houve diversos movimentos visando atender uma perspectiva de atração de novos adeptos à religião. Porém, assim como o sistema capitalista, que muitas vezes oferta aquilo que a sociedade de consumo procura, a Umbanda, embranquecida em sua gênese, se mantém nessa constante enfermidade, agora também sustentada por um mercado desenfreado de cursos direcionados à formação sacerdotal.

Nessa direção, observei e observo, principalmente, que nos últimos vinte anos, há um aumento do número de pessoas inseridas pela curiosidade na religião Umbanda. Muitas dessas, visam buscar respostas rápidas, simples e objetivas para as mais diversas dúvidas pessoais, porém, sem nenhum crivo de coerência, consciência e ética, satisfazendo-se assim, com argumentações supostamente corretas, proferidas por famosos midiáticos. Estes, propõem a sustentação da sua fé na religião, por meio de um dito engrandecimento intelectual pago.

Levando em consideração a relevância científica deste trabalho, que também é o resultado das experiências de vida do pesquisador, a partir do exposto acima, destacamos que essa dissertação é pertinente para a área das Ciências da Religião, pelo fato de possibilitar a compreensão de que a religião Umbanda, passou, como de praxe em diversas religiões, por constantes movimentos de transformação. Porém, no caso da Umbanda com sua origem alvejada, ocorrem constantemente movimentos de demonização da principal divindade yorubá Èṣù, visando domar, domesticar e desestabilizar a tradição dos povos africanos.

Destarte, é passível relacionarmos nossa pesquisa com as nuances da Ciência Prática da Religião, levando em consideração alguns aspectos principais enfatizados por Udo Tworuschka (2013), entre eles: por ser um estudo interdisciplinar; por analisar grupos religiosos vivos, os quais produzem diariamente diferentes materiais; analisa e

descreve ações reproduzidas por variados meios de comunicação, como os utilizados para a divulgação das publicações, fontes de nosso estudo; gera um conhecimento que além de útil, pode ser amplamente utilizável, ao mesmo tempo que demonstra realidades da religião Umbanda, até então desconhecidas ou pouco verificadas pelas pessoas, podendo assim, criar uma auto reflexão social, religiosa, inclusive, entre os próprios umbandistas.

Dessa forma, corroborando com a função crítica da Ciência Prática da Religião enfatizada por Tworuschka (2013), destacamos que o arcabouço da personalidade do pesquisador dessa dissertação, coaduna com a máxima de que “os crentes deveriam ser isentos de seu status de objeto e participar de maneira dialógica como parceiros nas investigações” (TWORUSCHKA, 2013, p. 585). Toda percepção e análise estabelecida durante anos de vivência no seio da Umbanda, colocou-me num papel de olhar crítico para a ruptura que vem ocorrendo entre o ser e ter, o estar e o virtualizar-se, onde para muitas pessoas o físico e o virtual tem se confundido com relação de satisfação pessoal, contemplada pelo individualismo que almeja destaque religioso e sacerdotal. Logo, repouso minha atenção e dedicação, na criação de novos diálogos e reflexões tendo como escopo os umbandistas.

Levando em consideração que os casos analisados são efeito de uma ação de uma escolha racional, seja dos indivíduos consumidores ou dos produtores dos materiais, Stark (2004) nos direciona a compreendermos nosso estudo a partir da concepção dos docentes como empresas religiosas e os discentes como consumidores do religioso. Também, compreendemos nossas fontes, coadunando com um questionamento levantado pelo autor, no que diz respeito a “[...] sob quais circunstâncias as empresas religiosas são capazes de criar uma demanda?” (STARK, 2004, p. 09).

Logo, aventamos a possibilidade de um contexto econômico, social e religioso que proporciona tal realidade, atualmente, se fazendo presente por meio da mídia digital.

Frisamos assim, que tal debate é necessário para o campo científico da Religião, pois, poderemos compreender sua relevância social, inclusive no que tange à contribuição como constituição de conhecimento em História das Religiões, problematizando essas no cenário regional e nacional. Assim, é passível de verificação que todos esses processos resultaram numa modificação de práticas e concepções embrionárias da Umbanda, para um viés de praticidade de característica simplista, de

desconstrução de suas raízes, expandidos num contexto de sociedade isolada pelo COVID-19, com a presença amplificada de canais virtuais de informação.

Decorrente dessas transformações, houve um distanciamento da tradição e o perceptível cenário onde tal demonização se faz presente no processo de alveijamento social, constituídos e estabelecidos a partir de teorias raciais. Estas foram peças chave para a exclusão da “alma” africana e indígena, “dando voz” aos humildes com o crivo cristão na formação da religião Umbanda, que para ser bem aceita pela sociedade, foi pautada por um *status quo*, fazendo o que é de costume, equiparar religião ao comércio. Assim, houve e há, a busca por corresponder de forma agradável à demanda de pessoas que a procuram, inserindo muitas vezes em seus processos litúrgicos, toda e qualquer prática bem aceita pela sociedade.

Neste momento, coadunando com o exposto acima, cabe refletirmos sobre a formação do que Lélia Gonzalez (1988) vai chamar de amefricanidade, uma vez que a partir da existência de um crescente e estruturado racismo religioso presente na Umbanda, consideramos que o sagrado passa a ser colonizado e tido como um objeto de transações comerciais. Logo, segundo a autora, haveria uma transformação, a partir dos ditames explicativos racionais europeizantes, no que tange aos costumes de suas colônias, considerados como primitivos, demonstrando assim, “[...] os efeitos de alienação que a eficácia da dominação colonial exerceria sobre os colonizados.” (GONZALEZ, 1988, p. 71).

Nesse sentido, a amefricanidade nos oferece uma compreensão mais ampla da vinda forçada de africanos escravizados para as Américas, destacando a importância de reconhecer tais influências na cultura, na história e na formação social dessas regiões. Assim, busca refletir sobre a construção da identidade e da experiência dos povos africanos na América, enfatizando a solidariedade entre as comunidades negras ao redor do continente.

Relacionamos a eficiência do processo de dominação colonial supracitado, que por meio do cenário midiático de cursos de capacitação sacerdotal da religião Umbanda, é passível de constatação, a existência de um processo de colonização sacra. Essa, por sua vez, é incutida na mente dos indivíduos, gerando uma vaidosa soberbia, a qual proporciona um falso processo de autoajuda e individualismo, que segundo Louis Dumont (1985) “[...] servem frequentemente para caracterizar a sociedade moderna em relação

às sociedades de tipo tradicional.” (DUMONT, 1985, p. 73), sobressaindo-se assim, à coletividade, gerando o enaltecimento de um caminho solitário e egocêntrico. Tal forma de agir, é contrária ao que a tradição africana fala sobre o viver em comunidade e aplicar o aprendizado nas múltiplas camadas sociais, sejam elas educacionais, econômicas, culturais, políticas e religiosas.

Dessa forma, para compreendermos todas essas particularidades que compõem nosso estudo, é imprescindível o uso de todo um aparato conceitual, que nos possibilite ler, analisar e compreender, de forma vasta e profunda, tudo o que envolve o exposto acima.

Em vista disso, utilizaremos como uma das bases conceituais para o nosso debate em torno da tradição africana e suas características, os estudos de John Samuel Mbiti (1975). Tal referencial, só angaria consonância se houver um alinhamento muito bem saturado com o referencial teórico, utilizado para compreensão da temática do trabalho. Nesse sentido, destacamos que Max Weber (1982) nos dará um norte, principalmente no que diz respeito a sua abordagem sobre a constituição da sociedade em múltiplas camadas sociais, as quais de maneira autônoma, possuem características, conceitos e perspectivas sociais, interagindo umas com as outras de maneira complementar.

Observando o frenesi que esses cursos sacerdotais de Umbanda têm provocado, podemos visualizar na prática, nos efeitos de visibilidade e reconhecimento social, novas possibilidades de ampliação de renda, oportunidade de inserção no ambiente político demonstrando assim, o impacto da relação desses indivíduos, nas estratificações sociais weberianas.

Nesse caminhar, nos pautaremos em Celia Maria Marinho de Azevedo (1987); Lélia Gonzalez (1988), Lília Moritz Schwarcz (1993; 2021) e Kabengele Munanga (1996) para compreendermos os processos que conceberam as teorias raciais e o pensamento eurocêntrico, o qual encontrou no Brasil, amplo espaço de atuação nas mais diversas camadas sociais weberianas.

Dessa forma, foram acimentadas linhas de pensamentos, as quais tiveram plena relação na construção da religião Umbanda, para que assim pudesse ser bem acolhida e aceita na sociedade brasileira, aplicando uma prática de distanciamento a quase tudo que ligava essa religião com o seu passado negro.

Diante desse pensamento, nos embasaremos em Ricardo Sequeira Bechelli (2009), Elisa Rodrigues (2009) e Luana Tieko Omena Tamano (2021), para compreendermos os debates de intelectuais brasileiros como Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Arthur Ramos (1903-1949), principalmente no que diz respeito à relação entre progresso e uma ocidentalização europeia branca, a qual será analisada, por exemplo, nos materiais e debates que ocorreram durante o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (CEU), em 1941.

As concepções culturais, sociais e religiosas em torno do africano e suas práticas, serão alicerçadas pelos trabalhos de Laura de Melo e Souza (1986; 2002), Beatriz Góis Dantas (1988) e Yvonne Maggie (1992), pois seus debates serão úteis para a compreensão de toda uma trajetória de detecção, conhecimento e reconhecimento de todas as nuances que compõem a realidade do negro na África, e as adaptações realizadas em território brasileiro.

Assim, tal processo fica mais evidente inserido numa sociedade líquida, aos ditames de Zygmunt Bauman (2001; 2007), o qual, explanará sobre a condição fugaz da sociedade capitalista contemporânea, destacando, por exemplo, as nuances da existência de contraposições entre espaços físicos e virtuais, fomentando cada vez mais, possibilidades de ampliação da vitrine capitalista dos cursos de formação sacerdotal. Diante deste panorama de consumo proporcionado pela sociedade contemporânea, traremos à baila, o debate exposto por Gilberto Velho (1981), no que diz respeito ao reflexo do individualismo na contemporaneidade.

Tais sistemas serão debatidos, a partir das ideias expostas por Mary Douglas (2004) no que tange às relações capitalistas dentro de uma sociedade de consumo. A partir do explanado por tal autora, compreenderemos os caminhos percorridos pelos cursos de capacitação, e de que forma eles ganham espaço dentro da sociedade de consumo capitalista contemporânea.

Nesse aspecto, levando em consideração o atual cenário da Umbanda repleto de sentimentos, egocêntricos e individualistas, alimentados narcisisticamente pelos provedores dos cursos de capacitação que orientam a necessidade do ter sobre o ser, onde tudo se liquefaz, acreditamos haver uma mudança na forma da atual sociedade religiosa. Nesse contexto de uma sociedade consumerista, tal mercado visa promover e

saciar vontades daqueles(as) que se auto intitulam escolhidos(as), auxiliando a criar novas identidades modeladas a partir desse mercado.

Tal característica é sustentada pela sociedade de consumo, a qual se perde no frenesi motivacional, incutido pelos cursos de capacitação sacerdotal. Tal agitação, proporcionará uma barafunda, que segundo Augusto Miranda Lewin (2017),

há uma confusão pela forma dinâmica como pessoas precisam se adaptar às novidades e como as novidades consumeristas se aniquilam num curto período de vida, numa difícil visualização de quem são os elementos distintos que formam esse átomo consumerista pela velocidade com que se movimentam. (LEWIN, 2017, p. 44).

À vista disso, dialogaremos pautados por Jean Piaget (1987) e Ramón Grosfoguel (2016), as abordagens educacionais, que envolvem toda uma dinâmica de envolvimento entre discentes e docentes da Umbanda, nessa dita capacitação mediúnica e sacerdotal.

Por fim, perpassando por todo esse corpo teórico, em John Samuel Mbiti (1975), Vivaldo da Costa Lima (2003), Léo Carrer Nogueira (2007), Ronilda Iyakemi Ribeiro e Síkírù Sàlámì (2015; 2022) e Mário Alves da Silva Filho (s.d.; 2013; 2015; 2020; 2021), poderemos compreender as características que circundam as religiões de presença africana, especificamente, a Umbanda.

Nesse contexto, ressaltamos que nossa abordagem dissertativa será pautada pelos métodos científicos: histórico, indutivo e dedutivo. O primeiro diz respeito a compreensão de forma mais detalhada da origem, continuidade e desdobramentos do objeto de estudo, bem como suas interfaces de existência dentro da nossa atual sociedade.

Consideramos a pertinência do método indutivo, levando em consideração que este é característico numa abordagem da Ciência Prática de Religião, relacionando-se diretamente, segundo Tworuschka (2013), com as demais áreas das Ciências Humanas, haja visto que “também lida com “processos de mediação” por diferentes meios de comunicação.” (TWORUSCHKA, 2013, p. 578). Por conseguinte, o método dedutivo será aplicado por meio dos debates de Rodney Stark (2004) sobre a teoria da escolha racional da religião, partindo do pressuposto de que o conhecimento das Ciências das Religiões, se torna mais diretivo, ao trabalharmos com hipóteses a serem respondidas, logo, os estudos dedutivos “[...] devem começar com afirmações genéricas, abstratas, ou axiomas, a partir dos quais um conjunto de proposições possa ser extraído, e que se

deve testar essas teorias testando as predições empíricas derivadas das proposições.” (STARK, 2004, p.01). Tal método nos dará condições de realizarmos uma análise das publicações dos cursos de formação sacerdotal, no que diz respeito às ferramentas de conteúdos que eles utilizam para um suposto convencimento dos futuros e atuais discentes.

Diante do exposto, coadunamos com o autor supracitado, no que diz respeito aos axiomas<sup>5</sup> que embasam a teoria da escolha racional da religião, onde o primeiro nos afirma que os “[...] seres humanos buscam o que percebem ser recompensa e evitam o que percebem ser custos.” (STARK, 2004, p. 03), e o segundo, referente ao cognitivo humano, nos diz que “[...] a ação humana é direcionada por um complexo processamento de informação que funciona para identificar problemas e tentar solucioná-los.” (STARK, 2004, p. 03).

Assim, tal arcabouço teórico-metodológico será base para nosso debate, ao unirmos as premissas de compensadores e recompensadores, onde os primeiros “[...] seriam como substitutos para recompensas desejadas. [...] fornecem uma explicação sobre como a recompensa desejada (ou um equivalente) pode ser obtida [...]” (STARK, 2004, p. 03). Em síntese, podemos considerar que a recompensa é o objeto desejado, e os compensadores são as propostas, ou os meios, para obter as recompensas.

Tais características são passíveis de observação, principalmente no que diz respeito ao mercado de cursos de formação sacerdotal de Umbanda, onde são mobilizadas diversas ferramentas, sejam sociais, cognitivas ou espirituais, para ampliar o mercado de oportunidades, e consequentemente, expandir o quantitativo de consumidores do sagrado.

Nesse sentido, levando em consideração que esta é uma pesquisa empírica qualitativa, detalharemos nossa análise a partir do exposto por Laurence Bardin no livro “A Análise de Conteúdo” (1977). Importante destacarmos que a análise de conteúdo se faz pertinente nesta pesquisa, haja visto que se trata de técnicas aplicáveis na exploração de comunicações, pois se trata de um campo vivo, muito dinâmico, com alterações diárias, as quais nos proporcionam dados suficientes para questionarmos a ruptura do tradicionalismo para uma abordagem pós-moderna, amparada pelo mercado

---

<sup>5</sup> Afirmação ou proposição aceita sem a necessidade de nenhum tipo de comprovação.

de consumo, em uma religião de base tradicional. Logo, será por meio desta abordagem, que poderemos compreender as mensagens das publicações sobre os cursos de formação sacerdotal.

Assim, baseando-se através das três etapas da análise expostas por Bardin (1977), a citar, pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados obtidos, elencamos alguns passos necessários para o trabalho com as fontes. Correspondendo à primeira etapa, teremos como base para análise de todas as publicações, a regra da homogeneidade, como um dos passos para classificação das publicações, já que ela estabelece a organização do *corpus* foco de análise, constando similaridades entre os materiais, sendo útil também para obter resultados globalizantes (BARDIN, 1975). Ainda neste momento, utilizaremos a regra da pertinência, pois os materiais devem ser propícios no sentido de serem “[...] fonte de informação, de modo a corresponderem ao objectivo [sic] que suscita a análise.” (BARDIN, 1975, p. 98).

No segundo passo, para exploração do material, a unidade de registro terá a funcionalidade de dar significado à codificação do material. Logo, o tema se torna uma unidade de registro importante, pois será por meio dela que a significação é evidenciada, pois

fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. (BARDIN, 1977, p. 105).

Dispondo de tais informações, durante a análise temática, o objeto, ou seja, daquele que o emissor fala, serão por nós considerados como temas eixos, já que é justamente por meio deles, que o discurso será edificado e organizado. Assim, segundo Bardin (1977), o tema enquanto unidade de registro é considerado como uma regra de recorte de sentido, sendo passível assim, a análise de valores, motivações, tendências entre outros.

Para tanto, iremos aplicar tal metodologia, com todas as ferramentas ora mencionadas, para analisarmos quatro publicações de cursos de formação sacerdotal. O primeiro denominaremos de ESCOLA A, com registros em sua *homepage* própria, desde 2015. O segundo será denominado como ESCOLA B, com divulgação dos trabalhos e ações desde 2006. E por fim, o terceiro curso será a ESCOLA C, com publicações numa conhecida rede social desde 2013.



Desta forma, a partir de tal metodologia, realizaremos nossa análise para entendermos quais os meandros que permeiam os cursos de formação sacerdotal de Umbanda. Todavia, para que seja possível absorver tudo o que a fonte pode nos fornecer, é impreterível realizarmos uma abordagem elucidativa à um elemento, o qual, é a válvula propulsora de toda essa dissertação, a religião.

Devemos ter em mente algumas concepções existentes sobre a temática. Segundo Silva Filho (2021), são várias as concepções etimológicas no que tange à palavra religião, destacando por exemplo *religio*, de origem latina

[...] que significa escrupulo, consciência, veneração, culto, referindo-se essencialmente às práticas de veneração aos deuses, feitas pelos antigos romanos. Essa origem, no entanto, é muito debatida, sugerindo outras hipóteses à sua significação: *religio* talvez venha do verbo *religare*, conectar, ligar mais forte. A religião seria, portanto, o laço, o elo que existe entre o indivíduo e a divindade. (SILVA FILHO, 2021, p. 07).

Tal abordagem da religião como *religare*, ou religar, advém das religiões abraâmicas, as quais concebem que os seres humanos, em determinados momentos de suas vidas, foram “desligados” de Deus, havendo a necessidade de refazer tal contato, pois “[...] imagina-se que os seres humanos por meio do *religare* retornarão ao paraíso, do qual saíram em razão do “pecado original.” (SILVA FILHO, 2021, p. 08).

Ainda segundo o autor, existem outras versões, como por exemplo *religio*, originária do verbo latino *religere* ou *relegere*,

[...] que significa, respectivamente, *reler* ou *reeleger*. Nesse aspecto, o filósofo Cícero diz que o supersticioso repete os ritos, várias vezes, por medo da morte [...] Segundo Santo Agostinho [...] como *relegere* significa reeleger, religião é escolher (eleger) Deus. E, como o ser humano é negligente e perde Deus incessantemente pelo pecado, a religião é também o fato de constantemente re-escolher Deus, de voltar para ele. (SILVA FILHO, 2021, p. 08).

O autor nos relata que nas línguas do Oriente Médio, não há uma locução direcionada à religião, no entanto, existem termos que nos remetem a circunstâncias presentes nela, como por exemplo

a palavra hebraica *Dath* quer dizer lei, decreto, édito, costume [...] Tem-se, também, a palavra *Pulkhan* – culto, rito, ritual, devoção, adoração. Há, ainda, o termo *Torah* que quer dizer direção, instrução, lei, e é designativo específico do Pentateuco, ou seja, dos cinco primeiros livros da Bíblia. Em árabe, há o vocábulo *Deen* que quer dizer fé, lei, decisão, recompensa, mas não há no Islã, uma palavra que designe religião. (SILVA FILHO, 2021, pp. 08-09).

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor destaca que o mesmo ocorre nas tradições africanas, pois não existem terminologias para a palavra religião, pois quando falamos na religiosidade dos povos africanos, devemos levar em consideração sua característica ampla, diversa e múltipla, assim como,

[...] não há como dizermos que a palavra religião seja a mais adequada para estabelecer o conceito da prática espiritual observada nas tradições africanas e afro-brasileiras; de todo modo, no campo das ciências sociais, entre outras, o uso do termo religião passou a ser comum para designar a série de práticas, ritos, rituais e atividades de origem ou influência africana, na África e no Brasil [...]. (SILVA FILHO, 2021, p. 09).

Ainda segundo Silva Filho (2021), a prática tradicional numa concepção religiosa, para muitos africanos não é entendida de acordo com os ditames do mundo individualista, moderno e ocidental, a qual enfatiza a preservação do “eu” individual, como um egocentrismo natural. Assim, tal concepção destoa da cultura tradicional africana, pois estas são embasadas em práticas ancestrais intrínsecas à sua existência enquanto elementos formadores de dada comunidade, haja visto, que não há plausibilidade na formação individualista, ou caminho solitário, para as religiões tradicionais.

Ainda nesse sentido, concebemos nesta dissertação, a ideia de comunidade, embasada nos escritos de Sàlámì e Ribeiro (2015), os quais concebem que os indivíduos envolvidos pela filosofia tradicional africana, possuem dentro de si, o sentimento atribuído ao grupo de pertença, onde,

o indivíduo não existe sem grupo e o grupo não existe sem indivíduos. Fora do grupo o sujeito não pode se desenvolver, porém a pertença grupal demanda paciência e tolerância, entre outras virtudes. A necessidade de respeitar para ser acolhido é reconhecida, sendo o respeito, pois, considerado o componente fundamental das relações. A questão relativa às relações entre os indivíduos e seu grupo de pertença acha-se bem expressa no dito africano sou porque somos, e por sermos sou. (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 99).

Destarte, segundo Silva Filho (2021), a comunidade tradicional possui um fluxo de comportamento natural de adaptabilidade, visando constantemente manter vivo seus costumes, rituais e práticas de uma forma geral, demonstrando sua vitalidade, vigor e resistência, no tocante às possibilidades de realidades as quais podem ser inseridas. Dito isso, essas comunidades visam sempre preservar a ancianidade, mantendo seu lastro de origem, o qual, mesmo sofrendo adaptações, mantêm o segredo, o secreto e o

sagrado do seu povo. Imbuídos de uma conduta ilibada e repleta de respeito e agradecimento à ancestralidade, não há o engessamento das práticas da busca pelo bem-estar e as mudanças comportamentais, tendo como base, uma exímia conduta moral humana.

Logo, dentro de um pensamento ancestral africano, trazemos à tona o conceito de *Ìwà*, que segundo Ribeiro e Sàlámì (2022), na perspectiva yorubá

[...] sintetiza o que chamamos de caráter e de personalidade e que inclui, além disso, atitudes, posturas, condutas, comportamentos, padrões de reação, em razão de as atitudes e os comportamentos expressarem a relação dinâmica entre personalidade e caráter. Tanto é assim que a educação iorubá tem por ideal formar *omoluwabi*, pessoas cujo *iwa* esteja bem desenvolvido, o que implica, necessariamente, a formação de indivíduos solidários. Pessoas dotadas de *iwa pele* têm atitudes reverentes, são serenas, responsáveis, pacientes, equilibradas e harmoniosas: demonstram possuir bom caráter e personalidade bem equacionada. (RIBEIRO e SÀLÁMÍ, 2022, p. 194).

Nessa mesma perspectiva, entende-se o adjetivo *Ìwà Pèlẹ* enquanto *Ìwà* – caráter, e *Pèlẹ* - benfazejo, amoroso, legal e honrado, pois, segundo Silva Filho (2013), em síntese, o melhor entendimento e tradução dessa aglutinação seria, a ética.

Assim, abordaremos a moral enquanto a prática da ética, passível de averiguação a partir do estudo de John S. Mbiti (1975),

devido a essa grande ênfase no relacionamento com outras pessoas, a moral evoluiu para manter a sociedade não apenas viva, mas em harmonia. Sem moral, haveria caos e confusão. A moral orienta as pessoas a fazer o que é certo e bom tanto para o seu próprio bem quanto para o de sua comunidade. Eles ajudam as pessoas a cumprir seus deveres para com a sociedade e desfrutam de certos direitos da sociedade. É a moral que produziu as virtudes que a sociedade aprecia e se esforça para preservar, como amizade, compaixão, amor, honestidade, justiça, coragem, autocontrole, ajuda, bravura e assim por diante. No lado oposto, a moral aguça a antipatia das pessoas e evita vícios como trapaça, traição, roubo, egoísmo, desonestidade, ganância e assim por diante. (MBITI, 1975, p. 175).

Corroborando com tal ideia, Sàlámí e Ribeiro (2015) explanam sobre o conceito *alákòso*, que a partir da reunião das características de *Ìwà Pèlẹ*, as pessoas por elas imbuídas, tornam-se naturalmente líderes, guias e mentores, capazes de proporcionar processos de mudança de comportamento e fortalecer os elos familiares entre os indivíduos nas mais diversas áreas da vida.

Destacamos que tais características são fundamentais na seara das religiões de presença africana. Dessa forma, entendemos a Umbanda enquanto uma religião que possui consigo toda essa carga de valores morais, os quais, a partir de um amálgama de tradições africanas em solo brasileiro, possui sustentação de seus rituais também na filosofia yorùbá, a qual de forma supracitada, preza pela importância do bom caráter e da mudança de comportamento.

Todos esses valores são essenciais ao bem coletivo, e que se manifestam desde uma visão teogônica originária yorùbá, em sua divindade primordial, a qual possui, segundo Silva Filho (2020), muitos nomes, entre eles: *Aláje* (o senhor da prosperidade), *Aláse* (o senhor do axé), *Elégbára* ou *Elégbàá* ou *Alágbára* (o poderoso), *Bara* (o espetacular, o maravilhoso), *Àkódá* (o primeiro criado), *Olónà* (o senhor do caminho), *Oníbodè* (o guardião entre o mundo espiritual e o mundo físico), *Òdàrà* (o espetacular), *Olópàá* (o senhor do cajado, policial), o qual, demonstra toda sua relevância, imponência, força, vigor, poder fálico constitucional, ou de fertilizador, que a partir de sua presença, manifesta a capacidade natural em todos os indivíduos, de executar mudanças comportamentais, as quais, muitas vezes em *Bara*, nos desembaralhamos.

Nesse sentido, Sàlámí e Ribeiro (2015) enfatizam que,

em Exu se reconhece o poder de melhorar o comportamento humano. Embora outros Orixás também realizem essa tarefa, é ele quem, por sua natureza e atributos, reúne maiores condições para trabalhar no sentido de favorecer mudanças pessoais [...] Fortalece as pessoas para que possam enfrentar as dificuldades da vida e se tornem capazes de promover em si e em seu entorno as mudanças necessárias. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p.176).

Nesse caminhar, abordaremos nesta pesquisa, o frenesi mercadológico dos cursos de capacitação sacerdotal, sejam eles promovidos presencialmente ou à distância. Assim, observamos em Èṣù por meio dos estudos de Sàlámí e Ribeiro (2015) e Ribeiro e Sàlámí (2022), que o mesmo é elemento chave, enquanto poder organizador da ordem do universo numa perspectiva de distorção das tradições, numa ideia de facilitação. Essa divindade, possui a capacidade de nos conduzir para que tenhamos a “[...] escolha e decisão nas encruzilhadas tão numerosas do caminho existencial.” (RIBEIRO e SÀLÁMÍ, 2022, p. 194) mais fidedignas com os nossos valores de vida.

Por meio da ética manifestada por Èṣù, haja visto a perspectiva de um pensamento tradicional, as religiões de presença africana, na ideia de adaptação sócio geográfica,

respeitam suas origens e lastro ancestral, que no desenvolvimento natural sempre foram vistas como algo fundamental para a manutenção e preservação de sua existência. Inseridos no contexto da sociedade de consumo, na qual esses cursos supracitados promovem, concordamos com o explanado por Sofia Passos Ramos (2015), que

[...] as pessoas encarnam a personalidade dos objetos cobiçados, e dessa forma conquistam o passaporte para sua inserção em domínios deslocados, convencendo-se de que realmente pertencem a uma nova realidade. (RAMOS, 2015, p.01).

Indo ‘de encontro’ a necessidade de consumo, mas ‘ao encontro’ do que a tradição prega, a ideia de adaptabilidade é algo natural, onde em alguns momentos, rituais e ritos, precisaram passar por adequações para que não deixassem de existir, porém, sendo preservados os aspectos de fundamentos primordiais, com bases éticas em suas tradições, sem o invencionismo motivado pela sociedade de consumo.

De diversas formas, há o rompimento de valores éticos que não respeitam a sabedoria ancestral, criando seus próprios conceitos e fundamentações, com o intuito de atrair pessoas motivadas por interesses próprios, bem como econômicos e de poder muito bem definidos.

Assim, presente em todas as vias que compõem as encruzilhadas até aqui expostas, enfatizamos que o Orixá Èṣù, é imprescindível em nosso debate, e perpassará por toda dissertação. Num primeiro momento, enquanto alvo do processo de demonização, que abordaremos do século XVI até meados do século XX, momento este, com a atuação muito forte de teorias raciais em voga no Brasil. Em seguida, enquanto divindade da comunicação, mas que também, por meio de uma visão racista que implanta a desinformação do que venha a ser uma força trickster<sup>6</sup>, Èṣù nos faz problematizar se o que está sendo transmitido nos cursos de capacitação, estão seguindo o crivo ético èṣùano<sup>7</sup> ou não. E por fim, no terceiro momento, enquanto divindade fálica e proporcionadora de um possível renascimento da filosofia e tradição africana.

Dessa forma, é passível de constatação, que interagiremos em nossa dissertação com um tridente èṣùano, o qual, nos auxiliará a estruturar nossa dissertação em três

<sup>6</sup> Força mobilizadora que pratica truques de ação contra a letargia, conflitos e ações contrárias ao bem comum.

<sup>7</sup> Ao utilizarmos a nomenclatura èṣùano ou èṣùana, estaremos nos remetendo ao Orixá Èṣù.

capítulos. O tridente para muitos umbandistas virou símbolo de união dos elementos primordiais, os quais, aqui nessa dissertação, traremos à baila da seguinte maneira.

O fogo, sendo a queima e a constante anulação da teogonia africana em um processo de demonização e racismo religioso devastador, onde faremos um apanhado histórico e sociológico que constituíram o processo de tráfico forçado dos africanos para o Brasil, com toda sua carga cultural e religiosa, os quais, fundamentam o processo de constituição da religião Umbanda.

A água, é a sociedade contemporânea líquida e fugaz que vivemos, onde tais cursos de capacitação, disseminam a cada dia mais, o epistemicídio sacerdotal. Desta forma, analisaremos no segundo capítulo deste trabalho, que os cursos de capacitação sacerdotal, têm se valido de uma dita visão de que esse caminho, trará sentido na vida das pessoas, de forma simplificada, porém, seguindo os ditames de uma perspectiva formatada e auto denominada como evolucionista.

Desta forma, trará toda uma base fundamentada em escritos e conceitos, como uma espécie de encaixotamento de ideias, as quais, visam facilitar a compreensão, porém, não levando em consideração, que a Umbanda e toda sua base de formação, um dia, se importou em assistir o público que fora marginalizado pela alta sociedade brasileira, sendo sobrepostos, anulados e/ou excluídos.

O ar será compreendido, enquanto a constante luta pela sobrevivência das religiões de presença africana na atualidade, buscando fôlego por meio da ética e vitalidade promovidas pelo axé de Èṣù.

Por fim, direcionaremos esse trabalho ao aterramento de que forças que se dissipam, se estabilizam, enquanto seres coletivos que devem carregar valores ancestrais, sendo assim, a tradição èṣùana fálica, a base para a manutenção da essência, sabedoria, conhecimento e tudo o que as religiões de presença africana promovem, enquanto algo sublime.

Enquanto uma religião de múltiplas pertencas, uma das encruzilhadas que a Umbanda se fundamenta, são os ancestrais e seres encantados dessa “terra brasilis”, assim como, na tradição indígena brasileira e africana.

Vale ressaltar, que esse pertencimento africano hereditário da Umbanda, é repleto de uma característica consciente e ética de que, segundo diz o ditado popular, “os meus olhos são incapazes de enxergar a minha própria cabeça”, o que na pertença

supracitada, por maior que seja o conhecimento de uma pessoa, o autodiagnóstico é algo isento de sentido, repleto de soberbia e vaidade.

Assim, observamos que as relações entre as pessoas vão sendo apagadas, e o que se instaura, é a mistificação de que são as mercadorias que estabelecem as relações entre si. O ato da compra, é uma troca mercadológica e de interesses na obtenção de resultados imediatistas. Assim, as relações humanas vão para um segundo plano e as mercadológicas passam a pertencer ao plano principal.

Consideramos o exposto acima, relacionado a um sentimento de compensação que a partir dos estudos de Hipócrates (460 a.C. - 370 a.C), o corpo humano resultou no modelo dos quatro fluídos, ou “humores”, sendo eles, o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra, e que a predominância de cada um deles, estaria associada a uma série de características corporais, que se enquadrariam no tipos, sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico, onde a partir dessa melancolia, Hipócrates associou as caraterísticas físicas, às psicológicas, sendo essa, a primeira tipologia dos temperamentos humanos.

Tais considerações expostas há milênios, são passíveis de constatação no século XXI, pois diante de um sentimento gerado a partir de um rigoroso isolamento social promovido pela pandemia do COVID-19. Nesse ambiente, houve uma alta na demanda de procura por conteúdos de interesses de bem-estar pessoal, que religiosamente falando, ajudou a proporcionar a expansão de um mercado de autocuidado, que coaduna com a ideia de sacerdotes de si mesmos, o qual, é alicerce de uma vasta dinastia colonizadora e religiosa que de forma mascarada, seduz e induz a falência tradicional da Umbanda.

Tendo em vista essa melancolia profunda humana e a perda da liberdade natural, os cursos de capacitação para os futuros e existentes sacerdotes de Umbanda dessa pós-modernidade, se expandem, motivados pela formação de um viés coletivo social, de preenchimento do estado de vazio existencial, contemplação de seus anseios e curas dos mais diversos sentimentos pessoais.

## 1 DE LEÕES GUERREIROS À CORDEIROS TRABALHADORES DO BEM

### 1.1 A TRISTE HISTÓRIA DE FELICIDADE EM CAMINHOS DE AMARGURA

#### **Ponto de Exu Tiriri**

Essa é uma história, que aconteceu comigo  
Andava pela rua, e no caminho só perigo  
Eu não tinha paz, eu não tinha verdade  
Nos caminhos da amargura, buscava felicidade

Foi então que no meio da encruza  
Avistei um homem com tridente na mão  
Me disse moço, não temas o perigo  
Pois Exu é caminho, estou aqui pra lhe ajudar

Quando precisar é só chamar por mim  
Sou seu amigo, guardião, eu me chamo Tiriri (2x)

É Tiriri, rei da encruza  
É Tiriri, rei da calunga  
Seu Tiriri, é rei em qualquer lugar  
E não há portas fechadas, quando vem pra trabalhar (2x)

(Ponto Cantado)

Partindo da anulação dos povos tradicionais em solo brasileiro, esses passaram e passam por um processo de demonização teogônica e de ostracismo, numa espécie de crivo zoroástrico, da luta entre o bem e o mal, a luz e a sombra, onde em terras brasileiras, a partir do século XIX, tem como foco personificado desse processo vil, a divindade Èṣù, a qual, é primordial na ligação entre os planos, material e espiritual.

É salutar que inicialmente, façamos uma construção histórica e relembremos da África, um continente de história longínqua, com diversidade étnica, cultural, linguística e religiosa, as quais contribuíram para o surgimento, de diversas religiões, como por exemplo, o Zoroastrismo, Xamanismo, Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, entre outras, assim como, a própria Kimbando. Nesse caso, tal religião sempre foi permeada por diversas filosofias e concepções de práticas autóctones, que em sua história passou por um processo de total desmantelamento, anulando toda uma



riqueza litúrgica, o que em alguns momentos acabou desenraizando todo um povo de sua tradição embrionária.

Nesse momento, se faz de extrema pertinência, dialogarmos sobre o início da relação ocorrida entre Brasil e África. Destacamos que não estamos desconsiderando a história da África, dos seus diversos reinos, culturas e povos, porém, nosso escopo nessa dissertação, versa sobre a necessidade de compreendermos como se deu o início da relação entre Brasil e África, tendo como ponto de partida, a ocupação dos portugueses na costa brasileira no século XVI.

A literatura nos fornece uma gama de informações sobre a vinda forçada de africanos escravizados para o Brasil, principalmente a partir de 1533, para o cultivo de cana-de-açúcar e a construção do primeiro engenho, na região da vila de São Vicente, no estado de São Paulo. Com a chegada ao Brasil dos primeiros africanos escravizados, inicia-se uma longa fase de íntima ligação baseada principalmente no tráfico, que se estende até 1850 quando inicia seu declínio, com a Lei Eusébio de Queiroz.

Mas até esse processo se configurar em território brasileiro, muitas eram as formas que envolviam a vinda dos africanos escravizados. Segundo Eliane Cristina Moraes Santos (2020), após atravessarem longos caminhos rumo ao navio negreiro a noite, para que dessa forma, fosse impossível reconhecer o percurso caso fugissem, chegavam ao forte e eram aprisionados como uma vitrine, para comercialização. Em seguida, passavam por um ritual, desenraizando seus valores sócio culturais, religiosos, ancestrais, sendo “absorvidos” pela conhecida, árvore do esquecimento, a fim de que passassem por um processo de renascimento, com uma suposta “lavagem cerebral”, sendo incutido em suas mentes a ideia do deus uno, da dicotomia universal, do pecado e da perversidade criada pela subserviência ao homem branco europeu, estruturada pela visão de que povos além da Europa seriam inferiores.

Para tanto, visando tornar possível esse processo de olvidamento, tais árvores eram utilizadas como base de ritual, como lembra Santos (2020), onde as mulheres eram forçadas a dar sete voltas em torno dessa árvore, e os homens nove, pois representava o intuito de esquecerem não só a sua cultura, mas no que tange o espiritual, fosse também possível quebrar qualquer feitiço que pudessem jogar sobre esses homens que estavam capturando-os.

Há relatos, segundo Santos (2020), que algumas pessoas desenvolveram estratégias de preservação das suas raízes ancestrais, por exemplo, ao serem “[...] transportadas nos tumbeiros levavam consigo, escondidas nos cabelos, sementes do Baobá.” (SANTOS, 2020, p. 163). A lavagem cerebral foi tão forte, que muitos renegaram a sua história, sua ancianidade, sua ancestralidade, pois se observarmos o que realmente perpassa na mente do africano tradicional, o sentido de lembrar do seu ancestral, lembrar de onde você vem, às suas raízes, isso é fundamental e muitos que passaram por esse ritual, de fato esqueceram até, de onde vieram.

Importante destacarmos que essa atitude do colonizador em realizar um ritual em torno de uma árvore se tornou prática imprescindível, pois, para o povo africano, esta representava a sustentação de suas memórias e vínculos com sua terra natalícia, proporcionando assim, por meio do ritual supracitado, a garantia da submissão desse povo aos comandos do colonizador, tornando possível a ideia de não pertencer mais a lugar algum e perdendo sua noção de existência humana.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez (1988) nos fornece um aporte conceitual imprescindível, na composição da característica da presença africana no continente americano. Segundo a autora,

os termos “Afro-American” (afroamericano) e “African-American” (africanoamericano) remetem-nos a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos e não em todo o continente. [...] As implicações políticas e culturais de Amefricanidade (“Amefricanity”) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo [...] Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo processo histórico de intensa dinâmica cultural [...]. (GONZALEZ, 1988, p.76).

A Amefricanidade para nós é essencial neste trabalho, pois consideramos as religiões de presença africana, e neste caso, a Umbanda, como fundamentais para a manutenção da herança africana em nosso país, pois, já no momento escravocrata, a Amefricanidade se fazia presente nas estratégias de sobrevivência, de resistência da cultura, costumes, organizações políticas e sociais, como nos casos dos quilombos etc. Dessa forma, tendo em mente tal relação da Umbanda com a Amefricanidade, temos subsídios sólidos para reconhecê-las enquanto “[...] um gigantesco trabalho de dinâmica

cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos.” (GONZALEZ, 1988, p. 79).

Entretanto, destacamos que o processo de racismo extremo em relação aos povos africanos, e existente até os dias atuais, teve início no século XV, onde os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, detentores das habilidades com as navegações pelos mares, criaram rotas acessíveis para comercialização de diversos produtos, rumo à África Ocidental e Ásia.

Durante tais expedições contornando a costa ocidental africana, denominada de Périplo Africano, os portugueses instalaram diversas feitorias, as quais tinham as funções administrativa, alfandegária, militar e comercial. Nestas, eram realizadas a comercialização de alguns produtos naturais com os nativos africanos, ainda sem intenção de colonizar o continente.

Inseridos nesse cenário, temos a chegada em solo brasileiro de Pedro Álvares Cabral (1467-1520) e sua comitiva em 22 de abril de 1500, e no dia 26 de abril do mesmo ano, foi realizada a primeira missa em território brasileiro, celebrada pelo padre e bispo Henrique de Coimbra (1465-1532). Tal ação pode ser considerada, como o primeiro processo de inserção das concepções religiosas da Igreja Católica, visando agregar a conquista de novos territórios, juntamente com a expansão da fé cristã.

Assim, com o processo de ocupação e colonização do Brasil, a metrópole passou, de forma paulatina, a desenvolver um interesse em povoar a nova colônia, para solidificar-se enquanto potência europeia. Isto posto, num primeiro momento, contou-se com a exploração da mão-de-obra indígena, principalmente para a aquisição e venda do pau-brasil, árvore de grande porte cuja madeira possui a funcionalidade de corante de tecidos.

Para que tal exploração fosse a cada dia mais estabelecida e bem sucedida, foi imprescindível a vinda da ordem religiosa Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola (1491-1556), com a intenção de “[...] efetuar trabalho missionário e de apoio hospitalar em Jerusalém, ou para ir aonde o papa quiser, sem questionar.” (AS CIÊNCIAS..., 2014, n.p.).

Em 1549, seis jesuítas dessa ordem religiosa chegaram ao Brasil, juntamente com o primeiro Governador Geral, Tomé de Souza (1503-1579), com o viés exclusivo de

manter regularidade de suas ações missionárias. (TAVARES, s.d, n.p). Segundo Célia Cristina da Silva Tavares (s.d), foi a partir de 1556 que chegaram ao Brasil as Constituições da Ordem, onde houve a estruturação das escrituras e com isso, vários foram os inacianos radicados, como

[...] Manuel da Nóbrega, João Azpilcueta, Leonardo Nunes, Antônio Pires, Diogo Jácome e Vicente Rodrigues. A este núcleo inicial somaram-se outros nomes ao longo do século XVI, dentre os quais o famoso José de Anchieta. O significativo crescimento dessa congregação religiosa no Brasil acompanhou a tendência geral de expansão da Companhia de Jesus. (TAVARES, s.d., n.p.).

Nesse ensejo, destacamos a figura de Padre José de Anchieta (1534-1597), o qual criou uma espécie de dicionário tupi-português a partir do convívio com a língua tupi, intitulado “Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil”, de 1595. Temos nesse caso, a exemplificação da tentativa de aproximação dos jesuítas para com os nativos, com a intenção de catequizá-los de forma menos desgastante e mais profícua, inculcando forçosamente a cultura europeia e os valores cristãos e católicos.

Anos depois, em meados do século XVII, o padre Antônio Vieira, investiu em ações pedagógicas da Companhia de Jesus, com maior número de trocas culturais entre povos originários e missionários cristãos. Nesse sentido, diversas foram as ações no quesito econômico, como fazendas de plantações, criação de gado e no caso da região norte, a exploração e comercialização das drogas do sertão. Pertinente destacar que tais iniciativas “[...] despertaram inimizades e disputas com outras ordens religiosas e autoridades governamentais.” (TAVARES, s.d., n.p.).

Nesse sentido, a conquista, expansão e manutenção de tal poder econômico tomou grandes proporções, causando diversas oposições contra à ordem dos jesuítas durante o século XVIII, ocasionando a criação de “duas bulas papais de 1741, que proibiam aos missionários qualquer comércio e o exercício de autoridade secular, foram reafirmadas pelo marquês de Pombal na tentativa de minimizar o poderio dos inacianos.” (TAVARES, s.d., n.p.).

Podemos ainda considerar, que a vivência entre missionários jesuítas e os indígenas, ora era conflituosa, ora amena. Para tanto, houve a necessidade em estabelecer um convívio e um contato maior com os nativos, assim,

a incorporação dos conhecimentos indígenas começava com a aprendizagem das línguas indígenas, dos saberes tradicionais e sobre a natureza do entorno

das reduções e dos colégios da Companhia de Jesus. (AS CIÊNCIAS..., 2014, n.p.).

Podemos constatar assim, que desde o século XVI, a religião, nesse caso, o catolicismo, foi foco propulsor de uma espécie de comércio, a qual visava domesticar os nativos, para que pudesse proporcionar para a Igreja Católica, a obtenção de maiores poderes, pois, “[...] os sacerdotes enfrentariam e confrontariam os costumes indígenas, classificando-os como pecados que deveriam ser dissipados.” (LIMA, 2009, p. 04).

Os processos de escravidão presentes no continente africano, não remontam apenas a partir do século XV, como nos demonstra Analúcia Danilevitz Pereira (2020) ao explicar que importantes e variadas civilizações se desenvolveram na África

[...] permitindo o domínio de técnicas posteriormente exportadas para o Novo Mundo. Tais culturas já tinham na escravidão uma prática consolidada, tendo sido encontrados registros egípcios datados do segundo milênio antes de Cristo detalhando as capturas na região da Núbia. Essa instituição, contudo, torna-se rotineira apenas a partir do contato com os povos islamizados do norte do continente, que desde o século IX empreendiam expedições com tal objetivo ao sul do Saara. Diversas sociedades africanas passaram, assim, a basear-se fortemente em laços escravocratas. Os tuaregues tinham, no início do século XIX (destaca-se, antes da interferência direta europeia), 70% da população constituída por escravos; a região do Sahel, cerca de 50%; e os grandes reinos do continente, nas proximidades da floresta tropical, uma porcentagem de aproximadamente 20%. (PEREIRA, 2020, p. 14).

Nesse caminhar, tal prática se intensifica e a partir do século XV, com a quebra do monopólio português na Ásia pelos holandeses e ingleses, há um contínuo estabelecimento de empresas coloniais, que possui como base do seu sistema econômico, a exploração de mão-de-obra, principalmente africana. Assim, Marian Malowist (2010) nos afirma que no recorte temporal de 1500 a 1800 houve

[...] um novo sistema geoeconômico orientado para o Atlântico, com seu dispositivo comercial triangular, ligando a Europa, a África e as Américas. A abertura do comércio atlântico permitiu à Europa e, mais particularmente, à Europa Ocidental, aumentar sua dominação sobre as sociedades das Américas e da África. Desde então, ela teve um papel principal na acumulação de capital gerado pelo comércio e pela pilhagem, organizados em escala mundial. A emigração dos europeus para as feitorias comerciais da África e dos territórios da América do Norte e do Sul fez surgir economias anexas que se constituíram no além-mar. Estas desempenharam, em longo prazo, um papel decisivo na contribuição para a constante ascensão da Europa que impingia sua dominação sobre o resto do mundo. (MALOWIST, 2010. p.01-02).

O autor nos informa que o domínio das rotas de comércio de ouro e escravos foi estabelecido pelos portugueses, devido seu sucesso do monopólio do comércio no

Marrocos, justamente num momento em que várias nações europeias como Inglaterra, França, Portugal e Espanha, disputavam inúmeros territórios do continente africano com o Império Otomano.

Assim, a relação entre portugueses e africanos ocorreu desde o século XV, devido a produção de açúcar em algumas colônias na costa da África, como por exemplo nas ilhas Madeira e Cabo Verde, entre outras, pois foi durante a expansão marítima comercial a caminho do oriente, que

[...] os portugueses se apropriaram do tráfico negreiro pré-existente na África e canalizaram essa mão de obra para suas lavouras tanto nas ilhas do Atlântico quanto no Brasil. Isso sem contar que comercializar gente era uma atividade altamente lucrativa, fazendo com que outros países da Europa também exercessem esse comércio para abastecer suas respectivas colônias. Então o tráfico possibilitava fabulosos ganhos de capital, gerava renda para a Coroa e todos os envolvidos no processo. Mantinha as lavouras de cana permanentemente abastecidas. (SILVA, 2009, p. 162).

Para manter seu domínio e poder de comércio, inclusive ultramarino, os laços com o Brasil foram solidificados, logo, o perfil de captura dos escravizados passou por mudanças, onde outrora a preferência era por mulheres e crianças, passou a ser por homens jovens e capazes de suportar os rigores do trabalho enquanto escravizados.

As formas e estratégias de captura eram diversas, como prisioneiros de guerra, condenados por feitiçaria, adultério, roubo ou assassinato, rapto em pequenas vilas, entre outras. Segundo Antonio Gasparetto Júnior (s.d.),

a maior parte dos escravos vindos da África Centro-Occidental era fornecida por chefes políticos ou mercadores, os portugueses trocavam algum produto pelos negros capturados. A proveniência dos escravos percorria toda a costa oeste da África, passando por Cabo Verde, Congo, Quíloa e Zimbábue. Dividiam-se em três grupos: sudaneses, guinenos-sudaneses (sic) muçulmanos e bantus. Cada um desses grupos representava determinada região do continente e tinha um destino característico no desenrolar do comércio. (GASPARETTO JÚNIOR, s.d., n.p.).

Assim, segundo o autor, os bantus, que foi o primeiro grupo de escravizados a desembarcar no Brasil, no século XVI, era um grupo mais numeroso, sendo divididos em angola-congoleses e moçambiques. O grupo dos guineo-sudaneses muçulmanos era composto pelos fula, mandinga, haussas e tapas. E divididos em três subgrupos, os sudaneses eram constituídos pelos jejês, fanti-ashantis e yorúbás, originários da Nigéria, Daomé, atual Benin, e Costa do Ouro, atual Gana, destinados geralmente à Bahia.

O tráfico de escravos era racionalizado friamente pelos europeus, além de fonte de aquisição de riquezas, mas também como uma oportunidade para o africano de ser salvo, haja visto que “[...] não sendo cristãos, os negros haveriam de ser condenados por toda a eternidade se eles ficassem em seus países. Logo, um outro argumento foi enunciado: os negros são descendentes de Ham, que foi amaldiçoado, e, por isso, são condenados à escravidão perpétua.” (MALOWIST, 2010. p.08).

A vinda forçosamente de tais grupos para o Brasil, representa as relações ocorridas entre portugueses e africanos, pois, além de interesses de expansão territorial, exploração de riquezas minerais, busca de mão-de-obra barata e trocas comerciais, existia um grande processo religioso de ampliação do poderio e afirmação política, econômica e social, com ênfase na questão étnico-racial, visando uma desassociação de um povo que enxergava e enxerga tudo como sagrado, para uma construção teológica estruturada na luta contra o profano.

Indubitavelmente, não conseguiremos esgotar toda o debate acerca desse tema tão importante para a história do Brasil e de toda população brasileira, pois esse quadro que acabamos de apresentar de forma sucinta, é o início de diversos desdobramentos que geraram descasos sejam sociais, econômicos, educacionais, políticos e religiosos, que percorreram toda a história nacional e que infelizmente, ainda hoje, temos o desprazer de sermos noticiados com informações de racismo e ataques às diversas características e assuntos que permeiam a população preta nacional. Porém, tais fatos, também nos dão plenas condições que utilizaremos como arcabouço teórico, para colocarmos em pauta em nossa atual discussão, com foco no viés especificamente religioso de todo um povo que contribuiu de forma extensa, para a formação do Brasil.

Assim, nessa encruzilhada, sem desconsiderarmos as demais etnias, pois as mesmas são passíveis de diversas análises acadêmicas, destacamos que para nossa atual pesquisa, daremos ênfase a presença cultural, social e religiosa dos yorùbá no Brasil, principalmente a partir do século XIX, haja visto que o conceito de Orixá é fundamento de seu panteão.

### 1.1.1 A presença Yorùbá em solo brasileiro

A vinda do povo Yorùbá para o Brasil foi acompanhada por diversos conceitos, fundamentos e práticas milenares relacionadas aos Orixás. Este termo é compreendido neste estudo, a partir da junção de duas palavras, *Òrì* - senhor da nossa criação, consciência divina) e *şà* (xá) - a escolha do *Òrì*, a mais bem adequada que trará reorganização, força e capacidade de aperfeiçoamento do comportamento humano.

Para esse povo, um ser humano sem um comportamento relevante ao ganho comunitário, que não possua a noção de práticas morais que tragam benefício ao bem comum, é o mesmo que um bicho vestindo pele de gente. Para os Yorùbá, as pessoas dotadas de um caráter benfazejo, que vivem em função do pensar no todo a sua volta, priorizam sempre o comportamento que agrega valores positivos para o mundo como um todo, agindo com polidez, fidelidade, verdade, confiança, sinceridade, sensatez, paciência, prosperidade, tolerância, coragem entre outros. Sendo assim, essas pessoas dotadas de tais virtudes, recebem bençãos divinas, onde para esse povo, o comportamento ilibado é sinônimo de uma pessoa bem guiada pelos seus ancestrais, que também podem ser os Orixás.

Destacamos que para o pensamento tradicional africano, não existe uma dicotomia entre sagrado e profano, pois, tudo é sagrado o tempo todo, divergindo assim, completamente da visão cristã. Os cristãos acreditam que para que haja a aproximação de deus e das suas divindades, é necessário aderir à uma estrutura dogmática, tendo como uma de suas bases, o pecado, a dor e o sofrimento, proporcionando assim, uma visão divergente no que tange ao bem-estar e a felicidade africana.

Neste sentido, os indivíduos praticantes do catolicismo,

(...) eram considerados “homens de Deus”, pois seguiam uma religião correta. Aqueles que seguiam a religião tradicional, como a Kimbando, entre outros cultos tradicionais bantu, foram considerados “homens do diabo”, pois professavam uma religião primitiva e atrasada, típica do demônio (...) (SILVA FILHO, 2015, n.p.).

Logo, vários foram os aspectos dignos de ressalvas, aos quais tal etnia esteve envolvida, a começar com a figura de Samuel Ajayi Crowther (1809-1891), que além de ser o primeiro bispo anglicano na África, catalogou e traduziu palavras yorùbá para o



inglês, em seu livro “*Vocabulary of the Yoruba Language*” (1852), além de realizar a tradução da Bíblia para o yorùbá.

A fim de tornar possível a elucidação de uma luta entre o mundo das sombras e os seres da luz, o que dar-se-á no entendimento entre profano e sagrado, observaremos a atuação de Samuel Ajayi Crowther. Vendido como escravo, ganhou a liberdade após o navio negreiro no qual ele estava, ter sido interceptado pela Marinha Britânica. Nesse país, conheceu o cristianismo, foi batizado e anos depois, a partir de 1826, participou de uma escola missionária na Inglaterra, e após diversas ações missionárias, foi ordenado em 1864 “[...] como o “Bispo dos países da África Ocidental além dos caminhos da rainha”” (ARIKE, 2020, n.p.).

Crowther, além de catalogar e traduzir o yorùbá para o inglês, foi o responsável pela tradução da Bíblia para essa língua, convertendo o significado de termos para o viés cristão. Visou assim, criar um entendimento para possíveis novos adeptos, nesse sentido, o povo supracitado, que passaria por um processo de compreensão e relacionamento com o sistema cristão. No entanto, o primordial Orixá para os africanos, Èṣù, passou por tal conversão, sendo correspondido diretamente com o diabo, pois em seu livro “*Vocabulary of the Yoruba Language*” (1852), ele considerou a divindade “Èṣu, s. *devil*; *Satan*. – Èṣu kò ni ìwa ako ille rè si ità, “As the devil has no (kindliness of) disposition, his house is made for him in the street (by itself).””<sup>8</sup> (CROWTHER, 1852, p. 87).

Percebamos assim, que a partir de tais nuances até então destacadas, poderemos compreender um pouco mais, como as religiões originárias africanas, passaram por diversos momentos de construção, consolidação, e principalmente, após o contato com o “velho mundo”, de dismantelamento, cancelamento, negação e desconfiguração de suas práticas, ritos, rituais e tradição.

---

<sup>8</sup> “Como o diabo não tem (bondade de) disposição, sua casa é feita para ele na rua (por si próprio).” (CROWTHER, 1852, p. 87).

## 1.2 “QUEM NUNCA VIU VENHA VER, CALDEIRÃO SEM FUNDO FERVER”

### Ponto de Exu

Deu meia noite cemitério treme  
Catacumba racha e defunto geme (2x)

Quem nunca viu venha ver,  
Caldeirão sem fundo ferver (2x)

(Ponto Cantado)

Nesse sentido e tendo em mente a pertinência yorùbá em todo esse processo, destacamos que Èṣù possui inúmeras qualidades que são intrínsecas a ele, as quais foram concedidas por Eledumarè<sup>9</sup>, tornando-o uma divindade vital, sendo o princípio e a base essencial para a existência, formação e as ações das religiões de presença africana.

Pontuamos neste momento, algumas de suas qualidades, como mantenedor, distribuidor do Axé e *Olópàá*, o qual, nesse drástico processo demoníaco supracitado, foi completamente desfigurado, passando de uma força organizadora e que permite que as manifestações espirituais nos cultos ocorram, para um perturbador da ordem.

Em alguns contextos, enquanto fator organizacional, Èṣù, na qualidade de trickster prega peças para trazer à tona, a verdade que habita em cada um de nós, independentemente do contexto social ao qual estejamos inseridos. Porém, o olhar para o ser trickster, passou a ser concebido como um dito perturbador da harmonização energética dos espaços de terreiro. Segundo Stefania Capone (2004),

as contradições trazidas pela modernidade encontram na figura de Exu um símbolo poderoso. Exu encarna o herói ambíguo, o *trickster* cujas armas são a esperteza, a mobilidade, a sorte. Ora, a sociedade brasileira é uma sociedade ambígua, estruturada em função de uma pequena elite. É uma sociedade que propõe aos indivíduos objetivos sociais que nunca poderão atingir, os quais criam necessidades que não poderão ser satisfeitas. No contexto dos cultos afro-brasileiros, Exu representa, então, uma solução possível para o conflito entre um ideal irrealizável e uma realidade em que as possibilidades de ascensão social são muito reduzidas. Exu é o dono da magia, o senhor do destino: por seu intermédio, torna-se possível influir na vida cotidiana. O Exu africano, portanto, transforma-se para se adaptar a uma nova realidade. Ele passa a ser brasileiro! (CAPONE, 2004, p. 26).

---

<sup>9</sup> Ser supremo.

Desta maneira, em um amalgamento de formação umbandista, em meados do século XX, com a expansão do conhecimento sobre a existência de seres espirituais, que se auto denominavam Exus, Aluízio Fontenelle (1954), desenvolveu uma obra, numa vertente eurocêntrica, a qual criou uma relação entre esses seres e os demônios da Goétia<sup>10</sup>, os quais apresentam-se

[...] com três denominativos que são: Lúcifer, Béelzebuth, Aschtaroth, Exu-Rei [...] Lúcifer, tendo como assistentes: Put Satanakia e Agalieraps, dois anjos decaídos, que hoje nas Umbandas são invocados mais comumente como: "EXU MARABÔ" e "EXU MANGUEIRA". [...] Tarchimache e Fleruty, conhecidos nas Umbandas com as denominações: "EXU TRANCA-RUAS" e "EXU TIRIRI", respectivamente. (FONTENELLE, 1954, pp.104-106).

Dessa maneira, dentro de uma perspectiva atual da religião Umbanda, ocorre uma necessidade de reparar abordagens anteriores, a respeito da demonização hereditária aos Exus, ou povos de rua, pois, entendendo a importância, o sentido de organização, equilíbrio, respeito, ordenamento e a segurança que esses seres sempre trouxeram para nossas vidas, agora, foram transformados meticulosamente em “amiguinhos” e “guardiões”, como espécie de bichinhos de estimação domesticados, pronto para atender todo e qualquer chamado, onde muitas vezes, serão considerados como escravos ou “catiços”. Com o amálgama sócio cultural, observamos Èşù enquanto Legba<sup>11</sup>, e tais povos supracitados, trazem características semelhantes à essas divindades, que segundo Luiz Antonio Simas (2020),

AS RUAS, encruzilhadas e mercados para o povo do Daomé, têm a sua divindade: Legba. [...] Em suma: mediador entre mundos. [...] Ele é um estado de disponibilidade para transformar o mundo que vivem em cada um. [...] Legba, diz o povo do vodum, mora na rua. (SIMAS, 2020, pp. 15-16).

Explanaremos também, sobre a análise do processo da demonização èşùana supracitada, destacando a relação intrínseca entre Kimbanda<sup>12</sup> e Umbanda, pois como nos lembra Huldra Silva Cedro da Costa (2013), o vocábulo Umbanda é proveniente da palavra Kimbanda. Na origem, os kimbandeiros, ou erveiros, eram os manipuladores de

<sup>10</sup> Práticas mágicas que são vistas como não naturais, proibidas ou diabólicas.

<sup>11</sup> Ressaltamos que Legba, divindade do povo do Benin simboliza a fecundidade, se encontra no limiar das entradas e saídas das cidades, casas e encruzilhadas.

<sup>12</sup> Destacamos que nesse estudo proposto, optamos pela utilização da nomenclatura Kimbanda com a consoante inicial “K”. Segundo João de Freitas em seu texto “Xangô Djacutá”, (s.d.), a palavra Kimbanda foi uma alteração da grafia Kibundo, presente no dialeto Nheengatu, de origem indígena tupi.

elementos de cura, seja ela física, emocional e/ou espiritual. O kimbandeiro, era o grande conhecedor das manipulações das ervas e dos mais variados elementos da natureza e suas propriedades de cura. Conhecedores desses saberes milenares, curavam as pessoas por meio de diversas práticas ritualísticas.

Logo, no início do século XX, a partir das ideias de Leal de Souza (1880-1948), unido à intelectualidade e a elite brasileira, visando o desenvolvimento da religião Umbanda, por meio das suas perspectivas que embasavam as ideias do *status quo*, das ordens iniciáticas<sup>13</sup>, da Gnosis<sup>14</sup> e da Goétia e do Maniqueísmo, utilizaram diversas estratégias para erguer e manter a religião viva, numa ideia de embranquecimento social, agora, projetado para o aspecto religioso. Dessa forma, uma religião que deveria ser considerada de presença africana, passa a ter um olhar de dentro para fora, de extirpação dos valores e fundamentos dos seus ancestrais de origem negra.

Assim, toda uma base ancestral de concepção teogônica, compreendida pelos povos negros, eram anuladas e substituídas pela visão eurocêntrica, elitista, cristã, meritocrata e política, que visava exterminar das mais variadas formas, a filosofia e prática da Kimbando tradicional. Essa, já chegou em território brasileiro, também sendo mal compreendida, pois aqueles que não aceitavam a conversão ao catolicismo e preferiram se manter ligados às suas práticas tradicionais, passaram a ser mal vistos e não eram considerados “homens de Deus”. Os indivíduos que mantiveram sua religião autóctone, eram vistos como curandeiros, ou kimbandas, os quais, não batizados e convertidos a religião dita como ideal, passaram a ser vistos “como filhos de Satanás”, pois professavam uma religião considerada atrasada, primitiva e típica do cramulhão.

A partir de meados do século XIX, com a vinda forçada do povo yorùbá para o Brasil, além das práticas autóctones dos povos negros terem sido demonizadas, os chifres da nação recaem também sobre o Orixá Èṣù, divindade primordial do panteão yorùbá.

---

<sup>13</sup> São sociedades ou fraternidades, geralmente místicas e/ou filosóficas, porém, aqui nesse trabalho, dando ênfase a teosofia, filosofia essa concebida por Helena Blavatsky (1831-1891), a qual, inspirou muito umbandistas na formação dessa religião, e massacrou os fundamentos ancestrais africanos.

<sup>14</sup> Filosofia que visa compreender a natureza humana, sendo uma síntese eurocêntrica que busca uma sabedoria transcendental e transformativa.

Nesse sentido, o racismo se fez presente em diversos estratos da sociedade, alicerçando com pesos de concreto, difíceis de serem quebrados, várias teorias raciais, as quais, possuíam todo um escopo e uma estrutura muito bem organizada socialmente, utilizando o medo, como um dos mecanismos de anulação da teogonia, cultura e tradição de povos que viveram, e vivem, às margens da sociedade alvejada brasileira, que numa perspectiva de superlativismo, se considera superior.

A partir de uma concepção de racionalização científica e do Espiritismo de Umbanda, haveria iluminação por meio de uma visão monocromática de mundo, a qual, passou a ser vista como magia branca, trazendo um suposto entendimento de que a Umbanda, a partir da obra de Souza (1933), seria vista como uma prática de quebra de supostas crendices ou fetichismo negro, para a inserção de um cientificismo cartesiano, que “clarearia” uma dita escuridão, a qual, era manifestada pelo suposto mal necessário oriundo da Kimbanda.

As classificações espirituais surgiram, inclusive, com uma proposta de que a Kimbanda passaria a ser entendida como magia negra. Destacamos o quão esse termo é racista, pois, na intenção de classificar de maneira dicotômica, uma magia como branca – a luz da iluminação, o bem - e outra como negra – a sombra, as trevas, o mal -, até a atualidade, devido uma ação monocromática de mundo, o termo magia negra continua sendo categorizado e incutida na mente dos brasileiros, como magia negativa, das trevas, do mal, oriunda do cramulhão. O ser humano, ainda nos dias de hoje, se permite ser influenciado por tal pensamento medíocre, não fazendo questão de enxergar que magia negra, é simplesmente o fato de estar relacionado ao povo preto africano, ou seja, os negros. É necessário e muito importante, que façamos um exercício diário de constataremos as nuances da construção racista histórica em torno do povo preto, e consequentemente, das nossas raízes.

Nesse sentido, na Kimbanda, de forma oriunda e simbólica, há o desejo de libertar os homens, pois, os negros falam sobre as variantes libertárias, seja enquanto escravos, “[...] mas também a libertação dos negros enquanto negros [...]” (LAPASSADE e LUZ, 1972, p. xix).

Nesse caminhar, abordaremos também, que tal formatação multifacetada embasou o desenvolvimento e a consequente expansão de uma visão demoníaca, a qual,

dentro de uma perspectiva dicotômica, estrutura o pensamento de diversas religiões abraâmicas<sup>15</sup>.

Embasados por esse pensamento abraâmico e dicotômico, a Kimbando precisava ser removida gradativamente, e assim, os seres espirituais que por ela se manifestavam, vistos como pagãos, necessitavam de “batismo”, para não manifestarem o mal em torno de um povo, que buscava uma dita “evolução” e “pureza” religiosa. Nesse meandro, diante das leis impostas pela nova concepção religiosa umbandística, esses seres viveriam às margens, ou ainda, como sombra de fundo, do poste de luz, nomeado ‘a linha branca de Umbanda e demanda’ (SOUZA, 1933).

Nesse sentido, Silva Filho (2015) nos explana que diante da busca de um aperfeiçoamento social, cultural e religioso pela luz da ciência, há uma grande pretensão de construção arquetípica de domínio do “eu interior” dos povos africanos, configurando dessa forma, diversas fragmentações da Umbanda em Umbandas, cada qual, com sua abordagem específica, no que diz respeito aos rituais, bem como, nas noções de suas permanências e rupturas de uma religião originária dos povos africanos.

Assim, enfatizamos novamente, que uma das figuras chave para uma divergência nebulosa desses fragmentos da Umbanda, foi Èṣù, nas suas mais variadas formas fálicas de manifestações, que a partir de um amálgama entre concepções de origem banto, jeje e yorubá, demonstram de forma prática e mental, as nuances que diversos indivíduos deram forças para criar novas maneiras de processos de demonização.

No início do século XX, segundo Léo Carrer Nogueira (2007), houve uma cisão no que diz respeito ao pensamento em torno das concepções de baixo e alto espiritismo, sendo as religiões chamadas afro-brasileiras, consideradas como baixo espiritismo, ou uma visão de espiritualidade sombria e negativa, como já citado anteriormente. Desta forma, houve uma ação para criar uma identidade religiosa melhor conceituada e bem vista pela sociedade da época, demonstrando o forte interesse em criar uma identidade religiosa totalmente desvinculada com o passado negro e o presente miscigenado.

Nesse sentido, podemos nos recordar do exposto por Derrida (2001), o qual explana sobre a desconstrução enquanto um processo de ausência de

---

<sup>15</sup> É o conjunto de religiões monoteístas, que tem suas origens a partir de Abraão, constituindo três principais, sendo o judaísmo, cristianismo e islamismo.

[...] uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001, p.48).

Nesse contexto, a miscigenação foi elemento presente entre a intelectualidade nacional, a qual debatia sobre as diversas vertentes das teorias raciais, como a eugenia, que constituiu suas redes de construção religiosa, cultural, econômica e social. Destacamos que a palavra eugenia, segundo Edwin Black (2003), possui origem etimológica grega, a qual, significa “bem-nascido”, ciência essa, desenvolvida com o escopo de atestar que a partir da hereditariedade, a capacidade intelectual era definida.

Dessa forma, como nos propomos a abordar nesta pesquisa, tendo como base esse arcabouço conceitual e teórico, observaremos subsequentemente, a presença de um processo eugênico nos cursos de formação sacerdotal. Estes não possuem preocupação com o melhoramento comportamental humano, perante as mais diversas áreas da vida, pois têm como foco o egocentrismo individual, concebendo ainda mais um afastamento da concepção do pensamento tradicional de coletividade.

Cabe enfatizar que a eugenia contribuiu de forma direta e indireta para que as práticas religiosas que emergiram entre os séculos XIX e XX, tivessem uma postura de anulação e descaracterização daquilo que acreditavam ser algo maligno. Observaremos então, a presença de adequações arquetípicas e de ascetismos divergentes do princípio original, que visavam o controle de uma nova comunidade religiosa, passível de análise nas falas e práticas, no desenvolvimento e na origem da religião Umbanda, como veremos a seguir.

### 1.3 “BOTARAM FEITIÇOS NA ENCRUZILHADA PRA ME DERRUBAR”: TEORIAS RACIAIS E A LÍNGUA QUE CHICOTEIA A NAÇÃO

#### **Ponto De Exu**

Diabo velho eu vou cortar seu chifre  
Vou cortar seu rabo e dar pra Exu comer [2x]

Da sua língua vou fazer chicote  
Para dar nas costas de quem fala mal de mim [2x]

Fala mal de mim, só não fala por de trás  
 Fala mal de mim, só não fala por de trás  
 Pega ela peru, pega ela satanás  
 Pega ela peru, pega ela satanás

(Ponto Cantado)

Ponto de partida: Cadeia do Limoeiro em Lisboa, Portugal. Ponto de chegada: a nova colônia portuguesa, Brasil. Foi a partir desse trajeto, no século XVI, que o trânsito de pessoas entre Portugal e Brasil foi nascendo, crescendo e se solidificando. A Inquisição recebe autorização para funcionar em Portugal, a partir de 1536, porém, devido às divergências entre a coroa portuguesa e o alto escalão do clero, apenas em 1547, as atividades passam a ser oficializadas, com a outorga do Papa Paulo III.

Nesse processo, os indivíduos que praticavam atos de infração às leis divinas do catolicismo, eram afastados do corpo social, sob a pena de degredo para o Brasil, principalmente a partir do século XVII. Dessa forma, na concepção dos inquisidores, além dos açoitadores da moral católica, como era o caso dos bígamos e sodomitas, estavam indivíduos que geravam uma preocupação no que tange ao ordenamento social, político e religioso da coroa portuguesa, como é o caso dos envolvidos com a feitiçaria. Estes eram tidos como criminosos, pois, além de não se enquadrarem a um sistema inquestionável, manipulavam forças sobrenaturais julgadas como leis de oposição ao sistema de fé e crença católica, que assim, foram vistas como demoníacas. Esses personagens sociais que não estavam rotulados em nenhum sistema dogmático católico e que desenvolviam práticas e rituais complexos, ora vistos como pagãos, e que proporcionaram o contato do campo com a vida urbana, enfatizando assim, a necessidade de um olhar voltado para a uma vida pautada pelos meios naturais de subsistência, perante um contexto histórico de disputas territoriais, aquisição de riquezas e monopólio de poder.

Nesse contexto, a literatura produzida sobre a prática da feitiçaria, nos informa que os indivíduos nela envolvidos, em sua maioria durante a Inquisição que ocorrera em Portugal, sofriam punições severas, como o degredo, agora, seja dentro do território português, ou na nova colônia luso-brasileira, o Brasil.



Tais sujeitos, incluindo os africanos bantus escravizados, trouxeram consigo, rituais e práticas de culto aos seres da terra, ligando-os aos praticantes das tradições autóctones brasileiras. Esse hibridismo religioso, estabeleceu assim, uma prática ancestral de culto aos antepassados, trazendo à tona, todo um livramento do sentimento de banzo, do medo do desconhecido, da perda das suas tradições, tornando possível, a ascensão de uma força oculta, estimulada por seres naturais que ocasionou uma cosmovisão sobrevivente, entrelaçada, de maneira afro-luso-brasileira.

Inseridos no contexto europeu das grandes navegações, os portugueses chegaram em terras tupiniquins e junto com eles, trouxeram suas concepções de vida, religião, sociedade, economia, política, costumes e tradições. Assim, nessa confluência entre as culturas, europeia, nativa brasileira e africana, consideramos nesta dissertação, que tal característica foi ímpar, no sentido da constituição de práticas de feitiçarias próprias no Brasil. A partir desse meandro, segundo Laura de Mello Souza (1986), que por meio da mestiçagem entre branco, indígena e africano, estaríamos fadados aos sincretismos, devido ao fato da ausência de uma cristandade propriamente romana. Assim, a presença de uma magia própria brasileira, se tornou cada vez maior, nas mais variadas esferas da vida social, do homem comum ao burguês, assim como, do indígena e negro escravizado, ao senhor de engenho e homem citadino.

A partir do amalgamento entre os elementos de origem bantu, católico europeu e o nativo brasileiro, observaremos a formação de uma religião afro-luso-brasileira, denominada de Calundu, que por meio desta, dará origem segundo Roger Bastide (1971), também ao Catimbó e a Pajelança, representando assim, a primeira fase do processo embrionário de constituição das religiões, que serão vistas como sincréticas afro-brasileiras no século XVII.

### 1.3.1 Irmandades Católicas: uma liberdade controlada

#### **Ponto de Louvação**

Senhora do Rosário, foi quem me trouxe aqui (2x)  
Água do mar é santa, eu vi, eu vi, eu vi (2x)

(Ponto Cantado)

Tempos depois, no século XVIII, as irmandades<sup>16</sup> católicas, associações religiosas que agregavam a comunidade de leigos, foram consideradas como ferramentas importantes na disseminação do catolicismo em terras brasileiras. Com essas irmandades, as redes de relações entre os integrantes, eram tecidas e intensificadas, o elo entre eles era além dos ofícios religiosos, pois a união ocorria por meio dos laços de solidariedade e de auxílio mútuo, como por exemplo, sepultamentos dignos, assistência aos familiares dos falecidos e cuidados aos órfãos e viúvas.

Segundo Vivien Ishaq (2017), as irmandades eram espaços mais próximos

[...] da comunidade de fiéis e que cumpriram funções religiosas e sociais, auxiliando na resolução de aspectos fundamentais tanto da vida privada quanto da coletiva, tentando assim, atender ou dar melhor resposta às necessidades vividas por parte da população colonial. (ISHAQ, 2017, n.p.).

Essas irmandades são oriundas do final do século XV e século XVI em Portugal, pois por meio do grande fluxo de escravizados africanos existentes no país, desde meados desses séculos, já somam um número considerável de indivíduos. Nesse contexto, em terras portuguesas, libertos e escravizados, participavam dos cultos das irmandades que geralmente eram realizados, segundo Silveira (2006) na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de São Domingos, em Lisboa. Eram bem vistas pela Coroa Portuguesa, pois também eram importantes para manter a solidez política, o comportamento sadio dessas pessoas, colaborando assim, para a manutenção da paz social, assim como, “[...] à produção econômica e à estabilidade política. [...] como uma organização cuja função política primordial era manter a ordem escravocrata [...]” (SILVEIRA, 2006, p. 127).

Pertinente destacarmos, que tais irmandades eram uma fonte garantida de retorno político, mas também pelo fator religioso. Como sabe-se, Portugal era, e ainda é, majoritariamente católica. Tal aliança é resultado da união existente entre Igreja e

---

<sup>16</sup> A origem das irmandades, segundo Silveira (2006), remonta ao século XIII em Portugal, mais especificamente em 1229. Segundo o autor, formadas por profissionais como ferreiros e afins, eram voltadas aos atos de caridade pública, assistência social e funerária, e aos poucos, tais irmandades tiveram sua utilidade pública, sendo reconhecida pela corte portuguesa com fins políticos. Dessa forma, quando os portugueses aqui chegaram, já possuíam práticas de relação política institucional com as irmandades.

Estado, oriundos do Feudalismo<sup>17</sup> e que mesmo com sua crise, tal consolidação é mantida, justamente num período da existência dos Estados Nacionais Modernos<sup>18</sup>, tendo com Portugal a nação de destaque dentro desse contexto. Dessa forma, não eram consideradas como ameaça ao poder vigente, pois

o inimigo mais odiado dos portugueses era o “infel” que professava uma poderosa religião universal concorrente. A escravização dos negros africanos não podia seguir pela mesma linha de raciocínio, pois eles não chegavam a ser “infiéis”, eram meros “pagãos”, politeístas espiritualmente menos perigosos, uma vez que suas religiões étnicas não tinham pretensões universalistas e eles tampouco praticavam o proseletismo. (SILVEIRA, 2006, p. 137)

Dessa forma, em território brasileiro, tais irmandades passam a ser frequentes, principalmente porque a partir de 1564,

as “ordenações” do Reino de Portugal regulamentaram as irmandades como instituições de *mixti fori*, ou de foro misto [...] enquadrava as irmandades [...] no regime de foro misto, visto que eram instituições que se encarregavam tanto de “encargos profanos” como de “obras piedosas”, funções civis e religiosas estabelecidas pela tradição. Estava assim tornada jurisprudência uma realidade de fato que já vinha durando séculos. (SILVEIRA, 2006, p. 141).

Essas irmandades seguiam uma estrutura estamental que correspondia com o que era praticado durante a vigência dos Estados Nacionais Modernos, ou seja,

[...] agrupavam ou separavam as populações segundo *status* social, ocupação territorial, cor de pele, sexo, atividade profissional e origem étnica ou nacional. A participação ordenada dos vários segmentos da população na religião oficial era o modo de assegurar uma certa homogeneidade imaginária e ideológica em populações heterogêneas. (SILVEIRA, 2006, p. 142).

Podemos considerar que fazer parte dessas irmandades, era um privilégio, pois, além de poder participar dos serviços ofertados, os integrantes tinham acesso aos diversos rituais coletivos praticados, os quais eram considerados no contexto, como

---

<sup>17</sup> Segundo o historiador Jacques Le Goff (1984) o feudalismo foi “um sistema de organização econômica, social e política baseado nos vínculos de homem a homem, no qual uma classe de guerreiros especializados – os senhores -, subordinados uns aos outros por uma hierarquia de vínculos de dependência, domina uma massa campesina que explora a terra e lhes fornece com que viver.” (LE GOFF, 1984, p. 29)

<sup>18</sup> Os Estados Nacionais Modernos surgiram a partir da união dos diversos feudos que existiam no período feudal e principalmente com o desenvolvimento do capitalismo mercantil. Esse tipo de concepção governamental possui diversas características, entre elas, a centralização do poder nas mãos do soberano, lealdade de seus súditos, unificação da administração e da justiça, pois segundo Raquel Kritsch (2004) “[...] a idéia de soberania passaria a estar indissoluvelmente vinculada àquele Estado cuja característica é ser o detentor da jurisdição exclusiva sobre um determinado território, como formulariam os pensadores políticos modernos.” (KRITSCH, 2004, p. 106).

ferramentas de divulgação dos feitos de determinado indivíduo (SILVEIRA, 2006). Todas as irmandades, inclusive as negras, contavam com um corpo jurídico, embasando suas argumentações dentro da lei e estabeleciam veementemente uma relação muito profunda com o Império Português. Os integrantes eram encarregados pela seleção dos pares, pelas formas dos cultos e festas, inclusive em relação ao elo político, concebendo assim, instituições necessárias para se viver e sobreviver cotidianamente, onde viver e até mesmo morrer era considerado algo extremamente atribulado, para as pessoas que não faziam parte de grupos como esses.

Nesse sentido, quando falamos das irmandades de pretos e pretas no Brasil colonial, além das práticas assistencialistas de praxe, elas tinham também a funcionalidade de doutrinação dos escravizados, já que a política social aplicada pela Igreja, era a mesma utilizada aos pagãos na Europa, pois,

[...] consistia em desestruturar as sociedades nativas, ao perseguir os modelos tradicionais de culto, liderança, casamento, e associação enquanto coisas diabólicas e supersticiosas, e, simultaneamente, ressocializar o nativo desenraizado dentro de novos padrões." (SILVEIRA, 2006, p.146).

Logo, a estrutura hierárquica interna também se diferenciava, como por exemplo, no que diz respeito à formação dos cargos da mesa diretora, na qual, a função de tesoureiro e escrivão eram ocupadas por homens brancos, com o intento de manter o controle e obter informações sobre o que estava sendo debatido e praticado dentro dessas irmandades. Assim, dentro desses grupos destinados aos pretos e pretas, ficava evidente que o sistema possuía motivações para que ficasse a cargo de pessoas bem sucedidas economicamente, correspondendo assim, com uma visão "[...] que elas deveriam ser existencialmente mais conservadoras e politicamente mais prudentes." (SILVEIRA, 2006, p.149).

Dessa forma, verificamos as redes de relações sociais que eram estabelecidas por meio das irmandades, já que eram instituições que mantinham a ordem no período colonial, não apenas por ter um corpo diretivo selecionado, mas principalmente, por serem responsáveis pelas ações sociais que realizavam, sendo assim, aliadas importantes para a Igreja Católica. Desse modo, eram espaços de legitimação de atuação do povo negro, o único autorizado legalmente, porém, "[...] as irmandades estavam enveredando por um processo no qual valores étnicos cada vez mais

amalgamados fundiam-se ao Cristianismo e as ideologias geradas no ambiente dinâmico da cidade mercantilista.” (SILVEIRA, 2006, p. 151-152). E novamente, vemo-nos envolvidos pelo mercantilismo, o qual, regerá muitos caminhos das religiões de presença africana no Brasil.

### 1.3.2 Calundu, Cabula e Macumba: a ancianidade da Umbanda

#### **Ponto de Vovó Juventina**

Vovó Juventina não deixa ninguém me derrubar (2X)  
Pra me livrar do mau olhado, ela me deu um patuá

Eu nunca ando só, eu só ando acompanhado  
O meu corpo que Deus me deu  
Vovó Juventina está do meu lado  
(2x)

(Ponto cantado)

Na contramão dessa perspectiva, surgiu outra religião sincrética, chamada Cabula, sendo esta, vista como a segunda fase desse processo de hibridismo religioso, que está entre a metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Segundo Yeda Pessoa de Castro (2001), a etimologia do termo Cabula (kimbula), nos remete à sua origem bantu, da língua quicongo, especificamente, com um dos significados relacionados ao toque de chamada para a luta. A autora enfatiza que o som advindo dos tambores era tão forte e alto que amofinava os escravocratas (CASTRO, 2001). Assim, consideramos que essa palavra reúne em sua essência, a força do seu povo, que continuará ecoando o grito de combate contra a permanência do racismo e do amplo massacre físico sociocultural.

Observamos uma terceira fase de mais um processo desses povos que tiveram que viver às margens da sociedade. Esses, passaram a viver nos morros cariocas, especificamente na pequena Lapa, a qual, foi constituída pelos negros escravizados da Bahia, após terem sofrido pena de degredo, resultado também da Revolta dos Malês e que darão origem à Macumba, ora considerados como os feiticeiros da época.

A partir da Macumba, veremos o surgimento como uma quarta fase do processo ora citado, de um cruzamento de perspectivas religiosas, mas que dentro da sociedade alvejada brasileira de sua época, dará origem à religião Umbanda. Essa, que imediatamente buscou afastar-se de sua origem africana, devido a intensificação política de embranquecimento do cidadão brasileiro, influenciada pelo modelo norte americano e europeu, que são vistos como progressistas e modernos.

Tais momentos estão entrelaçados inclusive, com uma concepção social de medo instaurado, que segundo Yvonne Maggie (1992), pode ser proveniente das características atribuídas à feitiçaria ou aos poderes ocultos, considerando de um lado, a socialização da magia relacionada aos rituais, e por outro, a crença de que tais poderes, são produtores e mantenedores do mal, pois são resultados do mal social (MAGGIE, 1992).

Dessa maneira, a autora explana que várias instituições da sociedade, como a Medicina e o Direito, alicerçaram seus debates e posicionamentos, repousando numa característica específica, de que

[...] a macumba, o candomblé, o espiritismo alto ou baixo, produtos da anomia, acabam produzindo um mal social: a loucura. [...] A versão que associa a feitiçaria com loucura desqualifica a crença nos poderes ocultos de produzir malefícios e culpabiliza os feiticeiros pela fraude mas, invertendo a crença na magia, transforma poderes ocultos em mal objetivo, produzido pelas relações sociais vigentes. (MAGGIE, 1992, p. 176).

O medo da feitiçaria era tão evidente, que passou a ser foco de perseguição pela inquisição, principalmente a partir do século XIV, com o advento da bula *Super illius specula*, expedida pelo Papa João XXII (DAIBERT JÚNIOR, 2012). Segundo Robert Daibert Júnior (2012), a feitiçaria era considerada como heresia, pois transgredia todo o aporte da fé católica, a partir das práticas fetichistas, nas quais, o feiticeiro passaria a ter poderes mágicos, por meio do contato com o Diabo e sua renúncia a Deus.

Nesse sentido, as práticas religiosas advindas da África, eram consideradas pela Igreja e conseqüentemente, pela inquisição, como uma contravenção. Não esqueçamos que tal consideração ocorria também, por fatores como, disputa de poder, bem como, pelo aspirado apagamento de tudo o que está relacionado aos povos africanos.

Podemos exemplificar o exposto acima, a partir de uma personagem esquecida, e de certa forma, apagada na história nacional, mas muito significativa em todo esse

processo, Luzia Pinta, “[...] calunduzeira, [...] praticava calundus na região próxima a Sabará, Minas Gerais, no final da década de 30 do século XVIII.” (SOUZA, 2002, p. 01). Segundo Souza (2002), ao descrever seu contato com o processo inquisitório de Luzia, ressalta que,

[...] lá estavam descrições detalhadíssimas de um rito complexo, sem dúvida aparentado às religiões afro-brasileiras de hoje - o que, a meu ver, fazia dessa negra angolana uma antepassada de Mãe Menininha do Gantois, Mãe Senhora ou Mãe Stela do Opô Afonjá, e de sua "casa" nas imediações de Sabará uma espécie de "axé" primordial. Pensei que punha as mãos num "protocandomblé" - "Luzia, calundureira, foi antepassada cultural das mães-de-santo do Brasil contemporâneo" [...]. (SOUZA, 2002, p. 02).

Nesse sentido, a autora nos elucida sobre a amplitude da presença de Luzia Pinta e sua prática calunduzeira, pois

como praticamente todos os demais de que se têm notícia, o calundu de Luzia Pinta desenrola-se num espaço privado que pode ser franqueado ao público: acontece numa casa, e não num espaço aberto - florestas, campos, vales, como os sabás europeus dos séculos XVI e XVII. [...] Mandava que as pessoas doentes deitassem no chão e passava por cima delas "repetidas vezes, esfregando-as juntamente com as ervas" para que lançassem fora os feitiços. Com o mesmo objetivo, "mandava fazer uma canoazinha pequena", que untava muito bem com certas ervas para esfregar o corpo das pessoas. Quando algum negro que tinha mandinga ou coisa diabólica se aproximava dela, vinha-lhe logo a doença do calundu, seguida da privação do juízo e da adivinhação acerca da causa do mal. Quem tinha mandinga não podia se aproximar dela sem lhe provocar mal físico, que só passava quando cessava o feitiço. (SOUZA, 2002, pp. 09-10).

O futuro de Luzia Pinta seria certo, Inquisição, sessões de tortura e seu decorrente sucumbir. Podemos verificar assim, que as práticas realizadas por Luzia, o calundu,

[...] pode ser tomado como o mais completo e característico de que se tem notícia. Nele, parecem estar todos, ou quase todos os elementos de um ritual banto, de caráter coletivo, onde a possessão e um oficiante especializado têm papel de destaque. (SOUZA, 2002, p. 09).

Assim, segundo Célia Maria Marinho de Azevedo (1987), podemos verificar que o negro fora um elemento escarnosamente utilizado pela sociedade e pelo Estado, para incutir o medo social, pois, além da feitiçaria, os africanos foram alvos de um engendramento enquanto sujeitos maus, pensado e criado pela elite brasileira, para justificar sua exploração.

### 1.3.3. Teorias raciais e suas várias facetas perturbadoras

#### **De tudo isso eu sou**

Era quarta-feira  
Sete, oitenta e três, de dezembro  
Zagueava ao vento  
Parei quando vi Zambiê  
Daomeano, iorubano  
Congolês, angolano, mbandu  
Haúça, muçulmano  
De tudo isso eu sou

Eu, um cidadão da senzala  
Um assimilado urbano  
Em terra de N'gola Kiluanji, Mandume, Shaka Zulu, Mali  
Me senti na Bahia  
Cultural explosão  
Um filho da Bahia  
É a África de coração

Valha-me, Deus  
Nosso Senhor Jesus Cristo  
E Exú em aramaico também é salvação  
Exú na Bahia  
Exú no Sudão  
Exú é alegria  
Exú é salvação

(Música autoral do artista Mateus Aleluia)

Tais visões foram consolidadas, também por meio de alguns personagens, como é o caso do representante da antropologia criminal e fundador da Escola Científica, ou Escola Baiana, Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906), o qual, ainda segundo Maggie (1992), era defensor de um posicionamento de que a feitiçaria promoveria a loucura, pois envolto em mentira e charlatanismo, produz o mal, a degeneração assim como o caos e a desordem.

Lembremos que Nina Rodrigues, no final do século XIX, estudou a miscigenação, a realidade racial, suas características e consequências para o Brasil e foi inspirado pelo antropólogo, criminologista e higienista Cesare Lombroso (1835 – 1909), o qual pautou seu estudo na identificação do criminoso por meio de sua estrutura craniana, defendendo



que a criminalidade é uma característica comum nos indivíduos selvagens, primitivos e “vagabundos” (MOTA, 2007).

Tais constatações reafirmam as ideias em voga durante esse recorte temporal, entre parte da intelectualidade nacional, a qual de maneira extremamente racista, classificava os negros enquanto seres degenerados, e não bastando esse absurdo, ainda defendia um nivelamento cognitivo entre os seus grupos étnicos, como afirma Dantas (1988), que

essa inquietante indagação, que atingia a nação como um todo, deveria ser muito mais perturbadora para os baianos, e a solução de Nina Rodrigues, declaradamente um racista, teria sido, quando nada, tranquilizadora [sic]: os negros da Bahia provêm dos negros superiores da África, os sudaneses, os mais adiantados e até com misturas de sangue hamita (branco). O exclusivismo sudanês dos negros baianos afirmado por Nina Rodrigues, posteriormente relativizado pelos seus discípulos culturalistas que aí descobrem muitas “sobrevivências” bantas, parece-me significativo. (DANTAS, 1988, p.154).

Nesse sentido, devemos ter em mente que Nina Rodrigues escalonava os negros entre superiores e inferiores. Para ele, os bantus eram os mais desprovidos de habilidades cognitivas, em contraposição aos jejês, e principalmente aos yorùbá, que seriam os mais evoluídos, pois estes

possuem uma verdadeira mitologia, já bem complexa, com divinização dos elementos naturais e fenômenos meteorológicos. Nesta ordem de ideias, a concepção mais elevada, aquela em que mais alta se revela a sua capacidade de abstração religiosa, é a divinização do firmamento ou abóbada celeste. (RODRIGUES, 2010, p. 242).

Corroborando com tal ideia sorrateira, ainda no que tange ao nivelamento, agora de forma monocromática, numa perspectiva de seres bem nascidos hegemonicamente brancos, há uma visão social ignóbil, a qual dissemina o racismo na raiz formadora do pensamento elitista nacional, pois,

[...] Nina Rodrigues foi também um dos principais articuladores da entrada das teses eugênicas no país, que se tornaram comuns nas polêmicas que envolviam os discursos sobre “identidade nacional” e “nação”. Reconhecido internacionalmente, segundo seus discípulos, como o “apóstolo da antropologia criminal no Novo Mundo” (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p. 50).

Vale frisar, que diversas religiões influenciaram a formação do pensamento do novo cidadão brasileiro, que a partir do século XIX, com a forte ideia do cientificismo positivista, que dará conta de responder todas as indagações, nos deparamos,

justamente, com um livro repleto de perguntas e respostas, o qual, segundo Allan Kardec (2004), instruído por espíritos ditos mais “evoluídos”, transcreveu, que o uso de talismãs por determinadas pessoas e suas práticas, vistas como ocultas, cria

o efeito de torná-las ridículas se são de boa-fé; caso contrário, são patifes que merecem um castigo. Todas as fórmulas são enganosas; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha uma ação qualquer sobre os Espíritos, porque estes são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais. (KARDEC, 2004, p. 223).

Consideramos que o exposto acima, são formas de contribuição para a construção do racismo e do medo na sociedade brasileira em relação às religiões de presença africana, que possuem diversas práticas votivas e de manipulação de elementos.

Consideramos nessa pesquisa, que há uma reprodução de um nivelamento do hibridismo religioso brasileiro, como observaremos posteriormente que o mesmo é utilizado pelos cursos de capacitação sacerdotal em vigor na atualidade. Essas ações repousam no evolucionismo da autonomia prática e/ou individualismo, descaracterizada e dissociada da cultura tradicional africana, enquanto ação sacerdotal, a qual, marginalizou uma prática taxada de trevosa e maligna, por possuir um viés libertário e de contracultura cristã, fazendo com que a Kimbando visceralmente ligada a seres irascíveis, fosse o tempo inteiro inferiorizada, pois,

esta atitude de extrema ambiguidade, entre combater as origens africanas e aderir às “doutrinações” espíritas, ou de se manter fiel às origens, mas de pagar o preço de uma macumba marginal, é a angústia porque passam os dirigentes negros e mestiços das macumbas de morro. Esta luta contra a Quimbanda possui dois níveis distintos, que estão combinados de uma maneira determinada. Um que se caracteriza pela representação social, e outro pelo comportamento social e institucional. Por sua vez, convém ficar claro que esta luta de classes na ideologia se combina com a luta de classes no político e no econômico. A luta entre o “proletariado” negro e a “burguesia” branca. (LAPASSADE e LUZ, 1972, pp. 88 e 89).

#### 1.4 O RACISMO QUE GERA TENTATIVAS DE ESQUECIMENTO E ANULAÇÃO

##### **Carta à Mãe África**

[...]

As senzalas são as ante salas das delegacias  
Corredores lotados por seus filhos e filhas  
Hum! Verdadeiras ilhas, grandes naufrágios

A falsa abolição fez altos estragos  
 Fez acreditar em racismo ao contrário  
 Num cenário de estações rumo ao calvário  
 Heróis brancos, destruidores de quilombos  
 Usurpadores de sonhos, seguem reinando  
 [...]

A carne mais barata do mercado é a negra  
 A carne mais marcada pelo Estado é a negra (2x)  
 [...]

Os tiros ouvidos aqui vem de todos os lados  
 Mas não se pode seguir agachado  
 É por instinto que levanto o sangue Banto-Nagô  
 E em meio ao bombardeio  
 Ainda reconheço quem sou, e vou  
 Mesmo ferido, ao frente, ao combate  
 E em meio a fumaça, sigo sem nenhum disfarce  
 Pois minha face delata ao mundo o que quero  
 Voltar pra África, viver meus dias sem terno  
 Eterno! É o tempo atual, da moral  
 No mural vendem uma democracia racial  
 [...]

O opressor ameaça recalçar as botas  
 Nos mergulharam numa grande confusão  
 [...]

Mas sei fazer bem a diferenciação  
 Sofro pela cor, pelo padrão e o padrão  
 E a miscigenação, tema polêmico no gueto  
 Relação do branco, do índio com preto  
 [...]

(Música autoral do artista GOG)

As grandes navegações explanadas anteriormente, possibilitaram uma gama de conhecimentos e de explorações das mais diversas formas possíveis, sejam elas culturais, econômicas, políticas e religiosas. Todo o processo ao qual os negros escravizados foram alvos, seja no que diz respeito ao apagamento de sua ancestralidade por meio de ritual como da árvore do esquecimento, até mesmo no que diz respeito à linguística por meio da proposital miscelânea entre variados grupos de africanos, para impedir a comunicação entre eles, todos esses aspectos foram realizados, pelas mentes

europeias, ávidas em adquirir poder, riquezas e status social, para assim, serem reconhecidas enquanto nações de poderio mundial, ou no mínimo, ocidental. Logo, para que tal intenção fosse muito bem solidificada, houve a necessidade de criar uma fragilização por meio da distinção entre sociedade e seus povos, para assim, justificar e facilitar sua subserviência e exploração, como no caso, os africanos.

Segundo Kabengele Munanga (1996), quando nos debruçamos sobre a realidade da constituição do cidadão brasileiro, aqui, consideraremos como um tridente, constituído por três etnias fincadas a ele, sendo a indígena, a negra e a branca, resultando assim, numa mestiçagem cultural e/ou biológica. A partir dessa, foi elaborado de forma paulatina, o mito da chamada democracia racial. Nesse contexto, o autor nos informa sobre tal característica mítica, pois,

trata-se realmente de um mito, pois a mistura não produziu a declarada democracia racial, como demonstrado pelas inúmeras desigualdades sociais e raciais que o próprio mito ajuda a dissimular – dificultando, aliás, até a formação da consciência e da identidade política dos membros dos grupos oprimidos. Sem dúvida, não podemos fazer uma separação mecânica entre um problema social que afeta todos os oprimidos da sociedade, brancos e não-brancos, e a questão racial. Brancos pobres e negros pobres são ambos vítimas da mesma causa. A libertação de ambos passaria pela mesma solução, mas não liberta o negro dos efeitos do racismo que, antes de ser uma questão econômica, é uma questão moral e ontológica. (MUNANGA, 1996, p. 216).

Perante o exposto, para compreendermos o debate racial, segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), devemos retornar ao século XVIII, a partir da caracterização de povos primitivos e selvagens, tendo no cidadão europeu e americano, os modelos “[...] privilegiados para a nova percepção que reduzia a humanidade a uma espécie única, evolução e uma possível “perfectibilidade”.” (SCHWARCZ, 1993, p. 58).

Nessa concepção, é a partir do século XIX, tendo como base as noções supracitadas, que o debate “racial” inicia, segundo Schwarcz (1993) como uma variável sobre a cidadania, haja visto, que as determinações biológicas sobre os indivíduos, eram compreendidas como um resultado específico relacionado à raça.

Assim, dentro dessas noções, os intelectuais desenharam possíveis visões sobre as origens do homem, como a monogenista e a poligenista. A primeira, embasada pela Bíblia, descrevia que os diversos grupos humanos eram oriundos de um mesmo produto, pensando “[...] na humanidade como um gradiente – que iria do mais perfeito (mais próximo ao Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração) [...]” (SCHWARCZ, 1993,

p. 64). Divergentemente, a teoria dos poligenistas ganha plausibilidade, principalmente decorrente dos aperfeiçoamentos dos estudos biológicos, mas em primazia, devido a refutação ao dogma católico, pois acreditavam que a humanidade era resultado de variados centros de criação, o que iria corresponder diretamente nas diferenças raciais.

Esta teoria, possibilitaria então, a consolidação da interpretação biológica como influente no comportamento humano. A partir de tal determinismo, várias correntes de teorias raciais foram desenvolvidas e aperfeiçoadas, como a frenologia, antropometria, antropologia criminal, darwinismo social, entre outras, as quais, foram projetadas e incorporadas para várias instituições sociais, como o Direito, a Medicina, a Educação incluindo as Religiosas.

Diante do exposto, destacamos nesse estudo, que o darwinismo social foi elemento primordial para o que viria após, no que tange aos debates das teorias raciais, pois, a máxima de tal teoria, era pautada na questão da miscigenação, enquanto elemento degenerativo do homem. Tais discursos eram embasados em algumas proposições, como

[...] uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas. [...] a preponderância do grupo “racio-cultural” ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil à ideia do arbítrio do indivíduo. Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, um “ideal político”, um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social – a eugenia –, cuja meta era intervir na reprodução das populações. (SCHWARCZ, 1993, p.78).

A eugenia iniciou sua atuação na Europa, a partir da década de 1880, seja como movimento científico, ou social e com um rol de metas muito bem estabelecidas. No campo da ciência, sua pauta, era a implementação de um método de seleção tendo como foco de atenção, à hereditariedade humana com o escopo de promover o nascimento de indivíduos “[...] desejáveis e controlados [...]” (SCHWARCZ, 1993, p. 79). Na esfera social, o alveijamento era manifestado pelo incentivo das uniões matrimoniais, entre supostas, pelos intelectuais da época, como etnias “mais evoluídas”, as quais, pudessem gerar indivíduos que correspondessem com o perfil ideal de cidadão.

Em terras brasileiras, esse recorte temporal corresponde com dois momentos significativos para nossa história, a Abolição dos Escravos, em 1888, e a Proclamação

da República, em 1889. Nesse quesito, sabemos de todo o debate, e embate, no que tange esses dois acontecimentos, a citar nossa visão de que em 1888, ocorreu uma falsa abolição, haja visto, que a população negra escravizada, continuou, quase que em sua totalidade, em condições piores que outrora. Assim como a República e todo o processo, ao qual a sua trajetória estava inserida, principalmente no que diz respeito ao direcionamento intelectual nacional, o qual, incutia sorratamente, idealizações do perfil desejável republicano de cidadão brasileiro.

Nesse sentido, Caroline de Lara (2016) explana que as discussões ideológicas embasadas na ordem e progresso, lema republicano, se fizeram muito presentes na virada do século, e

[...] as atenções foram centralizadas na reformulação do novo cidadão brasileiro, considerando suas barreiras biológicas, culturais, sociais, geográficas e climáticas, tendo como principal objetivo a higienização dos corpos. [...] Dessa forma, a miscigenação passaria a ser considerada como um dos principais elementos que causariam um entrave à civilização e à identidade nacional. (LARA, 2016, p. 35).

Nessa formação de pensamento social brasileiro, destacamos o debate acerca da cultura de matriz africana na visão de Arthur Ramos (1903–1949), a qual era derivada da psicanálise e da psicologia social. Esse intelectual caracterizava a cultura e religiosidade africana como atrasadas (TAMANO, 2013), assim, a partir desse pressuposto, o pensamento mágico e pré-lógico era sinônimo das concepções mundanas embebidas pelo emocional, traduzidos assim, a partir das representações míticas, conturbando o objetivo com o subjetivo.

Segundo Beatriz Góis Dantas (1988), Arthur Ramos apregoava, tal qual Nina Rodrigues, a superioridade e genuinidade religiosas yorùbá, embasado pelo evolucionismo e positivismo social, os quais, visavam uma transformação das práticas africanas, que continuamente mal compreendidas, desde então, passaram por um “aperfeiçoamento” politeísta nacional, pois eram vistas como práticas inferiores, num contexto intelectual da nação.

De uma maneira híbrida, há em Arthur Ramos, um olhar de uma escala de amalgamento, a qual, pode ser observada em “[...] jeje-nagô ao jeje-nagô-malê-banto-caboclo-espírita-católico-teosófico [...]” (DANTAS, 1988, p. 156). Destarte, segundo a autora, Arthur Ramos defende uma concepção niveladora entre povos enquanto

superiores e inferiores, “[...] deixando filtrar seu racismo ao escalonar os negros segundo graus de inteligência que aparecem associados a caracteres físicos, e também a sua postura elitista ao classificar como aristocráticos os negros sudaneses [...]” (DANTAS, 1988, p. 157).

A partir do exposto, consideramos nessa pesquisa, que tais fatores foram preponderantes para a consolidação de uma ramificação do racismo, no aspecto religioso, pois, inserido no mundo eurocêntrico, moderno, patriarcal, colonialista e cristão, segundo Ramón Grosfoguel (2016), “[...] ao contrário do que atesta o senso comum contemporâneo, o “racismo de cor” não foi o primeiro discurso racista. O “racismo religioso” (“povos com religião” versus “povos sem religião” ou “povos com alma” versus “povos sem alma”) foi o primeiro elemento racista [...]” (GROSFOGUEL, 2016, p. 36).

O autor supracitado nos relembra que tal concepção de povo com ou sem religião e/ou alma, remonta ao debate vigente no século XVI, e que este, possuía a mesma conotação dos discursos racistas científicos do século XIX, pois,

[...] ambos eram debates sobre a humanidade ou a animalidade do outro, articulados pelo discurso racista institucionalizado pelos Estados, como a monarquia espanhola no século XVI ou os Estados-nação da Europa Ocidental no século XIX. Esta lógica institucional racista de “não ter uma alma” no século XVI ou de “não ter uma biologia humana” no século XIX tornou-se o princípio organizador da divisão internacional do trabalho, que culminou na acumulação capitalista em escala mundial. (GROSFOGUEL, 2016, p. 38).

Destacamos dessa forma, que tal racismo religioso, foco de nossa dissertação, foi elemento que também constituiu a exploração dos povos africanos no século XVI, ocasionando na escravização de milhares de negros e negras no Brasil. Nesse sentido, como já mencionado anteriormente, no que diz respeito à amefricanidade, concebemo-lo como elemento norteador desse primeiro capítulo, pois ele nos possibilita o resgate da chamada unidade específica, que nada mais é do que a construção histórica das sociedades, em determinado local no mundo. Neste sentido, a Améfrica

[...] é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo *amefricanas/amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. (GONZALEZ, 1988, p. 77).

Diante do exposto por Gonzalez (1988), refletimos sobre a amefricanidade enquanto experiência histórica, na confluência entre as características africanas e americanas, em nosso caso, a brasileira. Logo, decorrente de todo um processo de anulação das características culturais dos povos negros, inclusive com processos de anulação da teogonia africana, que o racismo se faz presente, principalmente por ser uma “[...] elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades.” (GONZALEZ, 1988, p. 77).

À face do exposto, todo esse processo o qual, descrevemos até então, nos instiga a corroborarmos com uma indagação levantada pela autora:

[...] por que não abandonar as reproduções de um imperialismo que massacra não só os povos do continente, mas de muitas outras partes do mundo e a reafirmar a particularidade da nossa experiência na AMÉRICA como um todo, sem nunca perder a consciência da nossa dívida e dos profundos laços que temos com a África?” (GONZALEZ, 1988, p. 79).

Diante de tal questão, poderemos tentar responder o porquê não houve o abandono de tais reproduções imperialistas, a qual gerou tantas atrocidades e surrupiou maldosamente, toda uma base de vida dos povos africanos que foram arrancados de seus berços.

Interessante estabelecermos uma compreensão, que nos auxiliará mais adiante a percebermos que os cursos de formação sacerdotal de Umbanda, possuem elementos que constituem e coadunam com uma estrutura racista consolidada, aos padrões da América Latina. Sobre esse tema, Gonzalez (1988) nos informa a existência de duas estruturas de exploração e repressão, a citar, o racismo aberto, de característica anglo-saxonica, holandesa e germânica, o qual considera o indivíduo negro, como sendo aquele que possui seus antepassados também negros, e por tal característica, não permite em hipótese alguma, a miscigenação, já que a intenção desses grupos de indivíduos brancos, é manter a pureza, para assim, firmar e reafirmar sua superioridade, formando então, uma segregação explícita, e “[...] constata-se que seus efeitos sobre os grupos discriminados, [...] reforça a identidade racial dos mesmos.” (GONZALEZ, 1988, p. 74).



A segunda forma de repressão é o racismo disfarçado, muito presente na América Latina<sup>19</sup>, principalmente em países de colonização espanhola e portuguesa. Tal “[...] racismo por denegação [...]” (GONZALEZ, 1988, p. 72) admite as teorias de miscigenação, devido a origem ibérica de um modelo hierárquico de sociedade, onde não há espaço para a segregação aberta, já que esta é assegurada pela hierarquia da superioridade, causando então, intensa fragmentação das identidades raciais, como resultado da superioridade branca.

Nesse sentido, consideramos esse racismo por denegação presente nos cursos que iremos analisar, haja visto que outrora, diante um sistema escravocrata, ignóbil e perverso, o povo preto precisou se unir para lutar e resistir a todas as formas de opressão e maus tratos. Hoje, infelizmente, tais formações sacerdotais, que utilizam como base a religião de presença africana, desestruturam, fragmentam e causam um desserviço para tudo o que fora construído por esses povos. Assim, consideramos a pertinência da defesa de uma amefricanidade, pois a Améfrica em território brasileiro,

[...] enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. [...] é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda identidade étnica. (GONZALEZ, 1988, p. 76-77).

Toda essa identidade étnica explicitada acima pela autora, não pode ser alvejada e craquelada pela interferência da dita branquitude (SCHWARCZ, 2021), a qual visa “a produção do lugar de superioridade por parte das elites dirigentes, a produção da subalternidade por parte do colonizador por sobre o colonizado, e a construção de um racismo anti-indígena e anti-negro [...]”. (SCHWARCZ, 2021, n.p).

Essa característica poderemos verificar nos cursos de formação sacerdotal, justamente por realizarem tentativas de descaracterização de processos essenciais na formação do sacerdote ou sacerdotisa de Umbanda, visando atender e corresponder com um mercado de consumo, pautado numa mediocrização e liquidez das relações.

---

<sup>19</sup> Segunda a autora, a colonização de grande parte dos países da América Latina, foi espanhola e portuguesa, justamente num momento que ocorreu a formação da Península Ibérica, com a expulsão dos mouros desses territórios. Assim, a configuração de um racismo de denegação é característica dessa porção do continente, justamente pela influência da noção de divisão hierárquica social advinda dos mouros.

Para tanto, cabe-nos, neste momento, fazermos uma explanação sobre a atuação de tal racismo, no que tange ao vil escrachamento de sua principal divindade, o Orixá Èṣù, gerador de vida enquanto elemento fálico, mantenedor do bom caráter, da disciplina e da ancestralidade de seu povo.

Esse, a ponte que liga a sabedoria, o conhecimento, a força, a união e a determinação, que mantém o sentimento de pertença comunitária firme como seu falo, e que em qualquer circunstância não perde sua característica de continuar criando e cocriando, vive presente na mente dos indivíduos, mas, sempre é utilizado de forma sórdida, como elemento chave de falência da tradição africana, por meio da sua demonização criada pelo colonizador. Porém, como a vida no entendimento africano é algo a ser celebrado, diferentemente do mundo ocidental, Èṣù Bara, na mente e no coração do povo negro, demonstra estar apenas, ‘embaralhadamente’ adormecido, que em trabalhos como esse, fazemos questão de resgatá-lo enquanto ser fundamental e necessário na existência e manutenção da nossa vitalidade, enquanto seres que buscam sentido e resultados eticamente sólidos em suas vidas.

Nesse sentido, Simone Gibran Nogueira (2021), embasa a fala supracitada do sentimento ancestral, que é vivo em nossa sociedade, enquanto cruzamento com as tradições africanas, pois “deve ser enfatizado que a ontologia africana era sem fim [...]” (NOGUEIRA, 2021, p. 92), onde o fim vira início, e o início, vira fim sem uma necessidade de desfecho.

## 1.5 O HIBRIDISMO DAS CONTRADIÇÕES CAUSADORAS DE “BESTEIRAS”

### **Vá cuidar de sua vida**

[...]

Nego jogando pernada  
Mesmo jogando rasteira  
Todo mundo condenava  
Uma simples brincadeira  
E o nego deixou de tudo  
Acreditou na besteira  
Hoje só tem gente branca  
Na escola de capoeira

Nego falava de Umbanda  
 Branco ficava cabreiro  
 Fica longe desse nego  
 Esse nego é feiticeiro  
 Hoje o nego vai à missa  
 E chega sempre primeiro  
 O branco vai pra macumba  
 E já é babá de terreiro  
 [...]

(Geraldo Filme / Interp. Virgínia Rodrigues)

Mediante a tudo que fora explanado até o presente momento, consideramos nessa pesquisa, que no cenário umbandístico, sempre se fez presente uma visão distorcida do mundo tradicional africano, porém, na contemporaneidade, essa distorção tem ganhado força de forma exacerbada, a partir de uma ótica mercadológica consumista e formadora de padrões. Tal disformidade, pode ser observada a partir do processo de demonização teogônica e de ostracismo em solo brasileiro, numa espécie de crivo zoroástrico, da luta entre o bem e o mal, a luz e a sombra, que a partir do século XIX, tem como foco personificado desse processo vil, a divindade Èṣù, o qual, é primordial na ligação entre os planos, material e espiritual.

Dando continuidade a esse pensamento, destacamos que Èṣù possui inúmeras qualidades que são intrínsecas a ele, as quais foram concedidas por Eledumarè, tornando-o uma divindade vital, sendo o princípio e a base essencial para a existência, formação e as ações das religiões de presença africana. Pontuamos neste momento, algumas de suas qualidades, como mantenedor, distribuidor do Axé e *Olópàá*, o qual, nesse drástico processo demoníaco supracitado, foi completamente desfigurado, passando de uma força organizadora e que permite que as manifestações espirituais nos cultos ocorram, para um considerado pejorativamente, perturbador da ordem.

No início do século XX, num contexto pós abolição e proclamação da República, onde o negro foi extremamente perseguido e marginalizado, a Umbanda começou a desenvolver suas dinâmicas ritualísticas, visando anular de forma gradativa, toda e qualquer prática que de alguma forma prejudicasse seu crescimento e afirmação das suas instituições religiosas, as quais, para serem bem aceitas pela sociedade de sua época,

concebiam a magia, o espiritismo e os fundamentos acadêmicos, como o auge da supremacia hegemônica eurocentrista e positivista.

Ponderamos, que a literatura já produzida até o presente momento, é vasta, no que tange toda visão do mito criacional da Umbanda. No entanto, em nossa dissertação, não nos ateremos a esse tipo de debate, tendo em vista que nosso intuito é analisar o processo ao qual a Umbanda, no decorrer das décadas da sua formação, até os dias atuais, além de passar por mudanças e adaptações naturais, que toda religião muitas vezes necessita para sua sobrevivência, há algo muito forte que nos chama atenção nesse momento. São as falas ditas como incentivadoras de um evolucionismo e pensamento eurocêntrico, que outrora era escrachado, e que hoje é transvestido e mascarado, em forma de ensinamentos que induzem o indivíduo, a não precisar pensar, para que continue sendo colonizado/controlado, pelos ditos mais bem intelectualizados de hoje. Ora! Pelo visto, a colonização ainda persiste!

Destacamos que é relevante entendermos a formação do pensamento do novo cidadão brasileiro, nas mais diversas áreas sociais. É possível concebermos que tal estratificação social, na perspectiva de Weber (1982), possibilita que os indivíduos se reproduzam socialmente, a partir de mecanismos de poder. Dessa forma, segundo o autor, entendemos “[...] por “poder” a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação.” (WEBER, 1982, p.211).

Logo, devemos ter em mente que toda a sociedade se articula e se organiza, em diversos níveis, inclusive, a partir das premissas de poder com a junção da produção econômica, possibilitando o entendimento de que as “[...] “classes”, “estamentos” e “partidos” são fenômenos da distribuição de poder dentro de uma comunidade.” (WEBER, 1974, p.212). Aqui, será evidenciado, justamente, no processo de formação da dita “verdadeira” famigerada Umbanda branca, constituída por indivíduos os quais compunham classes de poder muito destacadas na sociedade brasileira, como militares, acadêmicos, profissionais liberais da alta sociedade e políticos.

A partir do exposto, tais indivíduos representantes dos mais diversos estamentos sociais, influenciaram a Umbanda na desconstrução de sua origem negra, e não bastando o violento racismo estrutural e institucional dessa religião, criaram em 1941, o

1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (CEU), que ocorreu entre os dias 19 a 26 de outubro. Tal encontro teve a intenção de manifestar e direcionar a Umbanda para um viés “respeitável”, considerado por esse povo que se auto intitulava detentores do real conhecimento e envoltos por uma “alta espiritualidade”, considerada por eles como mais instruída, excluiu grupos não alfabetizados, como se isso ao longo de milênios, tivesse importância, haja visto, que muitas religiões surgiram pela inspiração e orientação de pessoas que não detinham a habilidade da leitura e da escrita.

Para os membros envolvidos na criação do 1º CEU, a Umbanda precisou se valer de uma visão eugenista absurda, a qual é visível no momento em que é enfatizado, de forma exotérica, o cristianismo e o poderio branco, dito como intelectualizados. Para ter validade espiritual, não bastava ser um herói da nação, ele também precisava ter o crivo intelectual e cristão, pois o frei, o intelectual e o caboclo se fundem e nos confundem, pois como explana Lapassade e Luz (1972) “os caboclos são índios (mas o termo caboclo designa em língua brasileira, antes o mestiço de índio e de europeu). [...] Esse caboclo (índio, mestiço) simboliza a nobreza de caráter, a coragem e a independência de espírito. É um modelo para o escravo negro [...]” (LAPASSADE e LUZ, 1972, p. 06).

Diante do explanado, podemos perceber que o congresso supracitado criou e reproduziu atrocidades, que correspondiam com os caminhos os quais a Umbanda estava sendo direcionada, bem como, ao contexto ao qual a nação brasileira estava envolvida.

Durante os sete dias de debates, vários pareceres foram lavrados pelos participantes, a partir dos quais, podemos verificar que o principal viés era “purificar” a Umbanda de um passado negro e nativo. Dessa forma, sete foram as conclusões estabelecidas, a constatar:

PRIMEIRA – O Espiritismo de Umbanda é uma das maiores correntes do pensamento humano existentes na terra há mais de cem séculos, cuja raiz provem das antigas religiões e filosofias da Índia, fonte e inspiração de todas as demais doutrinas religioso-filosóficas do Ocidente; SEGUNDA – Umbanda é palavra sanskrita [sic], cuja significação em nosso idioma pode ser dada por qualquer dos seguintes conceitos: “Princípio Divino”; “Luz Irradiante”; “Fonte Permanente de Vida”; “Evolução Constante”; TERCEIRA – O Espiritismo de Umbanda é Religião, Ciência e Filosofia, segundo o grau evolutivo dos seus adeptos, estando sua prática assegurada pelo art. 122, I 4.º da Constituição Nacional de 10 de Novembro de 1937 e pelo art. 208 do Código Penal a entrar em vigor em 1.º de Janeiro de 1942, e bem assim o ritual que lhe é próprio, no mesmo nível de igualdade das demais religiões; QUARTA – Sua Doutrina

baseia-se no princípio da reencarnação [sic] do espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária; QUINTA – Sua Filosofia consiste no reconhecimento do ser humano como partícula da Divindade, dela emanada límpida e pura, e nela finalmente reintegrada ao fim do necessário ciclo evolutivo, no mesmo estado de limpidez e pureza, conquistado pelo seu próprio esforço e vontade; SEXTA – O Espiritismo de Umbanda reconhece que todas as religiões são boas quando praticadas com sinceridade e amor, constituindo-se todas elas em raios do grande círculo universal, em cujo centro a Verdade reside – Deus; SÉTIMA – O reconhecimento de Jesus como Chefe Supremo do Espiritismo de Umbanda, a cujo serviço se encontram entidades altamente evoluídas, desempenhando funções de guias, instrutores e trabalhadores invisíveis, sob a forma de "caboclos" e "pretos velhos". (PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1942, p. 120).

A partir dessas conclusões, podemos constatar que seus integrantes desconsideraram, de forma abjeta toda uma história de formação ancestral negra. Tais resultados finais, representaram os ideais do movimento eugênico em voga no Brasil, durante tal recorte temporal, o qual, fora manifestado de dentro para fora da religião Umbanda. Essa, como já demonstrado anteriormente nessa dissertação, visou constantemente, de forma individualista, criar uma

[...] alternativa do afastamento, do rompimento ou da renúncia a um mundo que se torna opressivo e indesejável. A opção pode ser permanecer no seu grupo original com pouca gratificação, frustração e escasso prestígio ou sair em busca de novos espaços físicos e sociais." (VELHO, 1981, p.46).

Tal perspectiva supracitada que foi unilateral e monocromática, também se fez presente no contexto político do nosso país, mais especificamente, no recorte temporal de 1930-1945, que corresponde com o período do governo de Getúlio Vargas (1882-1954), no qual, houve uma ruptura com os ditames políticos vigentes até então, principalmente no que diz respeito a centralização do poder nas mãos desse político. Essa característica se tornou evidente, por exemplo, a partir de 1930, momento ao qual Vargas destituiu os então presidentes de estado (governadores), por interventores escolhidos de forma direta por ele.

Tais atitudes representaram toda sua política centralizadora, onde houve um grande trabalho no seu governo, para direcionar e tornar as mais variadas instituições da sociedade, dependentes de suas ações, as quais, muitas delas tiveram momentos representativos, para demonstrar à população como um todo, quais eram os ideais de seu governo. Nesse sentido, citamos um fato simbólico que ocorreu em 1937, a chamada

“queima das bandeiras estaduais” no Rio de Janeiro, caracterizando a união nacional idealizada por Vargas e o início do Estado Novo (1937-1945).

Esse momento possibilita que façamos uma relação com o elemento fogo, citado no início da nossa dissertação, pois, além de ser o elemento presente nesse fato do governo Vargas, representando o fim de uma autonomia, mesmo que rasa, dos estados, o fogo também simboliza aqui a incineração de toda a tradição e ancestralidade africana.

Observamos diálogos científicos da eugenia, prática muito em voga no período citado, assim como, reafirmada pela Umbanda no início da sua formação, basicamente como uma religião de brancos para brancos, com a presença em alguns casos do racismo, misoginia, segregação e um darwinismo sociorreligioso, de uma dita necessidade de evolução constante que nada tem a ver com o amadurecimento do caráter do indivíduo, o que reflete o absurdo da desconexão com sua ancestralidade, para aqui não dizermos, mas já dizendo, o quanto esse pensamento, é ridículo.

Como nos mostra Renato Ortiz (1999),

os sacrifícios de animais, as oferendas alimentares, o ritual da camarinha, tornam-se, sob o pensamento umbandista sinais de "ignorância", "barbarismo", "atraso mental", enfim, práticas de negro. [...] o negro, envolvido pelo movimento de transformação social, deve se embranquecer. (ORTIZ, 1999, p.156).

Nessa perspectiva, podemos verificar que tais concepções também se fazem presente, ao longo da história da Umbanda no transcorrer do tempo, onde concebeu diversas teorias individualistas, as quais, observamos com a vasta movimentação de formação de vertentes que possuem particularidades em sua organização e procedimentos ritualísticos. Nesse sentido, com a escolha da Umbanda em querer se desvincular da sua origem, quase que um buraco de minhoca surgiu, dando vasão a inclusão de diversas práticas teosóficas e holísticas, compreendidas socialmente como necessárias para suprir a lacuna criada pela ausência da sua ancestralidade negra e nativa brasileira.

Destarte, uma ação outrora desconhecida, pelo menos, no cenário de Umbanda, começou fortemente a surgir, que não por acaso, visando principalmente de forma ambiciosa, um entorpecido prestígio, quase como um “enteógeno” científico, que parece-nos coadunar com a ideia que desde a formação da Umbanda, a proximidade com o espiritismo sempre foi um fator preponderante, o qual, é comum a manifestação de materiais psicografados. Porém, tudo isso ocorre, com a devida análise empírica,

histórica, linguística, gráfica, entre outras, as quais, essas ditas psicografias de Umbanda que esbravejam nos últimos 20 anos, passam longe de um crivo de verificação/validação.

Desse modo, há a formação de um processo quase que chula, de indivíduos que consomem materiais, sem nenhum crivo fidedigno de sabedoria e embasamento, e que passam a se acostumar na medida do tempo, com produções de Umbanda que se distanciam demais da realidade histórica, social, cultural e ancestral, possibilitando assim, o crescimento de um vasto mercado de oferta e consumo de produtos instrutivos, que mais concebem uma letargia sociorreligiosa, do que inspiradora de caráter e bom senso espiritual.



## 2 MERCADO DE CONSUMO SACERDOTAL QUE SECA A ÁGUA REFRESCANTE

### 2.1 O CONSUMISMO LETÁRGICO OFERTADO PELOS FALADORES DE UMBANDA

#### **Ponto de Povo de Rua**

Vou descendo o morro dizendo velho ditado  
E melhor andar sozinho do que mal acompanhado

Esse é irmão desse é o conselho que te dou  
Não confie em qualquer um que qualquer um e falador

O mato tem dois olhos a parede dois ouvidos  
A pior da traição é quando vem de um amigo  
[...]

(Ponto Cantado)

Para um melhor entendimento das nuances que constituem o atual cenário religioso da Umbanda, nos pautaremos a partir da consideração do mercado de consumo enquanto peça chave para todo esse sistema, doravante uma dita desmistificação/simplificação de agora considerados como “velhos” e complexos conhecimentos, criam-se artimanhas “evoluídas” metodológicas de “facilitação” visionárias, de interesses pessoais. Estes, visam angariar novos adeptos e consumidores para o mais novo produto em voga no mercado da Umbanda, os cursos online ou presencial, de autonomia sacerdotal e ritualística de um dito ofício, que na construção afastada da tradição, enfatiza ainda mais, o individualismo enquanto conduta mediúnica de Umbanda.

Por conseguinte, esses são manifestados atualmente por um vasto mercado moderno e tecnológico, o qual, desrespeita diversos valores do segredo e da concepção de sagrado dos povos tradicionais, que tem direcionado pessoas a incutirem a necessidade de tratamento terapêutico, da cura do caos interior, com o objetivo de se tornarem médicos da alma, por meio do ofício mediúnico, “protegidos e guardados”, numa total ficção do mercado digital e/ou presencial de consumo sacerdotal, configurando assim, um conflito moderno tradicional.

Levando em consideração a existência desse mercado moderno tecnológico, consideramos o estudo proferido por Mary Douglas (2004) sobre as minúcias

relacionadas à tecnologia do consumo, analisando aqui, as poucas mudanças que tais cursos de formação mediúnica e sacerdotal estavam inseridos, a ditarmos mais especificamente, nos últimos vinte anos.

Podemos compreender tais características, a partir da relação entre necessidades e mudança do mundo tecnológico e industrial, pois, “a tarefa de estimar as necessidades em termos reais é muito mais complicada se a tecnologia básica estiver mudando com rapidez, como acontece no mundo industrial moderno.” (DOUGLAS, 2004, p. 161). Ou seja, é passível de verificação, até mesmo em vídeos antigos de tais cursos, disponíveis em plataformas virtuais, as abordagens realizadas pelos docentes, sempre pautados em visões da Umbanda correspondendo ao uso de uma retórica sofista<sup>20</sup>, coadunando com o que o público de outrora detinha enquanto necessidade de obtenção de conhecimento incutido como libertador.

Porém, como vivemos em um mundo de constantes mudanças acompanhando os processos de industrialização, divisões de funções sociais, de trabalho entre outros, necessidades vão sendo cunhadas às vistas do capitalismo e da sociedade de consumo, ao mesmo que criam-se oportunidades para atender tais carências, sejam elas espirituais, sociais, emocionais entre outras.

Nesse contexto de disponibilidades pessoais, aliadas às necessidades, tomam corpo social, perante o mundo atual, principalmente desde a pandemia do COVID-19, na qual saímos do público e ficamos no ambiente privado individual. Uma vez inseridos nesse contexto, as tecnologias foram acessórios necessários para que pudéssemos manter contato com as nossas famílias, amigos e demais elementos das relações interpessoais. Nesse sentido, Ribeiro e Sàlámí (2022) nos atentam para questões psicossociais sobre esse comportamento individualista e excludente, onde

o desenvolvimento da tecnologia favoreceu a noção de que toda necessidade individual pode ser suprida por máquinas e o desenvolvimento da teleinformática fortaleceu a crença na possibilidade de superarmos a solidão e lidarmos com as angústias existenciais por meio de relações virtuais estabelecidas no

---

<sup>20</sup> Segundo Marilena Chauí (2002), os sofistas eram um grupo de filósofos novos e, em sua maioria, contemporâneos a Sócrates. Nesse período, aproximadamente entre os séculos V e IV a.C, o debate filosófico deixa de ser em torno das premissas da natureza e cosmologia, dando espaço para “[...] a formação do cidadão e do sábio virtuoso, e se volta para os temas da política, da ética e da teoria do conhecimento.” (CHAUÍ, 2002, p. 129).

ciberespaço. Esses progressos reforçaram a ilusão de não dependermos uns dos outros. (RIBEIRO e SÂLÁMÍ, 2022, p. 02).

É inegável constatarmos que após esse momento de reclusão, os indivíduos puderam retornar aos convívios pessoais e todo arsenal tecnológico se manteve presente no nosso dia a dia. É exatamente nessa perspectiva, que o cenário acima explanado, de uma certa estatização do perfil dos cursos que outrora já existiam, ganham ainda mais, novos elementos de composição de suas roupagens atuais. Assim sendo, endossam, aperfeiçoam e expandem o movimento de compensação das novas e diversificadas necessidades e carências de conhecimentos voltados ao bem-estar, sejam espirituais e sociais, que passam a ganhar espaço na vitrine de venda dos cursos de preparação sacerdotais, pois, não há como atender tal público,

[...] sem aumentar sua capacidade de lidar com maiores quantidades. [...] Continuam como luxo até se tornarem parte da base tecnológica normal de que procedem todas as atividades de consumo. Ainda que não saibamos qual é o novo equipamento facilitador de escala que entrará na estrutura de custos existentes e pouco a pouco a transformará, podemos estar razoavelmente seguros de que o aumento da renda real se expressa como uma demanda por facilitadores [...] de escala. (DOUGLAS, 2004, p. 169).

Assim, podemos constatar no atual cenário ao qual a Umbanda está inserida, que os cursos sacerdotais utilizam a dinâmica entre diversos compensadores e recompensas para constituir sua vitrine de possibilidades de instruções. Muitas são as possibilidades para que as pessoas se sintam imersas, ou profundamente envolvidas por tais conhecimentos entregues por esses ambientes de aprendizagem, que

quando o comportamento se pauta por esse conjunto de instruções, a pessoa aceitou o compensador. Dessa forma, se está também demonstrando comprometimento religioso, uma vez que as instruções sempre incluem certas exigências frente a frente com divino. De fato, geralmente é necessário entrar em uma relação de troca a longo prazo com o divino e com instituições divinamente inspiradas, de maneira a seguir as instruções [...]. (STARK, 2004, p. 03).

Nessa perspectiva, corroboramos com o explanado por Rodney Stark (2004), principalmente no que tange ao mercado de consumo envolto por compensadores e recompensas enquanto um elemento de atividade humana.

Logo, podemos verificar a presença de indivíduos com a roupagem de orientadores ou docentes de futuros sacerdotes da Umbanda, os quais, incentivados pela concepção de uma fé que induz a vontade de seu desenvolvimento enquanto médiuns e

sacerdotes mais conscientes, serão conduzidos a se envolver em um caminho alienado e de dependência de sobrevivência.

Consideramos aqui, uma perda da qualidade do saber viver, como seres independentes e individualistas, pois o pensar em si mesmo, é a pauta maior em questão, onde se posicionam na condição de vítimas, procrastinando mudanças de comportamento, depositando suas necessidades pessoais na conta desses cursos e gerando uma possível alienação de transferência de responsabilidade para os guias espirituais.

Desta forma, tais indivíduos dão ênfase aos cursos de capacitação das mais diversas áreas ritualísticas, onde esses, ganham exacerbado incentivo e crescimento consumista, motivado pelo preenchimento de um vazio existencial e curas dos mais diversos sentimentos, sejam eles pessoais ou de propostas de consumo coletivo, para inclusive, guiar, os futuros e existentes sacerdotes da pós-modernidade.

É passível de observação, que ações que já eram realizadas de formas práticas e acessíveis, passaram pelo crivo do racismo epistêmico perante a mentalidade do homem branco europeu, onde, com sua visão de que tudo é passível de padronização e rotulação, têm o crivo de seu olhar legitimador, como se suas ideias fossem as mais válidas e mais simples, as quais geram conceitos e metodologias de ensino eurocêntricas evolutivas, pois,

essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo. (GROSFOGUEL, 2016, p. 25).

A partir de toda dinâmica demonstrada até o presente momento, analisaremos no segundo capítulo deste trabalho, que os cursos de capacitação sacerdotal, têm se valido de uma dita visão de que o caminho do sacerdócio, trará sentido na vida das pessoas de forma simplificada e independente, porém, nos ditames de uma perspectiva europeia, auto denominada como evolucionista.

Desta forma, trará toda uma base fundamentada em escritos e conceitos mencionados como simplificados, como uma espécie de encaixotamento de ideias, as

quais visam facilitar a compreensão e transmitir diversas informações, onde há alegação que os ambientes de terreiro ocultam, mas que serão abordadas pelos facilitadores.

Importante nesse momento destacarmos, que as fontes utilizadas para essa pesquisa, são compostas por publicações de algumas escolas de Umbanda, que possuem várias características similares entre si, no entanto, aqui destacamos três, a citar: 1) possuíam ou possuem elos com a vertente chamada Umbanda Sagrada; 2) defendem a ideia que o terreiro é um local complexo de ser vivido, e que eles são detentores do poder de facilitar o acesso às informações, que não são transmitidas no espaço de terreiro; 3) defendem a descaracterização da teogonia africana, embranquecendo as práticas, por meio de uma postura euro mágica religiosa.

Assim, pude constatar tais características, a partir do exercício realizado diariamente desde 2017, acompanhando as publicações das três escolas já citadas anteriormente, sejam através de sites próprios, assim como nas mais variadas redes sociais. Dessa forma, fui me constituindo enquanto uma testemunha ocular de todo esse processo ao qual vem sendo formado e consolidado na Umbanda.

Diante desse quadro exposto, é passível de verificação que dentro de uma sociedade fortemente calcada pelo eurocentrismo, onde religião e mercado se confundem, há uma necessidade de facilitação dos processos que compõem a Umbanda, visando tornar acessível ao público uma religião dita como ainda “não bem compreendida”, tornando assim, os indivíduos mais bem “intelectualizados” e muito pouco pertencentes ao convívio *in loco* com uma comunidade de santo. Nesse ritmo, tais pessoas, muitas vezes acabam sem perceber, que estão sendo aprisionadas a um sistema que os transformam em eternos aprendizes e consumidores de produtos de estudo de amadurecimento sacerdotal à distância.

No entanto, é imprescindível pensarmos que essa hegemonia em construção é sustentada por moedas de troca, onde a de maior valor repousa na aquisição do conhecimento com ausência de sabedoria, ponto esse que visaria o aprimoramento da vida do ser humano. Em contrapartida, a vida do discente, cada vez mais individualista e independente, pode não estar melhorando, porém, a vida financeira dos facilitadores de tais cursos, a cada dia com mais adesões sendo realizadas, crescem de vento em popa.

É passível de observação, que essa tal troca de saberes de forma imperceptível, torna as pessoas cada dia mais dependentes dessas facilidades, o que é natural dentro do sistema de mercado de consumo, no qual, cada vez consumir mais e mais produtos, transforma aquilo que você nem acreditava precisar, em algo que se torna uma necessidade primordial, onde “[...] essa marafunda parida do caráter elementar, do colonialismo (violência) transforma os seres em algo desfigurado, dejetivo, refugo e resíduo humano, que servirá de uso para a manutenção do poder.” (RUFINO, 2019, p. 151-152).

No entanto, tanto no quesito das manifestações espirituais, quanto dos praticantes e adeptos da Umbanda, as falas e ensinamentos sempre existiram de maneira mais simples possível, no que diz respeito ao entendimento e a transmissão do conhecimento, que sempre visou e visa, toda uma ideia de agregação, resistência e luta contra as desigualdades raciais e sociais.

A Umbanda nos dias de hoje, ainda é considerada por muitas pessoas, como um local de aprendizado cotidiano, de formação, integração ao seio familiar e reintegração social. Tal importância, reflete em indivíduos, que não tiveram acolhimento, ou não se sentiram orientados e direcionados pelas devidas instituições sociais existentes, as quais letargicamente, não atendem muitas vezes as demandas dessas pessoas, dificultando assim, ainda mais o acesso ao atendimento necessário para as mais diversas necessidades básicas humanitárias, sejam elas sociais ou nas demais esferas da vida.

Logo, consideramos que os cursos de capacitação sacerdotal e toda sua estrutura, concebem um epistemicídio na religião Umbanda, a qual, na pós-modernidade tem considerado como fidedigna e correta, apenas se houver, uma prática exercida por pessoas que detenham em mãos, o estudo teórico de base racista, branca e ocidentalizada que como consequência, estampa um certificado na parede da intelectualidade soberba, a qual, faz questão de desconsiderar o conhecimento oral transmitido a partir do vínculo familiar de santo por diversas pessoas mais antigas na religião.

Sendo assim, há uma oposição ao que a ancestralidade supracitada sempre orientou, quanto a importância do tempo, da disciplina, do comprometimento, da seriedade, doação, espírito de caridade, respeito, esforço, dedicação ao espaço de

terreiro, enquanto ambiente familiar e de comunidade religiosa, onde adquire-se a sabedoria necessária, embasada na prática milenar do dia a dia com os mais antigos.

Numa ideia encruzilhada de várias possibilidades de direcionamento expansionista religioso, a Umbanda encontra-se “em cima do muro”, até conflitante, entre a necessidade de criação de cursos de capacitação sacerdotal, incentivados pelo mercado de consumo e a lei de oferta e procura, direcionando-a para um viés dinástico mercadológico. Com a perspectiva de vitrine acadêmica de formação e pós formação, vai de encontro aos grupos os quais ainda resistem para manterem vivas as raízes ancestrais de povos tradicionais, que sempre lutaram tanto, para sustentar seus valores culturais e religiosos vivos e incentivados visceralmente em suas comunidades.

Os docentes dos cursos de formação sacerdotal incentivam na mente dos indivíduos que os cursam, um distanciamento paulatino que será compreendido como efeito natural e moderno. Acreditam que não há pertinência de um quesito de amadurecimento, experiência, tempo e esforço, e de convívio natural de troca de saberes no espaço de terreiro, tendo em vista, a nova maneira facilitada proporcionada agora, pelo comodismo e praticidade da obtenção do conhecimento na palma da mão.

Dessa forma, ao buscarem o estudo preparatório de um incutido pensamento de capacidade mediúnica sacerdotal, onde passa a ser considerada como algo que pode ser simplesmente ensinado a despertar, desenvolver e aprimorar em qualquer pessoa, contrariando assim, o que as tradições embrionárias já citadas nesse trabalho sempre enfatizaram.

É passível constatararmos que com esses cursos de capacitação, o conhecimento se torna elemento primordial e a prática se torna mera consequência do conhecimento obtido, porém, esse ocorre sem nenhum crivo de constatação que dado conhecimento irá trazer resultados positivos em suas execuções.

É comum observarmos em qualquer sistema que possui uma base de conduta moral, se pautar numa consciência primeira do saber lidar com a vida no que tange suas práticas antes de assim realizá-las. Considerando que apenas possuir conhecimento não significa constatações reais de suas práticas, cogitamos uma possível alienação promovida por esses cursos, que por meio da miscelânea de conhecimentos, pode gerar distorções no que tange à fundamentação das tradições.

Nesse sentido, segundo Mbiti (1975),

As sociedades tradicionais africanas mantiveram de olho em qualquer erva daninha individual em sua vida moral e muitas vezes as desenraizavam antes de transformar a vida humana em um deserto imoral. Assim, a Religião Africana enfatiza a importância da moral na prática e insiste que ela deve se estender a todas as áreas da vida para o bem-estar do indivíduo e da sociedade em geral. (MBITI, 1975, p. 181).

Visando analisar esta questão individualista promovida por tais cursos de formação sacerdotal, iremos nos amparar a partir do exposto por Bauman (2001), o qual explana sobre o entendimento da antiga confiança “sólida”, estruturada por meio da razão, e é substituída pela incerteza, fluidez e ausência de forma definida, que esse incentivo presente na Umbanda, pode ocasionar de enfraquecimento comunitário, com conexões voláteis e embasadas por interesses pessoais e/ou contextuais.

Dessa forma, Bauman (2001) ressalta a relevância dos espaços comunitários em xeque aos espaços virtuais ou de religião de conteúdos, fazendo com que esses, nos possibilite a ideia de um turismo religioso tecnológico, evidenciando assim, o processo de adaptação ao qual a Umbanda se encontra, correspondendo com o mercado de consumo capitalista, podendo perder assim, toda uma visão de respeito e manutenção de costumes das relações tradicionais e o envolvimento dos indivíduos em trocas de saberes, traquejos da vida e cuidados uns e com os outros.

Assim, o autor nos informa sobre o mercado capitalista de consumo e seu primogênito, o consumismo, onde

[...] hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades — nem mesmo as mais sublimes, distantes [...] necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo — entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa”. (BAUMAN, 2001, p.72).

Imbuídos pelo desejo volátil de suprir as necessidades do “ter” humano, o ser humano, comumente não tem buscado firmar elos relacionais nas mais variadas áreas da vida, haja visto a forte promoção que o mundo capitalista dispõe para a sociedade com diversas informações, variedades de hábitos, muitas possibilidades de aquisição de bens e costumes, entre outros. Assim, percebemos que esse cenário está cultivando e criando indivíduos cada vez mais interessados pelo ter e não pelo ser.



Seguindo a linha de raciocínio de Bauman (2001), Hall (2006), abordará sobre a condição de fluidez das identidades no mundo pós-moderno, as quais são inconstantes reagindo de acordo com as nuances impostas pelo mundo tecnológico e globalizado. Diante disso, o autor nos embasa que dentro desse cenário, há uma possibilidade de interconexão entre os indivíduos, os quais almejam uma relação de conexão não fraternal entre as comunidades, essas, baseadas em interesse capitalista de ganho e consumo. Esse movimento de globalização, implica em um distanciamento de um ideal sociológico de modelo clássico de sociedade (HALL, 2006), para um ambiente de proximidade fictícia e de relações frágeis, pautadas exclusivamente, na concessão de uma suposta capacidade, sem nenhum tipo de validação, ou orientação, que deveriam ser embasadas em resultados concretos.

Corroborando com os dois autores supracitados, Zuboff (2021) nos explana sobre a compreensão de uma ascensão do comércio midiático, que visamos compreender nesse estudo, por meio da pandemia causada pelo COVID-19, a partir da qual, ora mencionada, houve uma possível ascensão da procura e oferta de mecanismos para suprir as necessidades subjetivas humanas, seja de forma religiosa, seja espiritual.

Segundo a autora, o capitalismo corresponde com as necessidades humanas, em locais e momentos específicos (ZUBOFF, 2021). Assim, os cursos que analisaremos nesta dissertação, possuem a característica de agradar e atender expectativas de consumidores de conteúdos de fácil acessibilidade, ganhando espaço dentro da concepção da vida religiosa dos indivíduos, os quais, visam uma independência sociorreligiosa e elucidativa de seus questionamentos individuais. Buscam esses negócios, a fim de considerar “[...] que novas formas de mercado são mais produtivas quando moldadas por uma fidelidade às demandas e mentalidades reais das pessoas.” (ZUBOFF, 2021, p. 48).

De forma oral e presencial, as religiões de presença africana auxiliam todos os indivíduos no entendimento de um melhoramento do comportamento humano, onde aqueles que serão possíveis sacerdotes, de forma gradativa e paciente, respeitam as etapas de cada processo de formação consciencial e responsável, que não segue essa celeridade da pós-modernidade, agora transfigurada, em cursos facilitadores, irresponsáveis e redutores de tempo.

Os indivíduos das religiões supracitadas, que possuem uma base tradicional, entendem como uma de suas maiores e respeitadas divindades, o tempo. No entanto, devido a uma necessidade humana de querer facilitar, acelerar, agradar, atrair e atender um mercado de consumo expansionista, o tempo, é um fator que tem sido desrespeitado, para que de maneira célere, os ansiosos com o resultado em alcançar o topo de uma dita hierarquia religiosa e um poder de fala, comprem seus certificados, para que numa suposta realidade social, sejam aceitos como tal pela comunidade religiosa.

Diante de uma perspectiva contrária desses cursos, os quais geram um envolvimento comunitário de não linhagens, como batatas brotando num terreno, Lima (2003) nos recorda que “o símbolo da autoridade constituída e concedido pela mãe a um seu filho, vai criar uma espécie de “linhagem segmentar”, originando, assim, novos termos de parentesco e de relacionamento intergrupar.” (LIMA, 2003, p. 152), o qual, numa perspectiva de pessoas que buscam cursos para se auto intitular Pais e Mães de Santo, se tornam, perante a hierarquia da vida, pais ou mães, antes mesmo de terem sido filhos (as). Ora! Como se pudesse pela lógica natural da vida, um filho (a) parir uma mãe, o que nos remete a Umbanda que cultua Orixá, no entanto, buscando sempre sua visão distorcida da tradição, sendo uma filha “rebelde” que deseja parir sua própria ancestral.

Na tradição das sociedades africanas, a ancianidade é também uma qualidade social, além de ser uma questão biológica, pois são os anciãos que movem do passado dos antepassados, seus poderes para o presente, demonstrando assim, uma hierarquia com base na cronologia dos indivíduos (SOUSA, 1965).

Consideramos nesse estudo, que esses cursos tornam a Umbanda palatável, desvirtuando sua essência, motivados na oferta por meio da grande massa de procura, gerando consumo e usufruto de todo o conhecimento adocicado. Logo, o acesso a esse conhecimento, poderá gerar retornos, inclusive financeiros e de status social, realidade esta que podemos observar no neopentecostalismo e toda sua ideia de troca, no ato de dar e receber, que segundo Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa (2019),

[...] o pentecostalismo atua e cresce fundamentado numa teologia evangelística agressiva, adicionando ao ato religioso, o sensacionalismo e o espetáculo, seguido de um “produto doutrinário” vendido como bem de consumo, que intervêm prioritariamente no universo das dores e das angústias, dos conflitos familiares, que necessitam ser tratados de imediato. [...] As

instituições religiosas não surgem de acordo com o sentido da cidade, mas ao contrário disso, se formam em lugares e momentos-marco importantes e de grande necessidade e aflições por parte das pessoas à sua volta. (CORREA, 2019, p. 32).

Assim, podemos constatar toda uma dinâmica de fala e argumentação similar na postura e posicionamento dos indivíduos docentes de Umbanda. Nesse sentido, se faz pertinente a abordagem que Derrida (1973) elabora em torno da desconstrução de binarismos presentes em escritos ocidentais, mas que aqui nesse estudo, também podem ser muito bem utilizados, haja visto que nesse caminhar, muito do exposto de forma pejorativa sobre a Umbanda, partiu de escritos acadêmicos e científicos de intelectuais, em vários momentos da História do Brasil.

Nesse sentido, Derrida (1973) nos afirma que é necessário realizar uma desconstrução dentro das estruturas que se quer desconstruir, pois

[...] não solicitam as estruturas do fora. Só são possíveis e eficazes, só ajustam seus golpes se habitam essas estruturas. Se as habitam de uma certa maneira, pois sempre se habita, e principalmente quando nem se suspeita disso. Operando necessariamente do interior, emprestando da estrutura antiga todos os recursos estratégicos e econômicos da subversão, emprestando-os estruturalmente, isto é, sem poder isolar seus elementos, e seus átomos, o empreendimento da desconstrução é sempre, de um certo modo, arrebatado pelo seu próprio trabalho. (DERRIDA, 1973, p. 30).

Logo, desconstruir a Umbanda é pertinente neste projeto, para que seja enfatizado o entendimento de que as práticas que antecederam essa religião, e que foram o tempo todo recriminadas como espécie de magia negativa, possam ser revistas, sem o crivo do racismo, seja ele de cor ou religião.

Diante do exposto, os cursos de capacitação sacerdotal possuem uma proposta, a qual visa formatar indivíduos e proporcionar orientações para problemas considerados de difícil resolução, por meio de fórmulas que proporcionam ao praticante, liberdade e facilidade de manifestações. Dessa forma, diante do atual cenário da Umbanda, que tem como pano de fundo, os cursos de formação sacerdotal, trazemos Èsù, o qual foi inserido num processo de demonização, brevemente citado, agora na figura de entidades espirituais, passa a se tornar uma espécie de mal necessário para trazer luz à escuridão dos indivíduos, onde essas entidades utilizarão seu nome na composição de formação de suas “falanges”.

Desta forma, aqui nesse trabalho visamos o entendimento de religião enquanto comércio, a fim de atrair atenção de diversas pessoas, que adorariam ser consideradas como soldados, cavaleiros ou guerreiros do bem, na luta contra o mal. Diversos indivíduos, têm proposto um arsenal de cursos preparatórios, os quais, os ditos aprendizes, buscarão se tornar “mestres da luz”.

Nesse cenário, os praticantes da religião de Umbanda, buscam a partir desses aperfeiçoamentos, obter o controle das suas supostas trevas, sombras, transtornos psicológicos, desde depressão, crise de ansiedade, crise existencial, questões psicossomáticas, por meio de uma dita consciência luminosa sagrada que tanto o pensamento ocidental enfatiza, sustentando a ideia de uma espécie de Zoroastrismo e Teosofismo adaptado a religião Umbanda. Ainda enfatizando a dicotomia e a guerra, entre bem e mal, o Deus e o Diabo, passa a se sustentar um aprendizado, o qual, lhe remeterá a consciência de que esse “diabo”, seja seu aliado, o qual, proporcionará maiores resultados, o que destoa completamente da tradição originária, que há milênios estuda esses seres.

Logo, nas encruzilhadas onde Èṣù se faz presente, poderemos observar a permanência de um alveijamento social e religioso, existente desde o “surgimento” da religião Umbanda. Visando apagar seu passado negro, o qual, categorizam-no enquanto hostil e doentio, há um contínuo caos no seu universo de origem, entrando em choque com suas raízes e tradições, inventando práticas customizadas, que vem abrindo cada vez mais portas para os ditos “educadores” espirituais.

Como já explanado, o kimbandeiro possuía habilidade na manipulação das ervas, assim como, dos mais variados elementos da natureza e suas propriedades curadoras. Os umbandistas, por sua vez, para impedir que não houvesse o desenvolvimento da Umbanda ligada a tal religiosidade, utilizaram diversas estratégias para erguer e manter a religião viva, entre elas, o embranquecimento das práticas dos kimbandeiros.

Tais ações, como já mencionamos, foram permeadas por diversas teorias raciais com uma motivação construída utilizando o medo como mecanismo de controle, que a partir de uma visão diabólica, a qual tinha uma intenção de construir uma dicotomia entre bem e mal, a magia negra, é taxada de sombria e relacionada a Kimbanda, a qual, deveria ser combatida pela luz do bem da Umbanda. Embasando o que já fora mencionado nesta dissertação, e buscando sermos enfáticos, Silva Filho (2015) menciona que diante da

busca de um aperfeiçoamento social, cultural e religioso pela luz da ciência, há uma grande pretensão de construção arquetípica de domínio do “eu interior” dos povos africanos, configurando dessa forma, diversas fragmentações da Umbanda em Umbandas, cada qual com sua abordagem específica, no que diz respeito aos rituais, bem como, nas noções de suas permanências e rupturas de uma religião originária dos povos africanos.

Assim, ressaltamos que houve uma divergência nebulosa dos fragmentos da Umbanda, direcionados a Èṣù, onde um amálgama entre concepções yorùbá e bantu, demonstram de forma prática e mental, a fragmentação da religião Umbanda supracitada.

Desta forma, com o envolvimento dos Orixás na Umbanda, os umbandistas visaram criar particularidades teogônicas sobre as divindades africanas, onde muitos desses, afirmam ainda hoje, que Orixá não tem cor, são energias naturais universais, as quais, toda e qualquer pessoa pode invocar e evocar essas forças a sua maneira, pois, enquanto energia, se plasman de qualquer forma.

Podemos observar com isso um epistemicídio tradicional yorùbá, que é a origem dessas divindades, engendrado em um nítido racismo, que sem firmeza e sentido, transforma o espaço físico de terreiro, de ambiente comunitário de luta e resistência, à ser entendido por muitas pessoas, como um local de aprendizado simplista. Em um mundo de indiferença com curas rápidas, formatadas com uma dinâmica de *fast food* espiritual e fugas dos seus problemas pessoais, propagam a ideia do sacerdócio, enquanto melhoramento mágico de vida e uma muleta sociorreligiosa.

## 2.2 DO ARQUÉTIPO NEOPENTECOSTAL À UMBANDA: A IDEALIZAÇÃO DO(A) MACUMBEIRO(A)

### **Fé Continua**

Eu sou tudo o que a energia da vida me fez para ser  
 Palavra que eu sou  
 Eu tenho tudo o que a energia da vida dispõe para eu ter  
 Palavra que eu tenho  
 Eu sou um filho de Zambi, filho de Mavú  
 Filho de Olorúm  
 Filho de Olodumaré

Filho de Alá, filho de Sô  
Filho de Jeová

Designação distintas, mas uma só força verdadeira  
Somos herdeiros destas forças que designamos Deus  
Nascemos sempre que despertamos  
A semente divina que é a energia encantada  
Foi plantada em minha  
Em nossa cabeça  
Meu Ori guia meu coração  
Nosso Ori guia nosso coração

A energia encantada vibrante em mim  
Revitaliza-me sempre  
E sempre que desperto, me sinto vida  
Minha carne não foi redimida  
Mas o meu espírito está em contínua recriação  
O meu espírito mora no meu corpo  
A energia encantada habita dentro de mim  
[...]

(Música autoral do artista Mateus Aleluia)

É vasto o rol literário sobre religiosidade, em suas vertentes mais heterogêneas. Nesse sentido, destacamos aqui nesse momento, alguns aspectos que são expostos na obra Neopentecostal<sup>21</sup> “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?” de autoria do bispo Edir Macedo Bezerra (1945 - ), fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a partir da qual, faremos uma breve abordagem para que possamos compreender algumas características de um ideal de Pai ou Mãe de Santo também expresso nos cursos de formação sacerdotal, os quais são passíveis de observação de similitudes, a partir dos ditames enfatizados de dado perfil pastoral Neopentecostal.

Em seu livro, o bispo Edir Macedo realiza uma análise a partir de premissas de interesse religioso próprio, visando desqualificar, num tom inquisitorial, racista e

---

<sup>21</sup> O Neopentecostalismo é uma vertente do Cristianismo Evangélico que ganhou destaque a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI. Essa corrente religiosa surgiu como uma mudança do pentecostalismo tradicional. Peter L. Berger em sua obra "O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião", discute a relação entre religião e modernidade, exemplificando essa prática a partir do neopentecostalismo.

intolerante<sup>22</sup>, toda e qualquer prática que tenha relação com as religiões de presença africana. Essa obra se auto intitula como a delatora das

[...] manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por Orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do seu domínio. (BEZERRA, 2006, p. 03).

Nesse sentido, ele nos fornece um arcabouço indagatório no que tange o ideal de religião, ao se colocar como um salvador, trazendo “[...] toda a verdade sobre os Orixás, caboclos e os mais diversos guias, os quais vivem enganando as pessoas e, fazendo delas "cavalos", "burrinhos" ou "aparelhos", quando Deus as criou para serem a Sua imagem e semelhança.” (BEZERRA, 2006, p. 05).

Ao mesmo, esse livro oferece uma falácia no que diz respeito ao ideal de fiel e também de líder espiritual, pois,

o ex-macumbeiro crente, se foi pai-de-santo ou mãe-de-santo, ou se teve uma posição de destaque na prática do espiritismo, corre o perigo de ser tentado a continuar exercendo sua liderança. É aí, que aparecem nas igrejas muitos "profetas" e "profetisas" que podem estar sendo usados por satanás, o grande falsificador das operações do Espírito Santo. Até que tenha certeza absoluta da recepção dos dons espirituais e de que os poderá usar para a glória de Deus, evite as consultas e coloque-se na sua verdadeira posição - alguém que está começando como criança uma nova vida. Seja obediente às normas da Igreja, aos pastores, e líderes que Jesus constituiu sobre ela. Os dons espirituais concedidos ao cristão devem levá-lo a dar os frutos do Espírito. Satanás, como já dissemos, é falsificador e poderá levar o ingênuo a acreditar que tem ou recebeu um dom espiritual, quando na realidade é ele quem está operando. Visões esquisitas como de vultos, coisas sem nexos, pessoas que já morreram ou espíritos, devem ser imediatamente repreendidas em nome de Jesus. Línguas estranhas ou profecias que não se enquadram no padrão bíblico, devem ser rejeitadas imediatamente. (BEZERRA, 2006, p. 108).

Ou seja, toda prática de redenção deve ser antecedida pelo cuidado e atenção, pois aquilo que é remetido na visão do autor ao cramulhão, pavor dos neopentecostais, não deve ser praticado. Para tanto, é necessário que o recém fiel convertido adquira e mantenha bons hábitos, como a leitura do livro sagrado cristão, participar do dia a dia da Igreja, conversar com seu líder religioso, manter-se em oração, em jejum, tudo com a intenção de ter uma vida espiritual cada vez mais exemplar, pois, “[...] são bons hábitos

---

<sup>22</sup> SANTOS, Valdelice Conceição dos. O discurso de Edir Macedo no livro Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios?: Impactos e impasses no cenário religioso brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

cristãos que devem ser adquiridos por todo ex-macumbeiro convertido.” (BEZERRA, 2006, p. 109).

Essa obra foi elaborada, segundo Santos (2010), a partir do uso estratégico de ferramentas de linguagem, imagéticas e retóricas, que correspondem com a

[...] lógica do marketing empresarial, que objetiva manter seu produto em plena ascensão no mercado regido pelo sistema capitalista. [...] busca atender justamente a este público de “consumidores do sagrado”, e Edir Macedo é apresentado como a pessoa qualificada para atender as exigências de uma demanda própria de tempos de incertezas e de fronteiras de sentido porosas. (SANTOS, 2010, p. 60-61).

É notório percebermos que o racismo exposto nas falácias proferidas por Bezerra (2006), é comumente presente no cotidiano dos negros, mostrando sua face de variadas formas, entre elas, no racismo religioso, numa via de mão dupla de ataques internos e externos às religiões de presença africana.

O exposto acima pelo Bispo Neopentecostal nos demonstra uma ampla movimentação que vem ocorrendo no seguimento de Igrejas Evangélicas Neopentecostais, em generalizar que tudo o que é advindo das religiões de presença africana, enquanto práticas do cramulhão, e os Pais e Mães de Santos são proprietários(as) de sucursais do mal, sendo estes, feiticeiros, bruxos, evocadores do maligno entre outros. Reforçam estereótipos racistas e preconceituosos, herdeiros da ignorância religiosa que ainda persiste em existir no nosso dia a dia, fomentando cada vez mais, atos de agressividade contra praticantes, templos, Pais e Mães de Santo.

Tendo isso em mente, pensemos numa hipótese latente: Edir Macedo, em posse de todo reconhecimento social e religioso evangélico, proprietário de meios de comunicação, teve muito sucesso<sup>23</sup> na divulgação das ideias acima expostas, mesmo se tratando de concepções completamente deturpadas da realidade que envolve as religiões de presença africana. Tal disseminação errônea, é solidificada e fixada no imaginário social (BACZKO, 1985), o qual passa a estabelecer valores e ações consideradas como verdades históricas, devido principalmente, o meio de difusão utilizado, garantindo assim, uma certa dominação do simbólico, atingindo também, os espaços de terreiros.

---

<sup>23</sup> Santos (2010) nos informa que naquele contexto, o índice de vendas chegou a “[...] mais de 4 milhões de exemplares.” (SANTOS, 2010, p. 61).



Então, ao ter contato com tais deturpações e visões que fortalecem o preconceito e a ignorância religiosa, diversas pessoas chegam aos terreiros com ideias de que ali é o lugar onde há fofoca, inversão de valores, deturpação da paz, da ordem e do sossego, de que os rituais e toda liturgia é relacionada ao mal e ademais considerações. Nesse momento, os cursos de formação sacerdotal agem, infelizmente, não para interromper tal propagação de um ódio desenfreado, que tanto cria máculas nas religiões de presença africana, mas sim, para defender “o seu”, ou seja, para proferir palavras afirmando que onde é território de domínio dos docentes dos cursos sacerdotais, tais situações jamais ocorrem e nunca ocorreram.

Porém, não é o caso para adesão à uma dita “modernidade”, a qual numa visão de adaptação de mundo nos dias atuais, criou uma “loucura pandêmica” nos momentos de reclusão social, com giras e puxadas<sup>24</sup> online, sem o mínimo de respeito e pudor, mas com grandes doses de deturpação da tradição religiosa africana. Tais indivíduos precisam rever seus atos, pois além de cometerem uma ofensa à toda uma base de ancestralidade espiritual, ampliam a banalização e a mediocrização daquilo que sempre foi e é tão sublime para as religiões de presença africana, sendo inclusive, algo muito criterioso com as relações que compõem o segredo, o secreto e o sagrado dessas religiões.

Lamentavelmente, ainda observamos a presença de um aparato colonizador, porém, de uma forma pós-moderna, com metodologias virtuais mercadológicas amparadas pelo medo, controle e pressão psicológica da falta do “saber”. As filosofias de presença africana, em sua base, pregam o engrandecimento do caráter humano, o pensamento de coletividade, o amor à natureza e ao próximo sem distinção. Em sua perspectiva originária, os mais velhos cuidam dos mais novos, e esses aprendem com aqueles que os seus deuses respeitam os deuses dos outros, visto que, o deus que habita em você, também habita no outro, e que os nossos olhos não são capazes de enxergar nossa própria cabeça, pois, sendo seres interdependentes, devemos enaltecer e fazer prevalecer o cuidado de uns com os outros.

---

<sup>24</sup> Puxadas nesse contexto, é o ato de realizar cantigas e evocações de espíritos, os quais serão chamados a manifestar nos médiuns participantes do ato ritualístico de incorporação.

Este panorama é resultado, infelizmente, de uma sociedade que vive intensamente numa liquidez de relações, aliadas pelo individualismo. Enfatizamos que para o povo yorùbá, por exemplo, é plausível que o ser humano pense de forma individual para estabelecer metas, aperfeiçoamento social e/ou religioso, porém, quando essa característica chega à esfera do rompimento a ética, isso passa a ser algo inconcebível, pois como já verificamos acima, a união, ética e respeito à moral são as principais premissas da vida, da e para a comunidade africana.

Esse rompimento da ética citado anteriormente, é a referência que fazemos ao tridente de Èṣù, onde essa divindade, constantemente sendo demonizada, é alvo contínuo de deturpações e ideias mirabolantes, fantasiosas e lúdicas, em um mundo repleto de pessoas que almejam um holofote teatral. Motivadas pelo seu egocentrismo da busca pelo poder ou ascensão pessoal, são capazes até de distorcer o fundamento de uma divindade, a qual enfatiza a necessidade do melhoramento do comportamento humano nas mais variadas esferas da vida.

Nesse sentido, segundo Ribeiro e Sàlámì (2022),

“no Orixá Exu é reconhecido o poder de melhorar o comportamento humano. Embora outros Orixás também realizem essa tarefa, Exu é quem, por sua natureza e atributos, reúne melhores condições para trabalhar no sentido de favorecer mudanças pessoais, indispensáveis à prática dos valores e virtudes, visando a conquista do bem-estar humano. Fortalece as pessoas para que possam enfrentar as dificuldades da vida e tornem-se capazes de promover, em si e no entorno, as mudanças necessárias. Todo aquele que se proponha a definir nova rotina ou assumir novas atitudes e comportamentos sabe das dificuldades que enfrenta para dominar hábitos arraigados e para vencer a indolência. Exu apóia aquele que se dispõe a tornar-se mais disciplinado, mais organizado e melhor sob todos os pontos de vista. Apóia, sustenta e fortalece o empenho pessoal daquele que se propõe a adquirir ou desenvolver virtudes que o tornarão mais feliz e mais solidário.” (RIBEIRO e SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2022, p. 25).

Desta forma, Èṣù enquanto força mobilizadora para que ocorram mudanças necessárias no comportamento individualista, comportamento este, que é contrário a capacidade natural de empatia e compaixão, é necessário esforços contínuos para que haja obtenção de resultados positivos oriundos de tais atos. Sendo assim, como citamos anteriormente,

“podemos optar pela realização de atos éticos prioritariamente voltados para o bem coletivo do que para interesses individuais. Podemos optar pela recusa de agir de modo antiético, entendendo por antiético todo ato que negligencie as outras pessoas e a natureza. [...] Considera éticos os atos realizados com a intenção de não prejudicar a experiência nem a expectativa de felicidade dos

demais e espirituais, os realizados para favorecer o bem-estar de outras pessoas e promover felicidade em suas vidas. [...] pode ocorrer que alguém seja incapaz de estabelecer uma comunicação eficiente; pode haver dificuldade para avaliar o possível impacto das próprias ações sobre os demais; pode ocorrer, ainda, que alguém não tenha discernimento para distinguir o correto do incorreto, o que acarretará dificuldades, ou mesmo impossibilidade, de avaliar as consequências dos próprios atos.” (RIBEIRO e SÂLÂMI e RIBEIRO, 2022, p.07-08).

Corroborando com o exposto acima, especificamente no que diz respeito aos esforços contínuos para que ocorram resultados significativos referentes ao convívio comunitário, Lévi-Strauss (1958) nos informa sobre as provações e privações, pois, “na verdade, é na atitude do grupo, bem mais do que no ritmo dos fracassos e dos sucessos, que se deve buscar a verdadeira razão [...]” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 188). O que o autor está nos evidenciando, uma vez a comunidade fragilizada, todo o tempo, trabalho, dedicação e abdições realizadas, de nada adiantaria, se a relação entre o indivíduo e esse grupo foi fragilizada pelo fato do não cumprimento das noções básicas de ética, à qual a religião de presença africana é edificada, caminhando assim, para a “[...] diluição do *consenso social* [...]” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 188).

Os cursos de formação sacerdotal estão situados, infelizmente, na contra mão do que apregoa a tradição yorubá, pois,

“entre os principais valores dos iorubás incluem-se a responsabilidade e devoção ante o dever; a honestidade na vida pública e privada; a supremacia do mais velho sobre o mais novo e a importância do grupo de pertença. O respeito devido às pessoas em geral é particularmente dedicado aos mais velhos.” (RIBEIRO e SÂLÂMI e RIBEIRO, 2022, p.26).

Na ausência dos valores supracitados, os docentes de tais cursos caminham diariamente para um ambiente onde apenas o conhecimento por si só, é o foco para a prática sacerdotal, não sendo mais necessário o convívio *in loco* nos terreiros seja com a vivência da comunidade de santo e/ou social, pois “diante de um universo que anseia por compreender, mas cujos mecanismos não domina, o pensamento normal sempre busca o sentido das coisas nelas mesmas, que nada informam.” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 189).

Na prática do dia a dia no espaço de terreiro, ao se ter contato com processo de cura dos indivíduos, tanto Pai e Mãe de Santo, assim como a comunidade, têm seus papéis específicos, “[...] pois a magia readapta o grupo a problemas predefinidos, por intermédio do doente [...]” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 191). Tal habilidade fica inexequível

diante as dinâmicas reforçadas nos cursos de formação sacerdotal, os quais enfatizam a extrema valorização de uma vida espiritual e mediúnica individual, solitária, independente, sem contato comunitário de santo, onde tudo é possível de ser realizado no conforto do lar. Diante ao exposto, vale frisar que essas características incentivam “o enfraquecimento da noção de comunidade e de pertença grupal, próprio da cultura do narcisismo, conduz ao estremecimento ou mesmo à perda de laços afetivos e, nessa conjuntura, é reforçada a tendência à inveja e à competitividade.” (RIBEIRO e SÂLÂMÌ, 2022, p. 02).

O que estamos expondo aqui, é que tais cursos não levam em consideração a predominância e importância do espaço de terreiro. Ao contrário! É veementemente justificado que tudo pode ser realizado em qualquer lugar da residência do discente, sem levar em consideração que todo desenvolvimento e prática espiritual devem ser realizados num ambiente muito bem preparado e protegido, seja espiritualmente e/ou materialmente. Seguindo a tradição das religiões de presença africana, o terreiro é erigido a partir de pontos específicos de força, os quais visam consolidar e preparar o espaço para as ações da ancestralidade, pois

[...] a consagração de um território equivale à sua cosmização. [...] A água onde se amassa a argila é equiparada à Água primordial; a argila que serve de base ao altar simboliza a Terra; as paredes laterais representam a Atmosfera etc. [...] “Situar-se” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992, p. 22-23).

Evidentemente, diante de um ambiente que deve ser muito bem estruturado, primeiramente, há de se haver uma pessoa responsável por todo direcionamento das ações, e este(a), é o Pai e/ou a Mãe de Santo. Para que seja possível suportar os impactos recorrentes das provações e privações, muitas são as formas de preparação física, psicológica e espiritual de líderes de uma comunidade umbandista. Desta maneira, aqui nos ponderaremos na visão da Umbanda Traçada, a qual, tem como premissa de preparação, processos iniciáticos do indivíduo que almeja mudanças de consciência em relação a si próprio e ao todo a sua volta. Isto posto, segundo nos evidencia Mircea Eliade (1992), o indivíduo se torna completo, após ter passado pela revogação da humanidade

original, a partir do contato com o sobrenatural, sendo considerado como um renascimento.

Dessa forma, ao iniciado não cabe apenas a consideração de ser um nuelo, é principalmente a pessoa

[...] que sabe, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica. Durante seu treinamento [...], aprende os segredos sagrados: os mitos relativos aos deuses e à origem do mundo, os verdadeiros nomes dos deuses, o papel e a origem dos instrumentos rituais utilizados durante as cerimônias de iniciação [...]. A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, é aquele que sabe. [...] a cabana iniciática simboliza o ventre materno. [...] o estado fetal equivale a uma regressão provisória ao mundo [...] pré-cósmico. [...] O mistério da iniciação revela pouco a pouco ao neófito as verdadeiras dimensões da existência: ao introduzi-lo no sagrado, a iniciação o obriga a assumir a responsabilidade de homem. É importante ter este fato em mente: o acesso à espiritualidade traduz-se, em todas as sociedades arcaicas, por um simbolismo da Morte e de um novo nascimento. (ELIADE, 1992, p. 91-92).

Assim, Eliade (2004) também nos confere a partir de sua defesa, de que os processos iniciáticos são a presença da relação entre os desejos dos indivíduos e suas crenças, sendo essenciais pois, são “[...] um conjunto de ritos e ensinamentos orais que visa à modificação radical do estatuto religioso e social do sujeito a iniciar [...]” (ELIADE, 2004, p. 14), passando por provas físicas, psicológicas, morte e ressurreição de um novo ser (ELIADE, 2004).

Através do exposto, podemos constatar a importância para a vida religiosa, principalmente das religiões de presença africana, dos processos de maturação do indivíduo, seja através dos processos iniciáticos dentro da família de santo, ou aquelas vertentes que não possuem iniciação, que haja processos de conscientização de amadurecimento seja moral, familiar, social, religioso e demais responsabilidades humanas. Nesse sentido, coadunamos com o exposto por Sàlámí e Ribeiro (2015) no que diz ao esforço e dedicação a ser aplicado nesses processos de conscientização do indivíduo em seu espaço coletivo, já que

[...] possibilitam realizar correções e ajustes na complexa dinâmica do *ser no mundo*. Colocando em sintonia as diversas instâncias deste ser, os rituais favorecem a ruptura da inércia e criam um impulso novo, um movimento de ações transformadoras, conduzidas por ori e atuantes, tanto na pessoa quanto em seu entorno. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 102).

Ainda nesse sentido, os pesquisadores nos informam que a paciência, enquanto elemento primordial no processo de obtenção de conhecimentos e de suas práticas, está aliada com noções de responsabilidade pessoal, logo,

[...] quem tiver paciência terá longevidade e fertilidade, procriar e viverá bem com o que procriar. E terá também prosperidade. [...] Certamente a paciência acha-se intimamente relacionada a serenidade, sensatez, ordem, disciplina e organização, sendo por isso que Exu, Orixá da ordem, da disciplina e da organização, recomenda o treino constante dessa grande virtude. Exu, detentor da sabedoria, ensina que através da paciência pode-se obter muito na vida [...]. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 111).

Eṣù se faz presente neste momento do estudo, justamente por termos abordado toda uma liquidez social que está inundando a Umbanda, com novas propostas de formação sacerdotal, as quais, o crivo da paciência para um devido amadurecimento de práticas que lidam com vidas, premissa tão fundamental e necessária, podemos observar que vem sendo menosprezada.

A paciência é uma dádiva que em Eṣù nos faz reconhecer nossos limites e capacidades. Buscar um amadurecimento gradativo de consciência da vida, demanda tempo, disposição, discernimento, dedicação e muita paciência, pois, o universo encruzilhado entre sabedoria, conhecimento, prática e teoria, vai se constituindo gradualmente. O indivíduo que não respeita o tempo natural das coisas,

[...] poderá comportar-se como um *bàbá òlẹ́*, *pai da preguiça, o mais preguiçoso de todos*. [...] O discernimento demanda [...] reflexão a respeito do sentido da existência. O senso comum leva a supor que recorrem mais à interferência divina aqueles cujo discernimento deixa a desejar. Mas não é isso o que afirmam os iorubás. Pelo contrário: eles afirmam que a confiança, a crença e a fé dependem do desenvolvimento da consciência individual, desenvolvimento esse que certamente inclui a capacidade de reconhecer limites e responsabilidades. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 121-122).

A aquisição desse discernimento se reflete na polidez do indivíduo, já que é uma qualidade com viés disciplinar e de muita valia para o povo yorùbá, já que é dessa forma que os mais jovens irão praticar o respeito e o reconhecimento pela família a qual pertence (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015), para que dessa forma se perpetue todo ensinamento ancestral.

Retomamos novamente, o quão é importante que haja o movimento de ir obter conhecimentos e de aprimoramentos, porém, tanto para a tradição quanto para as

religiões de presença africana, o contato direto com a comunidade, com todo seio familiar e com os mais velhos, é imprescindível. Nesse sentido, coadunamos com o exposto por Sàlámí e Ribeiro (2015) no que diz respeito a importância de pertencer a um grupo, pois partimos da premissa de que nenhum indivíduo vive ou existe sem ser/estar inserido num grupo, assim como o oposto, pois,

fora do grupo o sujeito não pode se desenvolver, porém a pertença grupal demanda paciência e tolerância, entre outras virtudes. A necessidade de respeitar para ser acolhido é reconhecida, sendo o respeito, pois, considerado o componente fundamental das relações. A questão relativa às relações entre os indivíduos e seu grupo de pertença acha-se bem expressa no dito africano *sou porque somos e por sermos sou*. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 101).

Dessa forma, para a solidificação e unicidade da comunidade, a prática da oralidade é de suma importância dentro da família de santo, haja vista que a palavra, segundo os autores, é força indispensável de origem divina, externando e materializando toda vitalidade, pois é por meio dela que os conhecimentos são transmitidos.

Ressaltamos, que não podemos compreender que a oralidade seja equiparada ao analfabetismo, uma comunicação não eficaz ou

[...] atraso sociocultural. [...] a perpetuação da sabedoria ancestral, a transmissão de testemunhos de uma geração às subseqüentes, a realização das práticas sociais e a manutenção dos mecanismos civilizadores. [...] Exige a presença física dos envolvidos no diálogo e a observação do olhar, da gesticulação e das expressões faciais de quem fala. A “maneira africana” de comunicar e de expressar demanda boa capacidade mnemônica e um forte elo entre o homem e a palavra. A integridade individual e a coesão grupal, dependem da palavra e do respeito a ela devotado. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 226-227).

Diante do exposto, há uma grande validade do valor moral e ético atrelados à fala, pois nela repousam toda a preservação e manutenção de dinâmicas sociais, assim como de conhecimento de elementos mágicos e religiosos (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015). Nesse sentido, os autores defendem que é na oralidade ancestral, que há toda uma veracidade e sabedoria, as quais são intrinsecamente correlacionadas com os mais velhos dentro da família, e

parte do que se comunica através da palavra é de domínio comum a todas as pessoas e parte da tradição oral é de conhecimento restrito de iniciados. [...] Tais pessoas são reconhecidas pelo grupo como dignas de participar da corrente de transmissão dos conhecimentos. Não podem mentir nem utilizar a fala imprudentemente, pois do bom uso da palavra depende a conservação ou a ruptura da harmonia individual e cósmica. O narrador é uma pessoa mais velha,

que conhece e transmite o conhecimento, e o ato de narrar estimula nos ouvintes o desejo de serem narradores no futuro. (SÂLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 227).

Pois bem, diante do exposto vejamos o quão a oralidade é um dos elementos primordiais, tanto para o povo yorùbá, como as religiões de presença africana de forma geral. Porém, a fala é pautada por um código ético e moral, o qual, é embasado no sentimento de bem-estar comunitário e de responsabilidade sociorreligiosa. Dessa forma, todas as características do indivíduo são consideradas a partir desses valores, seja de responsabilidade civil, ambiental, familiar, solidária, religiosa, sendo assim, possível reconhecer e valorizar as pessoas que realmente são reverenciáveis (SÂLÁMÍ e RIBEIRO, 2015).

Isto posto, diante de uma realidade onde os cursos de formação sacerdotal mobilizam intensamente a massa umbandista à um caminho solitário de consumo de informações, evidencia-se o enaltecimento do crescimento individual e independente, distante da perspectiva comunitária tradicional. Gera-se então, uma satisfação de obtenção de conhecimentos, porém, sem que haja uma comprovação de utilidade no meio coletivo ou social, que visando o interesse individual, não há o crivo para que tais conhecimentos de fato tragam resultados positivos na aplicabilidade do seu entorno.

## 2.3 O MERCADO CONSUMIDOR SEDUTOR QUE SECAM AS ROSAS DOS JARDINS

### **Ponto de Pombagira**

Palavras ao vento,  
História mal inventada  
Na boca de quem não presta,  
Não se pode esperar nada

Oi quem diria,  
Quem diria,  
Oi quem diria que você me trairia  
(2x)

(Ponto Cantado)

Lembremos que estamos inseridos num contexto global capitalista pós-moderno, onde a sociedade de consumo se faz presente, demarcando território por meio de uma



“[...] promessa de satisfação [...] sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado [...]” (BAUMAN, 2007, p. 106).

Assim, o mercado consumidor, numa espécie de *loop* infinito, estabelece alvos que sejam de fácil acessibilidade, gerando ao mesmo tempo,

a não-satisfação, satisfação dos desejos e a crença firme e eterna de que cada ato visando não satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado - são esses os volantes da economia que tem por alvo o consumidor. (BAUMAN, 2007, p.106).

Com essa insatisfação permanente, o autor nos dirá que uma das ferramentas eficazes para desenvolver o desejo de consumo, é o ato de desqualificar e desvalorizar o produto, assim que um determinado universo de consumidores o adquiriu.

Essa liquidez social aliada ao consumo, nos faz refletir intensamente sobre os efeitos que tais práticas suscitam nas propostas de cursos sacerdotais de Umbanda, a partir do mecanismo de convencimento do público consumidor, num diálogo contínuo.

Em um mundo envolto por múltiplas possibilidades de cursos de formação sacerdotal de Umbanda, questionamos como os terreiros permanecerão formando pessoas do jeito tradicional, pois num ambiente de família de santo, as pessoas no decorrer do tempo aprendem gradualmente a lidar com aspectos como, o social, o comunitário, o espiritual, o econômico, o bem-estar físico e emocional, ou seja, os mais variados âmbitos da vida.

Atualmente, há uma conduta de formação dos sacerdotes, dita como ágil, eficiente e propícia para o mundo pós-moderno, onde terreiros não necessitam mais “perder tempo” com formação de seus médiuns, tendo em vista, uma perspectiva institucional pedagógica sacerdotal, a qual “visa” direcionar terreiros como locais apenas de atendimentos e futuras filiais pedagógicas do sagrado.

Vejamos bem, no mundo contemporâneo e consumista, há a necessidade de formação de desejos que sejam contemplados individualmente. Segundo Douglas (2004), existem propósitos restritos e específicos da seara do consumo, a citar, o material, psíquico e exibicionista.

Contemplando o cenário material e psíquico, comportam o individualismo no contexto de necessidades básicas bem estabelecidas, desde o ato de alimentar-se, vestir-se, à questões que envolvem a diversão e o contato com a espiritualidade. O

ambiente exibicionista são todas as necessidades criadas pelo indivíduo, visando atender as expectativas sociais, como é passível de observação nessa visão fria e estereotipada de formação sacerdotal, a partir de um conteúdo programático de ensino.

Tal formatação de comportamento e pensamento dos indivíduos, nos possibilita compreender e indagar suas ações quando há a união com seus pares, dialogando e compartilhando os mesmos desejos. Assim, constatamos que

[...] a formação de grupos de indivíduos com *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados, [...] classe social, grupo étnico, grupo de *status*, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político etc. A estabilidade e a continuidade desses projetos supra-individuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante - em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita. (VELHO, 1981, p. 33).

Dessa forma, verificamos que há um processo de interdependência e fluidez das relações, proporcionando um *ethos*<sup>25</sup> fortemente ancorado num domínio específico, nos quais, até mesmo os projetos mais eficazes são aqueles que minimamente apresentam uma capacidade de se tornar maleável e palatável, passando por um processo metamórfico de agrado social.

Ante o exposto, levando em consideração a característica consumista de todos os seres humanos na atualidade, como o mencionado anteriormente por Douglas (2004), e agora nas linhas de Bauman (2007), o ato de consumir está associado com o social, o psicológico e o comportamental, onde o indivíduo está inserido numa síndrome consumista de predisposição cognitivas e avaliativas. Tal síndrome é

[...] uma série de atitudes e estratégias, disposições cognitivas, julgamentos e pré julgamentos de valor pressupostos explícitos e tácitos variados, mais intimamente interconectados, sobre os caminhos do mundo e as forma de percorrê-los, as visões da felicidade e as maneiras de persegui-las, as preferências de valor e as “relevâncias tópicas”. (BAUMAN, 2007, p. 110).

Dessa forma, o autor nos informa que a síndrome consumista renegou a durabilidade e permitiu a transitoriedade dos valores reconhecidos, valorizando o novo em detrimento da permanência, abreviando “[...] não apenas o querer do obter [...] entre

---

<sup>25</sup> *Ethos* é uma palavra de origem grega, significa hábito, costume, caráter e comportamento. É o conjunto de traços e modos de comportamento que formam o caráter individual, ou, a identidade de uma coletividade.

os objetos do desejo humano, colocou a apropriação, rapidamente seguida pela remoção de desejos, no lugar de bens e prazeres duradouros.” (BAUMAN, 2007, p. 110), com movimentos velozes, eficazes, porém, voláteis.

A ausência da durabilidade de valores expostos pelo consumismo, vai gerar ações criadoras de produtos com tais perspectivas. Nesse sentido, podemos verificar qual questão, quando falamos sobre os cursos de formação sacerdotal que preenchem um espaço até então inexistente, como a já referida, criação das filiais pedagógicas do sagrado. Ora, se tais indivíduos estão inseridos num contexto mercadológico do consumo do sagrado, criamos hipóteses de que, ao verificar a expansão da procura de tais ensinamentos virtualizados, houve a percepção de criação de filiais pedagógicas disseminadoras do sagrado da Umbanda, com a presença de um forte estereótipo de atos, falas e gestos, práticas e rituais, onde o aluno sacerdote ou sacerdotisa, ou ao discente médium aprendiz, podem replicar em qualquer lugar, seja em casa ou no terreiro.

Cogitamos nesse trabalho, que tais filiais pedagógicas do sagrado, oriundas dos cursos de formação sacerdotal de Umbanda, são responsáveis pela disseminação de aprendizados que outrora era reservada para pessoas que passavam pelos processos sacerdotais graduais. Logo, suscitamos aqui, uma preocupação, no que diz respeito a Umbanda, principalmente por se tratar de uma religião que não possui um livro sagrado, como a Bíblia, a Torá ou o Alcorão, pois, toda sabedoria e forma de viver a religião, sempre fora passada pela oralidade.

Nesse sentido, Velho (1981) nos instiga a pensarmos sobre o direcionamento social, no que diz respeito à necessidade de que todo indivíduo possua um lugar demarcado enquanto agente empírico, pois, especificamente na Umbanda, como ressalta o autor, pessoas possuidoras da individualidade, independentemente de sua função social,

[...] são capazes de manipular diferentes recursos simbólicos ligados a domínios distintos [...] que através de sua relação com o sagrado e, especificamente, com a crença na comunicação com os espíritos, entidades sobrenaturais, divindades, marcam de forma vigorosa sua identidade social. (VELHO, 1981, p. 49).

Assim, detentores dessa aura de reconhecimento social, enquanto o Pai ou Mãe de Santo formado(a) a partir de cursos sacerdotais, vão se unindo à toda uma possível

carga de reconhecimento de suas habilidades e faculdades mediúnicas enquanto poderosas, cheias de conhecimento e sabedoria, tornando-se inclusive, uma rede de empreendimentos, com a presença da matriz do sagrado e de suas filias.

Para Bauman (2007), os empreendimentos e atuações humanas não se solidificam na “[...] sociedade líquido-moderna [...] porque num piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidade.” (BAUMAN, 2007, p. 07). Nesse sentido, o autor nos esclarece que tanto as estratégias como as ações assumem características obsoletas, antes mesmo das pessoas se adaptarem e aplicá-las de forma pragmática em seu cotidiano.

O autor nos abastece com o diálogo acerca das promessas vendidas pelo mercado em relação a dado produto, haja visto que elas podem ser enganosas e/ou exageradas para que ocorra a contínua busca, pois, sem a frustração ou a ausência da realização de determinado desejo, a procura e o consumo entram num intenso processo de redução. O mercado gera possibilidades de consumo, que a partir delas temos dois cenários: o cliente se frustra por não adquirir a mercadoria desejada, ou então, após a aquisição, perde-se o interesse, pois ele já supriu a necessidade criada para que ocorresse sua compra. Dessa forma, o mercado triplica em escala exponencial a oferta de produtos.

Nesse sentido, Bauman (2007) nos proporciona uma reflexão sobre a frustração ser neutralizada pela abundância de promessas existentes, como é passível de observação nas vitrines dos cursos sacerdotais de Umbanda, visto que ambas existem devido ao excesso de cada uma delas, impossibilitando que o acúmulo de experiências frustradas abale a eficácia da busca e da funcionalidade do produto promovido. As expectativas malsucedidas interagem com as ofertas descartadas, as quais, poderiam satisfazer os desejos mais desenfreados dos clientes, pois,

para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas e descartadas, o caminho da loja à lata de lixo deve ser curto, e a passagem, rápida.” (BAUMAN, 2007, p. 108).

A partir desse processo, coadunamos com o autor ao considerar que quanto mais fluido é o ambiente, maior número de indivíduos necessitará de objetos que contemplem seus desejos, num movimento de extensas tentativas e erros. Os bens de consumo realizam então, uma

[...] “marketização” dos processos da vida [...] prometem estar prontos para uso imediato, oferecendo satisfação instantânea sem exigir muito treinamento nem uma demorada economia de dinheiro - satisfazem sem demora. Também fazem o sinal-da-cruz sobre o coração para aceitar como inevitável o fato de que um dia cairão em desgraça e, quando isso acontecer, sairão de cena tranquilamente [*sic*], sem reclamação, amargor ou ressentimento. (BAUMAN, 2007, p. 116-117).

Isto posto, num mercado de consumo muito bem constituído pelo sistema capitalista, tudo o que a mão do mercado toca, independentemente do que seja, transforma-se em mercadoria potencial de consumo, pois, revisitando o exposto acima por Bauman (2007), todo ser humano é consumidor, principalmente se tratando de uma sociedade movida pela satisfação individual em detrimento do coletivo, ou, como diz o ditado popular, “farinha pouca, meu pirão primeiro!”.

Então, inseridos em um movimento contínuo e ritmado, consumo e individualismo se fundem, e a sociedade julga os indivíduos por sua capacidade de interação e aquisição de determinados produtos. Por conseguinte, a prática do trato das necessidades como primordiais dos bens de consumo, se tornam essenciais nesse processo de obtenção e de certa forma, reconhecimento social.

Inseridos em determinado contexto, Douglas (2004) nos informa que o indivíduo consome bens para comunicar algo sobre ele, logo, o que ele irá procurar, está refletido no universo ao qual está inserido, podendo inclusive, conseguir a aceitação e concordância de seus pares, pelo fato de ter consumido determinado produto em detrimento de outros. Nessa perspectiva

[...] o indivíduo precisa de companheiros aquiescentes para ter sucesso na mudança de categorias públicas, reduzindo sua desordem e tornando o universo mais inteligível. [...] ele deve assegurar que os outros frequentarão seus rituais e o convidarão para os deles. Pela livre presença deles, obtém um julgamento da adequação da escolha que fez dos bens de consumo para celebrar ocasiões particulares e também o julgamento e sua própria posição como julgador [...]. (DOUGLAS, 2004, pp. 115-116).

Logo, para que o sentido do caminho seja o inverso do abismo do apagamento midiático, os docentes do sagrado elaboram estratégias de convencimento de seu público, visando a continuidade de aquisição de seus materiais, ou seja, de seus cursos. Ora, se estamos num mundo capitalista, globalizado, onde o imediatismo na aquisição de bens torna o essencial medíocre, a lei da oferta e da procura interagem a todo momento, realizando inclusive, um movimento migratório sofista. Neste sentido, o sofismo é por nós aqui parafraseado, para compreendermos que da mesma forma como

estes proferiram exclamações de acordo com um processo de remuneração por tal serviço, no caso dos cursos de capacitação sacerdotal, o mesmo também ocorre.

Tal qual aos sofistas, os docentes dessas formações consideram uma concepção uma de que apenas o conhecimento por si só, é suficiente para formação do sacerdócio, desconsiderando veementemente uma das principais premissas das religiões de presença africana, que informação nunca será conhecimento e que conhecimento nunca será sabedoria.

Logo, inseridos num miasma ocidental oriundo da sofística, a sabedoria torna-se um adorno, os docentes dos cursos de formação sacerdotal, amparados pela retórica do convencimento, expõe, defendem e vendem seus produtos utilizando como subterfúgio uma iludida independência na prática dos ritos, rituais e de todo trabalho com a espiritualidade e ancestralidade.

Dessa forma, não levando em consideração as premissas já supracitadas que definem as religiões de presença africana, e inseridos num contexto pós pandemia COVID-19, os organizadores dos cursos e formações inserem-se em debates em voga no momento, a citar o antirracismo, diversidade étnica, intolerância entre outros.

Interessante destacarmos que esse contexto evidenciou a expansão da desigualdade social já existente, principalmente em relação a população negra, pois são elas, segundo Alexandre da Silva (2021)

[...] trabalhadoras dos mais diversos serviços, na maioria informais e de baixa remuneração e reconhecimento da sua importância, as responsáveis pelas possibilidades de isolamento e distanciamento social recomendados pelos profissionais de saúde sérios do mundo. Assim, entende-se que as ações de prevenção e mitigação das consequências do novo coronavírus não alcançaram adequadamente a comunidade quilombola e outros grupos sociais de pessoas negras, como domésticas, pessoas em situação de rua, moradores em favelas, indivíduos privados da liberdade ou pessoas idosas que vivem sozinhas (com total precariedade das redes de apoio afetivas e materiais). (SILVA, 2021, p.10).

Toda essa conjuntura, salientada pela pandemia, suscitou ainda mais os debates em relação à população negra, suas características, defesa de direitos sociais, assim como o racismo estruturalizado e acimentado de nosso país. Dessa forma, esse debate chega até às questões que permeiam as religiões de presença africana, onde, se fazem presentes inclusive, como pauta educacional dos cursos supracitados.

É de suma pertinência destacarmos que somos a favor de processos educacionais, que tornem cada vez mais acessível o conhecimento das mais diversas

áreas da vida, sejam na modalidade virtual ou presencial, pois acreditamos sim, que o conhecimento liberta, fomenta a criação de um arcabouço indagatório para as questões da vida, e que por meio da sua obtenção, questionamentos são elucidados ou geram novas reflexões e inspirações. No entanto, indagamos a institucionalização da formação de um escopo que valida o saber ancestral, que numa modalidade voltada a encurtar caminhos, deixa de lado a premissa que ressalta a importância de responsabilidade, disciplina e seriedade do sagrado.

Quando a pauta está relacionada ao sacerdócio das religiões de presença africana, existe a necessidade de que sigamos determinados códigos éticos, os quais devido sua extensa presença, fez e faz com que tais manifestações religiosas permaneçam vivas em sua existência, mesmo com as inúmeras e incansáveis tentativas de apagamento, anulação, racismo religioso velado, branqueamento e demais ataques ao sistema ancestral do povo preto.

Neste sentido, Mbiti (1975) nos respalda para o entendimento no que tange a pertinência do valor da moral enquanto conduta humana, especificamente para os povos africanos, pois é por meio dela que todo sistema de comportamento e conduta ocorre em dois ambientes, o pessoal e o social, na qual, o indivíduo se faz presente dentro da comunidade ou família (MBITI, 1975). Logo, segundo o autor,

a moral africana coloca grande ênfase na conduta social, uma vez que uma visão africana básica é que o indivíduo existe apenas porque os outros existem. Por causa dessa grande ênfase no relacionamento de alguém com outras pessoas, a moral evoluiu para manter a sociedade não apenas viva, mas em harmonia. Sem moral haveria caos e confusão. A moral orienta as pessoas a fazerem o que é certo e bom, tanto para seu próprio bem quanto para o bem de sua comunidade. Eles ajudam as pessoas a cumprir seus deveres para com a sociedade e a desfrutar de certos direitos da sociedade. É a moral que produziu as virtudes que a sociedade aprecia e se esforça para preservar, como amizade, compaixão, amor, honestidade, justiça, coragem, autocontrole, prestatividade, bravura e assim por diante. No lado oposto, a moral aguça a antipatia das pessoas e a evitação de vícios como trapaça, traição, roubo, egoísmo, distração, desonestidade, ganância e assim por diante. A moral impede a desintegração da sociedade. (MBITI, 1975, p. 175, tradução nossa).

Ao pensarmos nas religiões de presença africana por esse viés, Mbiti (1975) nos auxilia a constataremos que tal base também se faz presente nessa seara, pois, para a tradição africana, a família e as noções de parentesco são de extrema importância e a base para a continuidade e permanência de uma comunidade.

Sendo assim, a hierarquia segue as noções de idade e grau de parentesco, considerando a existência de “[...] deveres, obrigações, direitos e privilégios ditados pelo senso moral da sociedade. [...] Se os pais falham em seus deveres para com os filhos, a comunidade em geral pode puni-los [...]” (MBITI, 1975, pp. 176-177, tradução nossa). Como a moral permeia todas as searas da vida dos povos africanos, quando tratamos dessa conduta na comunidade, ações que visam o fortalecimento e crescimento em prol da coletividade, são consideradas boas e corretas, já o individualismo, o inverso dessa máxima, é o comportamento de enfraquecimento que resulta em algo ruim ou que fragiliza e adoece o todo comunitário.

Pois bem, nesse caminhar, é possível constatar-mos até mesmo relacionada à nossa vivência na sociedade do século XXI, onde somos permeados pela volatilidade, mas algumas premissas continuam imutáveis. Ao estudarmos tais cursos relacionados ao sacerdócio na Umbanda, destacamos notoriamente a importância e relevância da ciência, dos estudos científicos e acadêmicos para obtenção de conhecimento e prática, já que o processo educacional se solidifica justamente por meio da união entre a carga de conhecimento obtido, aliado à prática, ou seja, a experiência da teoria.

Nesse sentido, Jean Piaget (1896-1980) outrora já nos informara, que o amadurecimento cognitivo ocorre, quando respeitados processos de assimilação e acomodação<sup>26</sup>, assim como em quatro estágios do desenvolvimento cognitivo<sup>27</sup>, pois, a partir desses meandros, há a construção, aperfeiçoamento e lapidação da aquisição do conhecimento. Ora, se partimos do pressuposto de que cognitivamente o indivíduo necessita passar por determinadas fases, o mesmo ocorre em demais espaços da nossa vida, mesmo que inserida na dinâmica da fluidez do século XXI.

Pensemos, por exemplo, nos processos de formação da arte de cura da medicina, onde o indivíduo ao conseguir adentrar à academia, permanece por seis anos absorvendo suas experiências através de aulas teóricas e práticas. Após graduar-se, é

---

<sup>26</sup> Segundo a perspectiva de Piaget (1987), assimilação é uma etapa da formação da inteligência responsável pela inserção de novos elementos aos já existentes, sejam nas ações pessoais ou concepções de mundo. Já a acomodação é o ajuste e reorganização mental, dos novos elementos obtidos anteriormente. Assim, ambos interagem continuamente, ocasionando os processos de fixação da aprendizagem.

<sup>27</sup> Em seus estudos, Piaget (1987) define os 4 estágios do desenvolvimento cognitivo, a citar: sensório-motor (18 - 24 meses); pré-operatório (2 anos - 7 anos); operatório-concreto (7 anos - 11 anos) e operatório formal (a partir dos 11 anos).



necessário passar pela residência médica aproximadamente por dois anos, na qual terá ainda mais experiências e aprimoramentos e em seguida, outra vasta quantidade de meses para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos, direcionando - o(a) à uma área de atuação específica. Como sabemos, todo esse processo exemplificado, é sempre amparado e assessorado por outros profissionais de carreira solidificada, que acompanham *in loco* todos os trâmites desenvolvidos do futuro profissional da medicina.

Ora, como já dissemos anteriormente, a Umbanda, que em sua etimologia é a arte da cura, podendo ser no aspecto físico, emocional e/ou espiritual, também possui seus processos de aquisição de conhecimento, de prática, averiguação, correção, aprendizado com os mais velhos, a presença de todo um corpo ancestral e espiritual, outorgando ou não a exequibilidade de todos os procedimentos a serem desenvolvidos, principalmente no que tange à figura do sacerdote ou sacerdotisa.

Logo, retornamos aqui ao exposto anteriormente, sobre a defesa no uso em nossa Ògbé Ayé (comunidade no mundo tangível ou físico) dos termos Bàbá, Iyá, Pai ou Mãe de Santo, pois, a Umbanda enquanto religião de presença africana, possui em sua tradição, a moral, a ética, o respeito, a honra e a valorização dos ensinamentos passados pelos elos firmes que sustentam a família, pois ela “[...] é a unidade mais básica da vida que representa em miniatura a vida de todo povo.” (MBITI, 1975, p. 176, tradução nossa).

Assim como no seio da família social, no berço religioso de presença africana, os deveres de cuidar, educar, proteger, orientar, agir com disciplina repousam como responsabilidades dos pais (MBITI, 1975) e que destes, é refletido em toda comunidade a salvaguarda do bem-estar, auxiliando e amparando em diversas searas, pois

abrangem aspectos da vida como a ajuda mútua em tempos de necessidade, a manutenção de instituições sociais como o casamento e a família, a defesa da terra em tempos de invasão ou agressão, a proteção das crianças e dos fracos [...] para manter a paz, a lei e a ordem, e assim por diante. (MBITI, 1975, p. 178, tradução nossa).

Em sua gênese, as religiões de presença africana sempre prezaram pela união e respeito pela hierarquia que compõem a família, sendo sempre elemento de segurança para toda comunidade. Logo, essa característica nos deixa inquietos quando voltamos nossas percepções aos cursos de formação sacerdotal. Se na vivência religiosa dentro dos terreiros, recebemos amparo de toda uma ancestralidade, que é nosso porto seguro,

qual é a seguridade que há, quando o indivíduo se sujeita a apenas adquirir conhecimentos via cursos de capacitação sacerdotal?

Assim, como o estudante de medicina, que nos primeiros meses de sua graduação, não está apto de forma alguma para receitar uma medicação e muito menos realizar um procedimento cirúrgico, o mesmo ocorre com o discente dos cursos sacerdotais, que por meio de toda uma retórica sofista utilizadas pelos docentes, incutem que o discente está preparado e pronto para agir na arte da cura espiritual de maneira imediatista.

Assim como na família social do século XXI, nas suas mais variadas configurações, onde os genitores e/ou os demais elementos que compõem a hierarquia da família, são responsáveis por seus filhos e filhas. O mesmo ocorre, quando estamos falando das responsabilidades inerentes à família de santo, onde a Mãe e/ou Pai de Santo são os responsáveis por aquele(a) filho(a), que assim se tornou, justamente por gestacioná-lo(a) simbolicamente em seus terreiros (LIMA, 2003). Se tal analogia ocorre com os discentes que estão cursando a formação sacerdotal, e algum ato realizado por esses, acabar prejudicando algum indivíduo, quem se responsabilizará hierarquicamente?

Ademais, partindo do princípio que esses cursos estão realizando abordagens no que tange à formação de sacerdotes de Umbanda, precisamos enfatizar que trazem à tona, estudos e conhecimentos referentes aos Orixás. Então, nos indagamos sobre uma questão de grande importância para as religiões de presença africana: onde se encontra o princípio básico comunitário, de convívio, de troca de experiências, de obtenção de conhecimento através dos mais velhos?

Tais tensões suscitadas nos levam a ressaltarmos novamente, o que já fora exposto, principalmente no que tange ao papel preponderante da família de santo, pois “[...] o respeito à autoridade [...] e ao princípio da senioridade e a solidariedade de grupo. Sobre esses dois elementos se equilibra o funcionamento do grupo.” (LIMA, 2003, p. 164). Dessa forma, cabe refletirmos sobre a presença da autonomia individualista que tais cursos fomentam em seus discentes, traduzidos aqui, por exemplo, em incentivos que vão desde desenvolver-se mediunicamente seguindo o ritmo pessoal, até menções

que desatrelam a família de sua base, ou seja, do respeito aos mais velhos, da ligação com o espaço físico de terreiro, à ancestralidade, à hierarquia, entre outros.

Nesse sentido, Velho (1981) embasa nossa reflexão, pois,

o significado de família para um grupo social ou universo particular está vinculado a outros significados e supõe-se, falando de cultura, que de alguma forma estes constituem um todo mais ou menos sistemático embora não necessariamente ajustado ou harmonioso. Isso também chama a atenção para a dimensão inconsciente de grande parte dos fenômenos culturais quando os atores - indivíduos ou grupos - não sabem no sentido de ter consciência da existência de todas essas ligações e associações [...] nem robôs inteiramente programados e comandados por princípios e mecanismos inconscientes nem o livre arbítrio do indivíduo-sujeito que molda e faz a sua vida sem limitações, no reino da total liberdade cognitiva e existencial. (VELHO, 1981, p. 69).

Quando esse debate recai sobre as religiões de presença africana, temos a presença muito forte de um movimento de incentivo à individualização de todos os elementos que compõem a família de santo. Tal individualismo poderá gerar, por sua vez, uma angústia pelo fato de não conseguirem despertar a capacidade do saber lidar com a comunidade, exercendo a prática do sacerdócio.

Podemos destacar dessa forma, o processo cíclico de Arthur Schopenhauer entre vontade e angústia, que se constituem pela consideração dada ao sofrimento e “(...) a sua travessão por obstáculo, posto entre ela e o seu fim passageiro; ao contrário, nomeamos SATISFAÇÃO, bem-estar, felicidade, o alcançamento do fim” (SCHOPENHAUER, 2005, p.399), haja visto que para o autor, “o sofrimento é essencial a toda a vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p.368), resultando assim, numa ação mercadológica para convencer os indivíduos, que eles não devem desistir, pois tudo é uma questão de tempo, disciplina e comprometimento com o sacerdócio.

Este ambiente se torna um campo de batalha naval, no qual o navio é a Umbanda e de ambos os lados, estão os orientadores desses cursos, que desconsideram toda história de vida e concepção de moralidade ancestral dos povos tradicionais, visando atender e corresponder com a rentabilidade proposta pelo mercado de consumo do século XXI, com ofertas de conhecimento rápido, líquido, insosso, barganhadas pela promessa de compensadores e recompensas, onde a vitrine do capitalismo exhibe a

formação sacerdotal de Umbanda como o último produto da obsolescência programada<sup>28</sup>.

Coadunando com as nuances da sociedade capitalista e tecnológica, é importante analisarmos o que foi exposto por Shoshana Zuboff (2021), a respeito do capitalismo de vigilância enquanto elemento que pleiteia de forma sectária, a experiência humana e suas informações comportamentais. Segundo a autora, as demais informações são consideradas como o superávit comportamental, que passa a ser “posse” do proprietário capitalista, possibilitando assim, a criação dos chamados produtos de predição, antecipando as ações e desejos, seja no presente e no futuro, mesmo que distante.

Então, o processo seguinte passa a ser a comercialização desses novos produtos, formalizando assim, como cita a autora, os mercados de comportamentos futuros, que em nosso estudo, passam a ser traduzidos na performance exposta pelos docentes de Umbanda. Isso ocorre a partir da reprodução de estereótipos comportamentais e de uma dinâmica de fala, que foram incutidas como uma nova performance desejável para uma Umbanda do século XXI, a qual, visa agradar e atender as expectativas dos consumidores vorazes, por conteúdos e aquisição de conhecimento de forma acessível, prática e independente.

Diante da perspectiva líquida da vida do século XXI, podemos desconstruí-la através da relação com o tridente de Èṣù, investigando a fluidez dos caminhos pela qual a sociedade pós-moderna cria condições para que os indivíduos ajam num tempo menor do que o necessário para consolidar práticas e formas de pensar e agir. Dessa forma, vida e sociedade se entrelaçam numa encruzilhada, que se alimenta continuamente.

---

<sup>28</sup> A obsolescência programada é uma técnica utilizada pelo mercado de consumo para tornar serviços, produtos obsoletos ou não funcional, visando forçar o consumidor ou cliente a adquirir constantemente uma inovação ou aperfeiçoamento de seus produtos.

### 3 AS FALAS PROPAGADAS PELO AR E O SACERDÓCIO ATERRADO NA POS-MODERNIDADE DA UMBANDA

#### Ponto de Preto Velho e Preta Velha

Congo mais Cabinda vieram pra trabalhar  
Congo vem por terra, Cabinda vem pelo mar  
(2x)

Congo é Congo, cadê os pretos velhos?  
Tá saravando terreiro de Umbanda  
(2x)

(Ponto Cantado)

Por meio das navegações, inúmeros povos africanos foram roubados de suas terras, rumo ao Brasil, onde o sistema escravocrata ditava as regras em todas as searas da vida, e juntamente, vieram também os formadores da religião de Umbanda. Infelizmente, continuamos a verificar em nossa sociedade, a presença de forma modificada de um aparato colonizador, com métodos virtuais mercadológicos, exercendo suas ações a partir do medo, controle e pressão psicológica da falta do “saber”.

Vale ressaltar, que outrora, para que fosse possível incutir nos povos originários que as religiões praticadas por eles não era a correta, houve um processo de demonização teogônica, onde o principal personagem desse processo é Èṣù/Legbá, que de mantenedor, distribuidor do Axé e *Olópàá* (senhor do cajado) passa por um processo de cristianização Umbandista, visto como um colega que com tudo concorda, sendo considerado como um elemento que está à mercê dos anseios de determinados praticantes da religião de Umbanda.

Assim, ocorre uma transformação do espaço de terreiro, de ambiente comunitário, de luta e resistência, para um ambiente considerado pelos cursos de formação sacerdotal, enquanto alegórico, sem levar minimamente em consideração, toda noção de família, responsabilidade social e toda importância dos Pais e Mães de Santo nas vidas de seus filhos(as). Além disso, tais cursos evidenciam na vitrine do mercado de consumo da sociedade líquida do século XXI, todo um ambiente de confiabilidade de que o caminho individual e autônomo, é a melhor opção para o indivíduo que deseja se tornar qualificado, seja com a finalidade do sacerdócio ou de conhecimento pessoal.

O quadro sócio histórico brasileiro, possibilitou versões racistas e preconceituosas no que tange às religiões de presença africana, muitas vezes, calcadas a partir de solidificações realizadas pelos próprios praticantes, a exemplo do 1º CEU.

Nesse caminhar, oriundas de ações da década de 1940, houve um desenvolvimento e afastamento de uma identidade étnica negra, em detrimento das necessidades colocadas pelo Estado. Esse desenvolvimento visou legitimar uma religião, que evidentemente deveria estar associada aos postulados “modernos” do pensamento Ocidental, negando publicamente sua ligação com a África ou com as religiões de presença africana no Brasil, criando fortes raízes plantadas em um solo cultivado pela eugenia.

As filosofias de presença africana, em sua base, pregam o engrandecimento do caráter humano, o pensamento de coletividade, o amor à natureza e ao próximo, sem distinção. Em sua perspectiva originária, os mais velhos cuidam dos mais novos, e esses aprendem com aqueles, que os seus deuses respeitam os deuses dos outros, visto que, o deus que habita em você, também habita no outro, e que os nossos olhos não são capazes de enxergar nossa própria cabeça, pois, sendo seres interdependentes, devemos cuidar uns dos outros.

Dessa forma, as publicações de cursos de formação sacerdotal são fontes imprescindíveis, pois, buscaremos compreender através delas, a existência de cenários de consumo, sejam sociais, psicológicos e comportamentais (BAUMAN, 2007), materiais, psíquicos e exibicionistas (DOUGLAS, 2004), todos inseridos num processo individualista (VELHO, 1981) de existência humana. Todo nosso debate terá como campo norteador, a tradição africana yorùbá.

### 3.1 CURSO PARA SACERDÓCIO NA UMBANDA - “PORQUE EU SEI O QUE ESTOU FAZENDO [...]”

Ao realizarmos nossa análise, uma informação que chama muito nossa atenção, logo no primeiro momento, é o título da publicação da ESCOLA A, publicada na data 08/01/2015, a citar: “Curso para sacerdócio na Umbanda é uma farsa!”. Acertadamente, esta é uma estratégia de marketing denominada de estratégia criativa (KOTLER; KELLER, 2007). Os autores Philip Kotler e Kevin Lane Keller (2007) nos auxiliam a compreender as características dessa estratégia, onde temos, primeiramente, os apelos informativos, que expõem as qualidades ou benefícios de determinado produto ou serviço. Já os apelos transformativos visam descrever marcas ou produtos, no qual, “os comunicadores trabalham com apelos negativos [...] para conseguir que as pessoas façam algo. Além disso, a fonte deve ter grande credibilidade e a comunicação deve prometer o alívio, de maneira aceitável e eficaz.” (KOTLER; KELLER, 2007, p. 542).

Subsequentemente, temos o seguinte texto:

“Caro leitor, muito cuidado com estas divulgações sobre cursos para Sacerdócio Umbandista. É tudo uma grande **farsa, um engodo, má fé de charlatões que tentam angariar incautos ansiosos para assumir cargos na espiritualidade (grifo nosso)**. Sim, isso mesmo, qualquer pretensão de afirmar que é possível tornar indivíduos em **Sacerdote (grifo nosso), Pai/Mãe de Santo (grifo nosso)** através de um curso qualquer, pelo tempo que for É MENTIRA! Assustado? Como que eu, ministrante de um curso voltado para uma formação Sacerdotal estou fazendo estas acusações? Simplesmente porque **eu sei o que estou fazendo (grifo nosso)** e o que muitos outros irmãos meus fazem por anos neste tema. Existe uma grande diferença entre propor tornar um médium em Sacerdote e outra em desenvolver um **estudo sistematizado (grifo nosso)**, com método e orientado pelo astral para auxiliar, embasar, apoiar, fortalecer, estruturar aqueles que são ou serão legitimamente um Sacerdote de Umbanda. Há década Pai — **(grifo nosso)** e Pai — **(grifo nosso)** desenvolve turmas para este tipo de proposta, também de forma mais popularizada temos o curso de Pai — **(grifo nosso)** que através da Teologia de — **(grifo nosso)** — **(grifo nosso)**, formatou uma nova gama de saberes para a prática do Sacerdócio na Umbanda, seu trabalho é tão intenso que hoje são **centenas de ministrantes deste curso com milhares de Sacerdotes que concluíram estes estudos (grifo nosso)** e estes é que podem atestar os benefícios e resultados positivos ao ter se dedicado além da prática no terreiro para seu crescimento consciencial e ampliação de seus saberes acerca das diversas questões que envolve um trabalho sacerdotal de Umbanda. QUEM OUTORGA UM SACERDOTE NA UMBANDA? Tradicionalmente a entidade guia responsável pela mediunidade do indivíduo é quem revela para o médium que está apto a assumir um trabalho espiritual e este processo pode ser também confirmado por um outro Sacerdote. Existem outros processos internos a cada terreiro que se preocupa em preparar sucessores e/ou multiplicadores daquela casa espiritual, mas sempre em conformidade com a

espiritualidade e não aos desejos imaturos dos indivíduos. ENTÃO, POR QUE ESTUDAR? É certo que ao assumir o sacerdócio natural a espiritualidade conduzirá de forma satisfatória o novo terreiro, ao menos nas questões espirituais. No entanto, cada vez mais é sabido que as **próprias entidades estão encaminhando seus médiuns para os ambientes de estudos para que estes convivam com outros irmãos, troquem experiências e enriqueçam suas possibilidades de exercer um trabalho sacerdotal mais consistente (grifo nosso)** que vai muito além de incorporar o guia e segurar uma gira. Um curso para “Sacerdócio Umbandista” oferece um extenso plano de estudos, que abordam no geral **todas as faces do exercício sacerdotal (grifo nosso)**, desde uma ampliação de percepções sobre Deus e Religiões até questões bastante burocráticas na gestão de um Templo. Sem falar todas a [sic] atividades práticas, ritualísticas e iniciáticas que cada escola propõe. Portanto que fique esclarecido que um curso tem a intenção de auxiliar, informar e ampliar as possibilidades daquele que já o é, um Sacerdote. É claro que os detratores do trabalho alheio sabem disso, conhecem bem as diferenças das propostas, mas para quem é detrator nenhuma explicação basta. Sem mais, estudem, estudem e estudem! Grande abraço, Oxalá nos guie!” (ESCOLA A, 2015).

Logo após esse texto, temos uma continuação:

“APROVEITE – 1º “Curso de Sacerdócio” Semi-Presencial – On-line - Organizado em 3 eixos - Religioso, Mediúnico e **Sacerdotal (grifo nosso)** - é também conhecido como “curso de Sacerdócio”. Formatado para a imersão teórica, vivência prática e iniciático nos fundamentos da Umbanda — **(grifo nosso)**. Click no link do post.” (ESCOLA A, 2015).

É passível de verificação no primeiro excerto desta publicação, uma afirmação que fortalece o exposto acima sobre o apelo negativo enquanto estratégia criativa, ao ser mencionada a seguinte frase: “[...] farsa, um engodo, má fé de charlatões que tentam angariar incautos ansiosos para assumir cargos na espiritualidade [...]”, utilizada para chamar a atenção do futuro discente do curso sacerdotal, para dar continuidade à leitura do texto. Posteriormente, verificamos a partir da unidade de registro tema, que o debate levantado teve como intenção gerar um convencimento no leitor, principalmente no que diz respeito à necessidade de se realizar um curso sacerdotal. Podemos realizar nossa constatação, ao verificarmos a presença de expressões que consideramos como palavras-chave, a mencionar: cargos na espiritualidade; eu sei o que estou fazendo; estudo sistematizado; centenas de ministrantes deste curso com milhares de Sacerdotes que concluíram estes estudos e próprias entidades estão encaminhando seus médiuns para os ambientes de estudos.

Ao despertar a necessidade de realizar tal curso, o futuro discente está correspondendo com a dinâmica da sociedade de consumo, a partir da qual, há uma relação intrínseca entre o primeiro axioma enfatizado por Stark (2004), instigando-se pela



recompensa, que neste caso, é a obtenção, mesmo que teórica, do título de Sacerdote, como assim mencionado na publicação, e conseqüentemente o compensador é a realização de tal formação sacerdotal. Nesse quesito, concordamos com o exposto na teoria da escolha racional da religião (STARK, 2004), principalmente por verificarmos que nesse caso analisado, a religião passa a ter uma perspectiva de ordenação geral de compensadores, baseados em premissas transcendentais. Assim, a “[...] magia se refere a compensadores específicos que prometem providenciar recompensas desejadas desconsiderando evidências concernentes aos meios designados.” (STARK, 2004, p. 07).

Logo, na publicação acima analisada, podemos verificar que a recompensa é a obtenção do título de Sacerdote/Sacerdotisa, independente se haverá ou não uma participação, entrosamento, convívio e respeito com a família de santo. Necessário verificarmos que em toda publicação, não foi realizada nenhuma menção ao contato e relação próxima com a senioridade assim como à autoridade e hierarquia presente num espaço de terreiro. Logo, não é a coletividade que é enfatizada, mas sim, o individualismo e o consumismo. Esta característica corresponde com o exposto por Stark (2004) no que diz respeito a uma maneira de especialização das empresas religiosas, pois, quando coloca-se em pauta pontos específicos como o famigerado individualismo, haverá a contemplação de uma demanda social, ou seja,

[...] devido ao fato de que grande parte do produto é necessariamente intangível e voltado para o futuro muito distante, uma atividade de marketing vigorosa é requerida para se obter altos níveis de consumo. (STARK, 2004, p. 10).

Trazendo tal reflexão para o nosso debate, compreendemos através da filosofia yorùbá, que é de suma pertinência manter solidificado o conhecimento que é passado de geração para geração, bem como, reproduzir a fala dos meus antepassados. É dessa forma que há a correspondência ao sentimento de não apenas um simbolismo, mas sim, do sentido de manter vivo em mim e no mundo, muito mais que a lembrança dos meus ancestrais, pois, como nos mostra Sàlámí e Ribeiro (2015)

que a força do passado esteja em mim, no presente, para que eu possa assumir compromisso integral com o grupo a que pertenço, participando lado a lado com meus antepassados e contemporâneos da construção de tempos melhores para os nossos descendentes. (SÀLÁMÍ e RIBEIRO, 2015, p. 39).

Nessa perspectiva, coadunamos com o exposto por Mbiti (1975) ao se referir às diversas formas de personificação de líderes religiosos, pois é por meio dele que há a incorporação da presença de Deus, seja entre a comunidade

[...] bem como seus valores morais. Sem eles, a religião africana se desintegraria em caos e confusão. Os líderes religiosos são os guardiões dos tesouros religiosos e do conhecimento religioso. Eles são pessoas sábias, inteligentes e talentosas, muitas vezes com habilidades e personalidades excepcionais. Eles incluem curadores, adivinhadores, médiuns, mos, sacerdotes, anciãos rituais, criadores de chuva e governantes. Nem toda sociedade tem tudo isso; e alguns deles combinam dois ou mais escritórios. (MBITI, 1975, p. 150).

### 3.2 FRENESI PARA OBTENÇÃO DO CONHECIMENTO - “ESTARÁ TUDO NA SUA MÃO SEM DEPENDER DE OUTRA PESSOA”

Ao verificarmos a publicação da ESCOLA B denominada *Teoria do Sacerdócio*, sem data de publicação, podemos constatar que se trata de um texto que tem como escopo muito específico e definido, o possível futuro discente do curso divulgado. Como descrição do curso, constam as seguintes informações:

Curso esperadíssimo nesta plataforma! Feito para todas as pessoas, umbandista ou não. Um curso TEÓRICO E PRÁTICO que lhe ensinará os **fundamentos necessários para cuidar de si, da família, do terreiro e dos filhos de santo, caso seja sua missão (grifo nosso)**. Feito com muito carinho e atenção aos anseios do umbandista que deseja aprimorar seus conhecimentos sobre nossa religião. Nasceu, finalmente, nosso curso TEORIA DO SACERDÓCIO ON-LINE. TODOS OS RITOS DE UM TERREIRO ESTÃO DESCRITOS E APOSTILADOS AQUI! Rito do casamento Rito de batismo para adultos e crianças Como fazer uma gira de desenvolvimento mediúnico Como abrir e fechar uma gira com descarrego de exu Como firmar as estruturas do terreiro Magias CIGANAS Como fazer PATUÁS e outras dezenas de aulas ESSENCIAIS PARA TODO UMBANDISTA E NÃO UMBANDISTA. Você sabe que gostamos de entregar mais do que o básico. Queremos novidades e fundamentos que nos levam à **evolução espiritual (grifo nosso)**, coisas que ajudam no desenvolvimento pessoal e no desenvolvimento mediúnico. Não é à toa que o Método — **(grifo nosso)** tem como lema Umbanda para uma vida melhor. Umbanda para um mundo melhor. **Do tradicional ao novo apresento todos os fundamentos de um terreiro de Umbanda. (grifo nosso)** Assine agora. Assine por apenas R\$ 49,90 (colocar tarja) R\$ 39,90 mês. Curso completo como gostamos de fazer. Espero que aproveite todo este material. Feito com amor. Feito com energia que vem do coração para você! BÔNUS: Ao assinar o plano mensal você abrirá acesso a mais 19 outros cursos de autoria do próprio Pai — **(grifo nosso)** aqui mesmo nessa plataforma. Não basta fazer uma jornada transformadora. Essas jornadas que chamamos de cursos estão totalmente integradas e foram pensadas na sua **evolução espiritual (grifo nosso)**. Uma boa jornada de cursos é TEOLOGIA DE UMBANDA, MISTÉRIOS DA ESQUERDA E ESTE AQUI. Você terá acesso a tudo isso por uma só assinatura mensal! PORÉM, NÃO SE

PREOCUPRE [sic]! **Você (grifo nosso)** mesmo pode assinar e **você (grifo nosso)** mesmo pode cancelar clicando em único botão. **Não precisa falar com ninguém (grifo nosso)**. **Você é quem decide quando entrar ou sair (grifo nosso)**. **Tudo pelo celular ou pelo note (grifo nosso)**. Funciona em qualquer dispositivo! Já pensou em você tendo todo esse conhecimento sobre a Umbanda? **O que você poderá fazer (grifo nosso)? Você será seu próprio limite, ou seja, estará tudo na sua mão sem depender de outra pessoa (grifo nosso)**. CLARO, se precisar de nós, estaremos sempre por aqui para tirar suas dúvidas. Nosso **suporte técnico aos alunos e as perguntas das aulas (grifo nosso)** são recebidas com todo cuidado e carinho. Umbanda para uma vida melhor é nosso lema. Você poderá cuidar de si mesmo, cuidar da sua família, afastar maus espíritos, equilibrar suas energias, CUIDAR DO SEU TERREIRO. Além disso, ao fazer a jornada MISTÉRIOS DA ESQUERDA, você **aprenderá a cuidar de Exu e Pomba Gira aí mesmo na sua casa ou no seu terreiro (grifo nosso)**. É **aprendizado (grifo nosso)** que não acaba mais! SIM! Não acaba mais porque **todo mês tem nova jornada sendo lançada (grifo nosso)** e você só tem a ganhar com isto. A cada mês, mais conteúdo para sua vida ser transformada, para seu caminho ser aberto. ALÉM DE TUDO O QUE ESTÁ ACIMA, TEM MAIS! Todos os cursos tem **CERTIFICADO DIGITAL (grifo nosso)**. Apostilas digitais em PDF que você pode baixar para seu dispositivo e ler em qualquer lugar. **As apostilas e certificados serão seus (grifo nosso)**. Objetivo - O funcionamento do terreiro tem fundamento. Aqui, mostramos quais são. Do início ao fim da gira, fora ou dentro do terreiro, há o que se fazer sempre. Saiba como, quando, onde e seus motivos. Público-alvo - Estudantes avançados de Umbanda. Pais, mães e filhos de santo. (ESCOLA B, s.d.).

Ao realizarmos uma leitura minuciosa do texto, verificamos a presença de termos que se fazem muito presentes em publicações dos cursos sacerdotais de Umbanda, que estão relacionados à individualidade do processo de formação sacerdotal. Menções como: você mesmo pode assinar e você mesmo pode cancelar clicando em único botão; não precisa falar com ninguém; você é quem decide quando entrar ou sair e [...] estará tudo na sua mão sem depender de outra pessoa, nos revelam que a intenção do curso é que o possível futuro discente desenvolva todas as atividades, sejam elas teóricas ou práticas, na reclusão da sua residência, sem a menor interação e convívio com uma família de santo.

Nesse sentido, verificamos a partir de Velho (1981), que a importância da presença da família na vida de qualquer pessoa, assim como do contato com a ancianidade e até mesmo o uso de nomes, são peças chaves para que ocorra a elaboração de identificação de pertencer a um determinado grupo.

Verificamos que os termos supracitados, entusiasmam o futuro discente a obter um *status social* pautado pela independência e também por meio do “[...] sucesso traduzido em dinheiro e/ou diplomas é a ascensão social que pode conferir um novo tipo de *prestígio*.” (VELHO, 1981, p. 48), que é expressado na publicação da seguinte forma:

“todos os cursos tem CERTIFICADO DIGITAL” e “as apostilas e certificados serão seus”, tudo de fácil acesso, através de dispositivos digitais.

Ora, não estamos questionando ou sendo arguidores sobre a pertinência ou não de se estudar para obter aperfeiçoamentos e conhecimentos, e sim, contestamos o fato da formação sacerdotal disseminada por tais cursos, enaltecer como recompensa o conhecimento pautado pelo individualismo. Não se trata de uma ação que tenha como resultado específico, o bem comunitário, pois o mercado de venda de tais cursos, fomenta a cada dia mais, o êxtase coletivo por meio do projeto do indivíduo, agindo de forma a

[...] incorporar o movimento individualizante a uma ordem moral em que o prestígio está associado a certas noções de reciprocidade em que o parentesco exerce papel fundamental. [...] se fez a partir de uma renegociação da realidade e redefinição de valores onde a performance e a vontade do comerciante foram essenciais. (VELHO, 1981, p. 52).

Vejamos ainda, que a publicação nos traz um suporte técnico para contato com o discente, porém, este é à distância, e como explanamos anteriormente, se não há o convívio num espaço de terreiro, qual seguridade que o discente terá, se algum procedimento for realizado de forma equivocada, ou até mesmo, o resultado não for como o esperado? Indagamos aqui, será mesmo que esse suporte técnico instruirá de forma correta o discente na sua angústia diante o erro que cometeu?

Em Èṣù, a tagarelice

denota irresponsabilidade e falta de compromisso para com a vida, pois o bom uso da palavra demanda consciência a respeito de sua natureza e função. A fala deve ser funcional, ou seja, deve haver uma finalidade clara para o que está sendo enunciado e, se alguém tem algum problema ou necessidade, deve comunicá-los exclusivamente a quem possa aconselhar ou ajudar. (SÁLÂMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 104).

Pois bem, ao situar-se em uma família de santo, um estado de segurança e respaldo social, é natural que aconteça, tanto no que tange à consciência, quanto o sentimento de pertencimento, pois, como Lima (2003) nos assegura que será garantido ao indivíduo, “[...] um sentido para a vida e um sentimento de segurança e proteção [...]” (LIMA, 2003, p. 64), logo, recorrer-se-á ao Pai ou Mãe de Santo para orientar e acompanhar os envolvidos nos processos de amparo, reparo ou, no mínimo, amenizar o fato ocorrido.

Segundo Bauman (2007), vivemos num mundo com relações passageiras e mutáveis, onde a corrida pelo individualismo se intensifica a cada dia mais, não havendo carência de auxílios, pois a existência da oferta e procura proporcionado pelo mercado de consumo, onde

[...] se mostrarão totalmente dispostos a nos guiar pelos calabouços sombrios de nossas almas, onde os nossos autênticos "eus" permanecem supostamente aprisionados, lutando para escapar em busca da luz. Mas, quando encontramos esses auxílios e solicitamos (pagando) seus serviços, nossos problemas não acabam. (BAUMAN, 2007, p. 28).

Uma oferta de auxílio nem sempre pode ser considerada como correta ou fidedigna. Consideramos então, como exemplo dessa afirmação, o exposto no caso analisado, onde diz, “[...] se precisar de nós, estaremos sempre por aqui para tirar suas dúvidas. Nosso suporte técnico aos alunos e as perguntas das aulas são recebidas com todo cuidado e carinho.”, ou seja, as dúvidas a serem sanadas, são apenas em relação à teoria exposta nas aulas, mas a pergunta que fica é: e no dia a dia do convívio com a comunidade religiosa?

Pois, como mesmo afirma Bauman (2007), em nossa atual sociedade,

[...] “individualidade” significa em primeiro lugar a autonomia da pessoa [...] Como *tarefa*, a individualidade é o produto final de uma transformação *societária* disfarçada de descoberta *pessoal*. O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. (BAUMAN, 2007, p. 31).

A tradição yorùbá, que é a origem dos Orixás, constantemente nos enfatiza a necessidade de aprendermos a nos relacionarmos em comunidade, onde é a partir da mesma que tendo relações interpessoais, poderemos além de conceitos, teorias e fundamentos religiosos, será possível reunir tudo isso na aplicabilidade das nossas vidas. Portanto,

a constatação de que o universo, esse organismo vivo, somente sobreviverá se houver cooperação equilibrada entre as partes que o compõem, conduz necessariamente a atitudes e condutas responsáveis e solidárias. [...] Nas sociedades de consumo, cuja lógica é o lucro, busca-se a satisfação em fatores externos, como se toda condição de felicidade pudesse ser comprada em supermercados e *shopping centers*. (RIBEIRO e SÂLÂMÍ, 2022, p. 183).

No que discorre a tradição africana, Mbiti (1975) nos afirma que na comunidade familiar, há a relação íntima, ligando um ao outro,

[...] tanto por causa do sangue ou do casamento quanto por causa da convivência. A ordem moral dentro da família deve, portanto, ser completa para regular e manter seu bem-estar. Em todas as famílias africanas, há uma hierarquia baseada na idade e no grau de parentesco. Os membros mais velhos têm um status mais alto do que os mais jovens. Dentro dessa hierarquia há deveres, obrigações, direitos e privilégios ditados pelo senso moral da sociedade. (MBITI, 1975, p. 176).

Sendo assim, o convívio com a família é de suma importância, pois é por meio dela que os laços comunitários se solidificam e a família é um elemento que nos auxilia no amadurecimento da percepção do

[...] que é justo e o que é injusto, o que é uma virtude e o que é um vício. Vimos que a Religião Africana tem muitos valores morais dentro da família e dentro da comunidade. Nenhuma sociedade pode existir sem moral. A religião enriquece a moral das pessoas, para o bem-estar do indivíduo e da sociedade em geral. É a moral que constrói relacionamentos entre as pessoas e entre elas e o mundo ao redor. (MBITI, 1975, p.199).

Assim, podemos compreender essa publicação a partir do exposto por Stark (2004), no que diz respeito à socialização enquanto uma característica que irá “[...] condicionar as percepções e ações humanas, incluindo seu comprometimento religioso.” (STARK, 2004, p. 04), pois, o convívio *in loco* da vida no espaço de terreiro, é algo utilizado pelos docentes de tais cursos, como sendo algo não benéfico para os discentes, fortalecendo assim, os discursos de que este é mestre dele mesmo, sem precisar “depende” de um Pai ou Mãe de Santo, incentivando assim, o individualismo espiritual do indivíduo.

### 3.3 SE O TERREIRO É COMPLICADO, “DEIXA QUE TE ENSINO, DO COMEÇO AO FIM, TUDO [...] POR UMA MENSALIDADE MUITO PEQUENA”

Ainda sobre a ESCOLA B, uma publicação do dia 01 de março de 2023, numa rede social muito popular, nos chama a atenção. Nela, o docente de diversos cursos voltados para a Umbanda diz o seguinte:

**Terreiro é complicado, eu sei. Tem muita fofoca, tem muita gente te julgando, muita gente olhando para você, e só é santo, lá dentro do terreiro. Eu sei que é complicado aprender qualquer coisa lá. Ninguém ensina, ninguém quer falar com você (grifo nosso).** As que sabem muito, não passam nada. Aqueles que não sabem nada, não tem onde buscar e quando você fala que vai estudar Umbanda, você é criticado ou criticada. Eu tenho para te

apresentar então, a plataforma — — **(grifo nosso)**. Clique em saiba mais e deixa que eu te ensino, do começo ao fim, tudo aquilo que você precisa saber sobre Umbanda, por uma mensalidade muito pequena. De ervas, Exus, sacerdócio, teologia, Orixás, entidades, tudo, em um só lugar, por um valor muito pequeno. Só clicar em saiba mais, eu tenho muita novidade para você lá. Axé! (ESCOLA B, 2023).

Evidenciamos essa publicação, tendo como premissa a regra da pertinência, pois é a partir dela que verificamos que a fala do docente corresponde com o que estamos indagando em nossa pesquisa, sendo justamente a ênfase a não relevância da vida em comunidade, junto dos mais velhos e cultivando o aprendizado de forma presente e no dia a dia do terreiro.

O excerto “terreiro é complicado, eu sei. Tem muita fofoca, tem muita gente te julgando, muita gente olhando para você e só é santo lá dentro do terreiro. Eu sei que é complicado aprender qualquer coisa lá. Ninguém ensina, ninguém quer falar com você [...]” nos revela novamente, o enredo criativo, pois, para que ocorra algum tipo de atitude das pessoas, há a presença dos “[...] apelos negativos, como medo, culpa e vergonha [...]” (KOTLER; KELLER, 2007, p. 542).

É necessário que saibamos que na cultura yorùbá, o entendimento sobre doenças, morte no que tange o esquecimento, o degredo, olho gordo, inveja, guerra, intrigas e fofocas, estão todos classificados dentro de um mesmo aspecto, ou seja, são forças que fragilizam a comunidade, que dentro do entendimento comunitário, são sempre banidos esses tipos de comportamentos ou sentimentos, almejando alcançar o bem-estar coletivo e individual na vida, pois, contrário a tudo isso, busca-se um caminho de sorte, prosperidade e vivacidade. Destarte, segundo Ribeiro e Sàlámì (2022), dentro da filosofia dos Orixás, “a fofoca e a mentira incluem-se em um conjunto de lepras da palavra.” (RIBEIRO e SÀLÁMÌ, 2022, p. 38).

Sendo assim, esse tipo de prática é condenável no ambiente interno e ou externo do terreiro, o que é completamente contrário à fala do docente que enfatiza, que tais práticas são corriqueiras dentro dos terreiros. Ora, em sua fala fica explícito que ao tentar trazer uma dita consciência para os futuros discentes de seu curso, o mesmo se posiciona totalmente contrário à filosofia de deidades que ele se diz amparado, e que traz elucidações em seus conteúdos, demonstrando também com isso, um racismo estrutural e estruturante velado, corroborando e reafirmando pensamentos eugênicos de outrora.

Nesta publicação, não há nenhuma consideração, apreço, honra e respeito pelo convívio oriundo de uma família de santo.

Não há, tampouco, o respeito pela figura do Pai ou Mãe de Santo, pois todo terreiro é justamente o local de “[...] soluções de crises e de equilíbrio estrutural.” (LIMA, 2003, p. 136). Ainda, o trecho “ninguém ensina, ninguém quer falar com você”, demonstra uma afronta sem possibilidades de ser mensurado, no que diz respeito ao papel do Pai ou Mãe de Santo, haja visto que eles são pessoas fundamentais para o bem-estar comunitário, pois é por meio de seu relacionamento com filhos e filhas, que a intimidade se faz presente, destoando completamente da concepção popular ocidental de bajulação, inclusive na compreensão de gestos, olhares e expressões faciais.

Dessa forma, é pelo contato no dia a dia do terreiro com os mais velhos, que é criado “[...] um verdadeiro código gestual só entendido por seus filhos, e isto constitui mais um elemento do sistema de comunicação próprio de cada terreiro.” (LIMA, 2003, p.137).

Dentro da tradição yorùbá, na filosofia de Èṣù, observamos que

o homem ajuizado, sensato, de percepção aguçada, é chamado de *onílakàyè*. O adjetivo *gbón* designa o dotado de sensatez, associando-se a essa qualidade as de inteligência, sabedoria e habilidade no trato com os demais, ou seja, as boas maneiras. (SÁLÂMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 114).

Interessante observarmos a fala de Mbiti (1975) no que diz respeito à vivência familiar, que deve ser precedida pelo cuidado “[...] um do outro, e cada um deve cumprir seu dever pelo bem-estar de toda a família sem brigar ou brigar o tempo todo.” (MBITI, 1975, p.177).

Sendo assim, o comportamento contrário à honestidade, lealdade, que geram atos insensatos e que ferem a dignidade ou moral alheia, são inconcebíveis dentro de qualquer espaço social. O terreiro enquanto ambiente erigido pelas virtudes de deuses que enfatizam o bem viver, a união coletiva e a louvação à vida, não é lugar de estar, e sim, lugar de ser, pois, aquilo que eu sou, eu me torno parte do processo do todo, e aquilo que fragiliza, me impede de alcançar esse estado de completude. Toda e qualquer doença de maneira geral, ou palavras enfermas, que direcionam o terreiro à um espaço debilitado, tendo a fofoca como um tipo de doença, é contraditório aos fundamentos



básicos dos Orixás que é o de enaltecer a qualidade de vida. Vejam que ironia, o próprio docente em sua publicação, alega ensinar sobre Orixás para os seus futuros discentes.

Neste caso ainda, podemos sincronizar com o exposto por Stark (2004) sobre a ação dos compensadores como recompensadores únicos, sendo assim caracterizados como “[...] compensadores específicos. Compensadores que substituem um conjunto de recompensar e recompensas de escopo e valor amplos são chamados de compensadores gerais.” (STARK, 2004, p. 07). Ou seja, compensadores e recompensadores são amalgamados, pois ao mesmo tempo que o compensador se torne a autonomia espiritual, a recompensa repousará justamente no discente não depender de um espaço de terreiro, que na fala proferida pelo docente, é um espaço complicado. Assim, ficará alheio a um ambiente doente, pois poderá ter suas vivências espirituais de forma independente, onde as mesmas serão realizadas por meio do acompanhamento do docente responsável pela publicação.

### 3.4 “EU MESMO DEFINO OS PRÉ-REQUISITOS E FAÇO PESSOALMENTE O PROCESSO DE SELEÇÃO”

Nesta quarta e última análise, podemos verificar na publicação da ESCOLA C, a veemência da retórica sofista presente no processo de convencimento dos possíveis futuros discentes dos cursos de formação sacerdotal. Tal característica é passível de verificação a partir da leitura do seguinte texto, divulgado em 20 de janeiro de 2021, intitulado “Sacerdócio: por que e quais são os pré-requisitos para participar”, a citar:

Sacerdócio 2019 com — — **(grifo nosso)** tem pré-requisitos. Duas questões são muito comuns: 1. Desculpa a intromissão, mas porque de tantos pré-requisitos e formalidades para o curso de Sacerdócio? 2. Pelo que sei, todos poderiam fazer o curso. Não é o fato de fazer um curso que outorga ser sacerdote ou não, você já nasce com essa estrela e missão certo? Estas foram duas perguntas feitas por um dos médiuns de incorporação no processo de seleção e admissão de “candidatos interessados ao sacerdócio 2019” ministrado por mim, — — **(grifo nosso)**, no Colégio de — — **(grifo nosso)**. Vou começar respondendo pela segunda questão. Alguns nascem já com algo como uma missão que os impele ao caminho Sacerdotal. Outros não nascem, mas vão descobrindo que é um caminho possível por indicações da espiritualidade. Nos dois casos é imprescindível e fundamental se preparar muito bem para lidar com as vidas das pessoas e estar à frente de uma comunidade. Não! Não são todos que podem fazer o Curso de Sacerdócio ministrado por mim! Pelo fato de que não é um curso

aberto a curiosos. Além disso, não estou disponível a preparar para o Sacerdócio pessoas que não tem um mínimo de dedicação e preparo! **Desta forma eu mesmo defino os pré-requisitos e faço pessoalmente o processo de seleção. Exijo que seja umbandista há no mínimo 7 anos e médium de Incorporação há 5 anos (grifo nosso).** E que esteja com o Curso de Teologia de Umbanda concluído e ministrado por mim, que é a base teórica mínima para se ingressar neste Sacerdócio. E tudo isso independente de o médium ser dirigente ou não, independente de ter ou vir a ter missão de sacerdote. Mesmo para quem concluir o curso, isso não faz de você um sacerdote de um templo ou uma comunidade. Para isso precisa ter uma determinação astral de seus Guias. E, se não tiver, não vai adiantar querer ter à força, pois não conseguirá estar à frente de um Templo e uma comunidade. Um sacerdote é o Mestre do Templo e da comunidade e isso não é nada simples. Além de entender de todas as questões legais, contábeis e de liderança, é preciso entender e gostar de gente no seu aspecto carnal, espiritual, mental e afetivo. **Ainda assim somos todos sacerdotes de nós mesmos. Cada um de nós é um Templo vivo e é assim mesmo com quem não é dirigente. Mas sendo médium ativo com seus Guias na umbanda por um período mínimo de 5 anos (grifo nosso)** você poderá fazer parte também do grupo. Portanto, para finalizar, Sacerdócio não é para todos e nem para qualquer um. **Não basta frequentar ou querer “pagar”. Isto não está à venda e assim todos terão que passar por um processo seletivo (grifo nosso).** E se, em nosso convívio, mesmo com todos os pré-requisitos aparecerem médiuns ou dirigentes inconvenientes, chatos, indelicados, ignorantes, falastrões, fanfarrões, estúpidos, folgados, chulos, desrespeitosos ou que não aceitem regras e orientação, também serão convidados a se retirarem do grupo. Sim! Sacerdócio é para poucos, ao menos aqui comigo, — — **(grifo nosso)**. Para muitos somos arrogantes. Para os nossos queridos filhos, alunos e irmãos somos extremamente exigentes e todos sabem que aqui sacerdócio é algo muito sério. Ninguém está para brincadeira ou para passar o tempo com mais um “cursinho”. Não vendemos certificados e nem os nossos valores como fé, amor e Umbanda. (ESCOLA C, 2021).

Interessante observarmos que a publicação proferida pelo responsável da ESCOLA C, nos faz verificarmos a presença de uma máxima considerada por Stark (2004), que nos diz que “não é do interesse dos especialistas religiosos arriscar que caiam em descrédito os compensadores que fornecem.” (STARK, 2004, p. 07). Verificamos isso a partir das pré-condições alocadas pelo docente, a partir das quais, haverá a triagem de quem poderá ou não realizar o curso divulgado.

Assim, verificamos a plena presença de uma escolha racional na religião, seja por parte do docente ou do futuro discente, pois, “a racionalidade é marcada por uma atividade consistente direcionada a um objetivo.” (STARK, 2004, p. 08), que neste caso, tem como intuito, um processo de aquisição de algo, seja pelo docente, de novos aprendizes, e desses, de novos conhecimentos espirituais.

Tal retórica aludida se faz presente em toda publicação, mas destacamos primeiramente, a partir da noção da regra de homogeneidade e da pertinência, o seguinte

excerto “exijo que seja umbandista há no mínimo 7 anos e médium de Incorporação há 5 anos” nos revela uma superficialidade de análise perante a responsabilidade, consciência social e maturidade espiritual. O tempo cronológico, de nada adianta, se o indivíduo não possui um arcabouço de experiências, vivências e transmissão de conhecimentos de seus pares, para um melhor entendimento do todo que o envolve. Sendo assim, a paciência trará o

[...] equilíbrio emocional, maturidade, tolerância e capacidade de discernir, porque para ser paciente é preciso que se tenha boa noção a respeito da verdadeira importância das coisas e dos fatos. Em situações tumultuadas, acaloradas, de algum lugar deve advir a água refrescante. E a fonte de água fresca nas relações interpessoais brota da interioridade daqueles que são pacientes e têm discernimento para distinguir os limites entre a própria loucura e a loucura dos outros, sem se deixar arrastar por impulsos advindos da inquietação gerada por pessoas do entorno. (SÀLÀMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 112).

Logo, é justamente a partir do movimento contínuo de reciprocidade entre indivíduo e grupo, que há o reconhecimento da importância da comunidade na relação indivíduo grupo e indivíduo-sociedade, “[...] constituído dos corpos de muitos, que inclui os já-idos e os que ainda não nasceram. Cada unidade individual desse corpo coletivo é consciente de sua condição de elo de uma longa corrente geracional[...].” (RIBEIRO e SÀLÀMÌ, 2022, p. 28). Destacamos então, que a recompensa que salta aos olhos, além da realização dos cursos de formação sacerdotal, também é o fato de poder ser selecionado pelo docente, independentemente de seu convívio com a família de santo.

Nos atentemos à reflexão proposta por Sàlámì e Ribeiro (2015) de que Pais e Mães de Santo imbuídos de consciência, identificam a vontade, desejo ou necessidade de realização de processos iniciáticos por quem os procura para tal finalidade, com o intuito de ampliar sua própria consciência. Portanto, é por meio dela, ou algo que envolva um processo de conscientização como já mencionamos outrora, que é possibilitado o melhor entendimento das relações construídas, assim como o papel de cada pessoa dentro das relações coletivas.

Nesse sentido, quando ocorre a ampliação da consciência, há o reconhecimento da responsabilidade e do comprometimento para com o todo ao seu redor. Por conseguinte, as chances de “melhorar as condições de saúde, [...] de trabalho ou de felicidade no amor, entre tantas outras aspirações humanas, deverão decorrer

naturalmente da aspiração autêntica e profunda de reconciliar-se com o universo.” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 179).

Subsequentemente, ao verificarmos a afirmação “eu mesmo defino os pré-requisitos e faço pessoalmente o processo de seleção”, além de constatarmos um individualismo significativo, pela repetição frequente de menções pautadas pelo “eu”, verificamos também a presença do egocentrismo, com o ato de vangloriar-se diante de todo um processo, demonstrando mesmo que aparentemente, que tal docente é altamente capacitado ou digno por excelência de realizar esse trabalho.

Assim, observamos uma característica muito comum em diversos discentes, que almejam, nessa similitude, alcançar o prestígio observado por tais docentes. Porém, desconsideram uma premissa básica da vida sobre o ego e a vaidade, as quais precisam constantemente passar por um processo de polidez, já mencionado anteriormente, que segundo Sàlámì e Ribeiro (2015), as “manifestações de autopromoção garantem a derrota individual.” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 116).

Ainda, a máxima da estratégia criativa de comunicação dos apelos transformativos, nos traz novamente a negativa com a intenção de instigar o leitor, e possível futuro discente, a realizar a leitura do texto e ao verificar a frase “não basta frequentar ou querer “pagar”. Isto não está à venda e assim todos terão que passar por um processo seletivo”, na realidade coloca como premissa imprescindível para ingressar no curso, não apenas a questão financeira, mas sim, o fato do futuro discente conseguir ser selecionado pelo docente.

Tal característica relaciona-se com o que Douglas (2004) vai dizer sobre as estratégias de intrusão do mercado consumidor, pois,

se utilizarmos “nomes” como alavancas para captar os processos cognitivos mais recônditos para sintetizar o consumo, e se vemos os bens e seus nomes como partes acessíveis de um sistema de informação, o problema do consumidor na realização do seu projeto de vida se torna mais claro. Ele precisa dos bens para prestar e obter serviços [...] ele precisa estar presente nos rituais de consumo dos outros para poder pôr em circulação seus próprios juízos sobre a adequação das coisas utilizadas para celebrar as diversas ocasiões. (DOUGLAS, 2004, p. 131).

Consequentemente, verificando o texto da publicação, trazemos Èşù e a virtude da humildade, por meio da qual, há o reconhecimento de seus próprios limites (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015), e a partir dessa ação, outras demais passam a ser primordiais para o

indivíduo, como a “[...] autodisciplina, bom-senso, coerência, moderação e temperança [...]” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 115). Enfim, não há a necessidade de vangloriar-se cotidianamente, na tentativa de provar o destaque cognitivo e espiritual, pois o verdadeiro sábio é aquele que vive na humildade, “[...] em conformidade com o princípio segundo o qual a arrogância é sempre injustificável, sendo, além disso, um bom passo para a derrota nos empreendimentos.” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 115).

É importante enfatizarmos que em toda área da vida, pessoas que seguem caminhos de liderança, necessitam de muita dedicação para que com as experiências vividas, haja uma forte entrega e responsabilidade no que tange o ordenamento e o crescimento comunitário e não unicamente de si mesmo(a). Dentro da filosofia milenar yorùbá, Èṣù é cultuado

na possibilidade de desenvolver ou aprimorar qualidades próprias dele: ordem, disciplina, organização, paciência, perseverança, bom senso, discernimento, responsabilidade, confiança e compromisso. Todo líder, para ser um bom líder, deve cultivar Exu, pois necessitará de todas essas qualidades para exercer bem o seu papel. (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 151).

Desta maneira, um bom líder, além de trabalhar todas essas virtudes, é imprescindível que assimile o entendimento primordial, de que será exemplo para o grupo. Tendo em vista, que esses cursos enfatizam uma autonomia e liderança de si mesmos, pessoas se tornarão aptas a cuidar de si, porém, precárias nos cuidados e/ou saber lidar com as outras pessoas.

Há milênios a tradição africana nos ensina que a moral lida com a conduta humana, dividindo-as em pessoal e coletiva, onde

o maior número de morais tem a ver com a conduta social, ou seja, a vida da sociedade em geral, a conduta do indivíduo dentro do grupo ou comunidade ou nação. A moral africana enfatiza muito a conduta social, já que uma visão africana básica é que o indivíduo existe apenas porque os outros existem. (MBITI, 1975, p. 175).

Sendo assim, dentro de uma visão de liderança, é fundamental que um(a) líder detenha diversos conhecimentos nas mais variadas áreas da vida. Fazer curso, se aprimorar, possuir bons exemplos, lapidar seus comportamentos individualistas, estudar constantemente com pessoas ou materiais de apoio, é imprescindível para que se

estabeleça uma boa liderança. Porém, deve existir um crivo pautado em responsabilidade, honestidade e limites, pois uma noção básica da vida também para um bom líder, é a de saber e admitir, os seus próprios limites. O tempo, o esforço e a paciência, são pontos fundamentais para que esse(a) líder se materialize.

Isto posto, a aplicabilidade e oportunidade de convivência com diversas pessoas, é que também oportuniza um melhoramento no estado de liderança, pois auxilia sem dúvida, o desenvolvimento de diversas capacidades, que muitas vezes, encontram-se adormecidas. Lembremos, um líder só assim o é, porque a comunidade o(a) admite e o(a) aceita como tal.

## 4 CONCLUSÃO

Através da observação e análise da dinâmica da vida líquida na contemporaneidade, e de que forma esse frenesi de não satisfação do século XXI chegou à Umbanda, que nossa pesquisa buscou analisar as publicações dos cursos de formação sacerdotal. Pudemos compreender que o atual cenário ao qual a Umbanda está inserida, é o resultado de uma história mundial e nacional, erigida através da subestimação e exploração dos povos africanos. Permeados por diversas tentativas de fragmentação, anulação, pagamentos e rupturas, chegamos ao século XXI com uma Umbanda multifacetada, em muitos casos, oriunda desses processos históricos acima mencionados. Infelizmente, as teorias raciais em vigor outrora, ainda se fazem presentes em muitos discursos e concepções das religiões de presença africana. De Gonzalez (1988) e a necessidade do despertar de uma amefricanidade, à Schwarcz (2021) com o conceito da elite branca de “branquitude”, perpassando pelo Calundu, Cabula, Macumba e Kimbanda e por toda trajetória das grandes navegações, às sete e nove voltas em torno da árvore do esquecimento ao mercado de consumo sacerdotal.

Infelizmente, nos dias atuais, observamos um cenário onde pessoas giram em torno do seu próprio eixo, se colocando sempre em primeiro, segundo ou terceiro plano, que a partir de pensamentos uno, surgem inúmeras tentativas de esquecimento e sobreposição das práticas africanas, para “dar a vez” ao pós-moderno, que é representado pelo caminho atalhado da obtenção do título de Sacerdote ou Sacerdotisa de Umbanda.

Características que sempre foram a base para a religião, como o respeito aos mais velhos, o convívio *in loco* com a família de santo, a troca de conhecimentos e saberes por meio da oralidade, entrou em estado de liquefação, abrindo caminhos para uma adaptação volátil, mutável e instável. A atenção agora está voltada para o fato de atender não mais quem precisa, por meio de uma ideia que sempre amparou a Umbanda enquanto a arte da cura da alma, e sim, responder e corresponder, numa visão de que religião e comércio se confundem, é necessário atender as expectativas e anseios constantes gerados pela inovação de mercado e consumo volátil.

Podemos observar então na religião Umbanda, que devido a um mercado religioso que entorpece excessivamente os indivíduos pela busca do bem-estar espiritual, torna as vivências de contato com os amigos espirituais em terapias rasas, sugestionando-se uma suposta liberdade e autonomia, mas que não passam de viseiras meticulosamente estabelecidas para o ganho financeiro.

Assim, podemos observar que alguns espaços religiosos de Umbanda, infelizmente visam uma espécie de bandeirão sacerdotal, mantendo os indivíduos ludibriados na busca constante pelo seu ilusório aprimoramento, motivados por uma falácia e inseridos em práticas modernizadas, que são muito distantes da concepção de que determinadas capacidades sensoriais humanas, jamais podem ou devem ser compradas.

Com isso, ocorre o afastamento de todo um pensamento constituído por um povo que possui há milênios, valores de costumes, tradição, moral e ética muito bem definidos, e compreendem que o sagrado jamais deve ser considerado como um objeto de troca econômica capitalista, e muito menos, estar presente num processo de compra à granel de título sacerdotal.

Nesse caminhar, o desenvolvimento para o sacerdócio deixa de ser o encontro consigo e o divino que habita em você, assim como o contato com os mais velhos e toda comunidade, para ser algo cobiçado e permeado pela individualidade e negociado pelo mercado de consumo, pelas máximas de compensadores e recompensas (STARK, 2004).

Com a pseudo característica de um despertar sacerdotal, o uso de determinadas ferramentas é imprescindível, para que se tornem especialistas na resolução de seus problemas e de terceiros nas mais diversas áreas da vida humana. Assim, os docentes de tais cursos, incutem no discente a ideia de poder alçar vãos para se tornar um sacerdote de Umbanda, mesmo que ilhado em sua casa e em seus cursos virtuais, sem contato com a amplitude que as religiões de presença africana possuem como premissa para a vida religiosa.

Vejamos que o campo religioso é vivo e dinâmico. Sociedades consideradas como desenvolvidas, consideravam e consideram de forma pejorativa as práticas ancestrais de um povo preto, as quais foram muitas vezes, interpretadas como uma enfermidade



psicológica e religiosa e intrinsecamente relacionadas ao demoníaco. Entretanto, quando se trata de mercado capitalista, é possível observarmos que tais práticas foram transfiguradas para um espaço muito bem elaborado e requisitado por meio da lei de oferta e procura, visando com isso, incutir um sentido benéfico e alvejado, arquitetando uma desassociação da ideia de feitiçaria ou práticas maléficas. Ou seja, em um piscar de olhos, a Umbanda se tornou *pop*.

Assim, observando uma oportunidade, foi estabelecida uma ferramenta no mercado do bem-estar por meio de um simbolismo inverso, o qual, alguns indivíduos que visualizaram esse potencial de reconhecimento social e ganho financeiro, enfatizaram a possibilidade de você poder exercer sua espiritualidade, e quiçá, ser sacerdote ou sacerdotisa de Umbanda, no aconchego da sua casa, de forma individual e solitária.

Verificamos então, que dentro das religiões de presença africana e em nosso caso, a Umbanda, infelizmente sacerdotes e fiéis, têm colaborado para o seu enfraquecimento e a falta de credibilidade pública.

Então, pudemos constatar na primeira publicação a partir da negativa enquanto ferramenta de convencimento, uma ferramenta para atrair a atenção do possível futuro discente do curso e por meio da noção de compensadores e recompensa da teoria da escolha racional da religião (STARK, 2004), constatamos que o foco da publicação, é convencer o leitor de que ele pode, com certeza, ser um Sacerdote, sem dar a menor relevância para os aspectos sociais e muito menos, no que diz respeito ao contato com a coletividade do terreiro.

Nesse sentido, enfatizamos as virtudes de Èṣù como, fidelidade e lealdade, para compreendermos que justamente devido a ausência das mesmas, o curso de formação sacerdotal analisado, não passa de mais um adorno que compõem e configura o mercado de consumo, pois ambas as virtudes figuram a essência da cumplicidade e amizade e

[...] tem por base o respeito, a constância, a dedicação. Somente a fidelidade possibilita preservar relações estabelecidas entre pessoas e seres do mundo natural e entre pessoas e seres do mundo espiritual. Ser fiel à palavra é imprescindível, particularmente na sociedade de tradição oral, onde ela é indispensável à sobrevivência do indivíduo, do grupo e da história. (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 104).

Na segunda publicação, ficou nítido a intenção de enfatizar a realidade da individualidade no processo de formação sacerdotal, assim como a plena liberdade de

fazer o que apetece ao discente, como entrar e sair do curso quando bem lhe couber, sem precisar comunicar a ninguém. Assim, a autonomia e individualismo do discente estará garantida e o aprender a se comunicar e lidar com as dificuldades da vida, pouco importa.

Pudemos verificar também, o grande incentivo para a obtenção da comprovação da realização do curso, através da posse do famigerado certificado de conclusão. E por fim, a total ausência de um cuidado e acompanhamento dos procedimentos realizados pelo então, recém Sacerdote, demonstrando assim, a completa despreocupação do contato com a ancianidade por parte do docente, que já incutindo essa consciência o discente pode fazer em seguida, em caso de dúvidas, mais cursos para se aprimorar.

Em Èṣù, a virtude da polidez traz uma função disciplinar a qual, “[...] é bastante desenvolvida no interior do grupo familiar yorùbá, e através do seu cultivo as novas gerações se exercitam na prática do respeito e do reconhecimento.” (SÀLÁMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 112). Tendo como premissa, o culto de Orixá, é imprescindível destacar que esse enfatiza, fundamentos de assentamento, onde, partindo do entendimento de que assentar algo metaforicamente pode também ser compreendido como plantar uma semente que germinará, o devoto, pode ser também uma semente, frutífera, que precisa criar raízes firmes, para que sua árvore pessoal seja frondosa e dê bons frutos.

A simpatia unida ao humor, oportuniza também bons elos de amizade e a confiança das demais pessoas a sua volta, o que nos dias de hoje é algo passível de muita observação, quando o sentimento dos indivíduos vai na contramão de tudo isso, num viés individualista, tirando o brilho que tantas tradições ancestrais defendem, sobre o talhamento das nossas asperezas pessoais, as quais não devem ser polidas, para que não ofusquem o brilho dos metais nobres, que são as nossas virtudes. Ressaltamos, como diz o ditado yorùbá, “os meus olhos não conseguem dar conta de enxergar a minha própria cabeça”.

A terceira publicação nos revelou que o docente deu uma grande ênfase para a desqualificação do terreiro, ao mencionar que se trata de um local com muita fofoca, desentendimentos e frustrações. Ora! Para a cultura yorùbá, assim como, para toda comunidade que almeje a formação de resultados positivos em quaisquer áreas da vida,

preza justamente pela não existência de forças que venham fragilizar a comunidade, sendo consideradas como condenáveis para a existência da corrente que as forma.

Por meio desta publicação, trazemos a virtude da sensatez em Èṣù, que é base dos espaços de terreiro, onde através dela, pessoas adquirem a capacidade de enxergar o óbvio da vida, pois, desprovidos dessa virtude, por mais consciência que possuam não conseguem unir consciência ao bom-senso. Sendo assim, essa virtude é capaz de propiciar

[...] condições para o agir adequado, correto, justo e responsável. Há sensatos e insensatos. Há, ainda, pessoas que, apesar de sensatas, nem sempre agem orientadas pelo bom-senso. É desejável que a sensatez se faça acompanhar da capacidade de agir em conformidade com os ditames do bom-senso. Pois não basta apenas ter bom-senso: é preciso ter capacidade de aplicá-lo. [...] Interessante observar que a sensatez acha-se intimamente relacionada ao compromisso e à responsabilidade, dado que o bom-senso necessariamente conduz à ação comprometida e responsável. E como não pode haver exercício do compromisso e da responsabilidade na ausência de disciplina, os julgamentos e atos sensatos demandam exercício disciplinado da vontade. (SÂLÂMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 104).

E por fim, a quarta publicação nos demonstrou que muitas vezes, a soberba cega ou no mínimo, faz com que a pessoa perca toda e quaisquer base de respeito para com o próximo. Esta publicação nos destacou que além de possivelmente o futuro discente ser um Sacerdote de Umbanda, o ponto principal repousa, não na obtenção do tal certificado, mas sim, no indivíduo conseguir ser selecionado dentro de um processo de seleção de candidatos a fazerem parte do curso. Incrível o quanto a dinastia da soberba reina e cega as pessoas, haja visto que a vaidade e ego, não são consideradas como atitudes benfazejas, pois causam a derrota do indivíduo.

A humildade e modéstia enquanto virtudes que Èṣù enfatiza, nos auxiliam a compreender que “a sabedoria yorùbá recomenda: se não souber nadar não se jogue no rio e se não dispuser de proteção para subir no alto de uma palmeira não suba, porque poderá cair e se machucar.” (SÂLÂMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 116). Sendo assim, essas virtudes auxiliam-nos na capacidade de compreender, nossos sentimentos internos, os quais muitas vezes, trazem à tona, insegurança, medo e reconhecimento do todo a sua volta e de si mesmo. É necessário enquanto seres humanos que almejam qualquer tipo de liderança, a compreensão primeira de assumir responsabilidades, pois, “a dificuldade de assumir responsabilidade pelos próprios erros e fracassos leva as pessoas, algumas

vezes, a negarem a ação de seus inimigos internos, buscando no entorno supostos responsáveis por seus erros e fracassos.” (SÀLÀMÌ e RIBEIRO, 2015, p. 117).

Décadas se passaram e com o desenvolvimento da tecnologia, houve uma possibilidade maior das pessoas terem acesso às informações de mídias fidedignas. Porém, não é isso que ocorre, pois continuam circulando informações que enfatizam as visões deturpadas das religiões de presença africana, inclusive, de dentro da própria religião.

Sabemos que nosso estudo não se encerra aqui, pois esse tema é significativamente amplo e dinâmico, pois a cada dia, são novas publicações, com novas deturpações, para que esse mercado nunca cesse. Logo, presenciamos em pleno século XXI, a existência na Umbanda de uma infeliz visão de um mercado de título espiritual, motivados por um pensamento de exorcização das práticas religiosas africanas, trazendo à tona uma magia branca a ser ofertada, embasada pelos miasmas de teorias raciais de outrora, dando ênfase ao pós-moderno, ao mercado de consumo, à individualidade exacerbada, muito desejada, amplamente praticada e divulgada, com a promoção visando um desprendimento quase que total e camuflado de sua real origem, onde o galgar de atalhos para viabilizar uma formação sacerdotal em curtíssimo espaço de tempo, passa a ter uma relevância escandalosamente notória.

Nos dias atuais percebemos uma divisão entre umbandistas que respeitam uma prática religiosa calcada numa tradição africana, de honra à ancestralidade, aos mais velhos e aos ensinamentos oriundos do espaço de terreiro, em contraposição de novas práticas que seguem as normas da pós-modernidade e do mercado de consumo de bens. O pensamento egocêntrico, individualista e soberbo, que remete a uma vaidade, a qual cada vez mais eleva o ego, fere e prejudica a importância social de outros indivíduos da mesma religião.

Assim, no entendimento das encruzilhadas da vida, a eliminação das ideias do colonizador, traz à tona uma força, a qual mobiliza ações fundamentais de libertação por meio do resgate ao tradicionalismo africano, movimentando o rompimento gradativo dessa proposta deliberada, “onde água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, dentro da lei do mercado frenético de consumo de título sacerdotal.

Que possamos continuar tendo a consciência e discernimento da essência das religiões de presença africana, que aqui nessa pesquisa nos pautamos na Umbanda. Em sua base, pregam o engrandecimento do caráter humano, o pensamento de coletividade, o amor à natureza e ao próximo, sem distinção.

***Kí Èṣù wá pẹ̀lú yín. Àlàáfíà, ajé àti irè kò ní fi yín sílẹ̀.***

***Éṣù, má ṣe mi, dúró tì mí.***

***Irè á jẹ ibora rẹ.***

***Àṣẹ o! Mo júbà!***

#### **Ponto de Despedida**

“A sineta do céu bateu, Oxalá já diz que é hora (2x)

Eu vou, eu vou, eu vou, fica com Deus e Nossa Senhora (2x)”

(Ponto Cantado)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos**: conversas sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ARIKE, Yemonjagbemi Omitannmole. Conheça Samuel Ajayi Crowther, um escravizado que se tornou o primeiro bispo anglicano na África. In: **ÒRÌSÀ Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://orisabrasil.com.br/Loja/por-jornal-pulse-nigeria-conheca-samuel-ajayi-crowther-um-escravizado-que-se-tornou-o-primeiro-bispo-anglicano-da-africa/>>. Acesso em 05 jul. 2022.

**AS CIÊNCIAS E OS SABERES INDÍGENAS NA COMPANHIA DE JESUS**. Blog de História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 2014. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/as-ciencias-e-os-saberes-indigenas-na-companhia-de-jesus/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco**. O negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BACZKO, B. Imaginação social. In: RUGGIERO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Editora Pioneira – São Paulo/SP, 1971.

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: EDUSP, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Edições 70. Lisboa, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECHELLI, Ricardo Sequeira. **Metamorfoses na interpretação do Brasil** - Tensões no paradigma racial. (Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna). Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo/USP, 2009.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BLACK, Edwin. **A guerra contra os fracos**: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. Editora: A Girafa, 2003.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Topbooks, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, v.1, 2. ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Pastores das Assembleias de Deus: do apoliticismo escatológico ao aparelhamento moralista. In: **Interações**, v. 14, n. 25, p. 29 - 54, jan./jun., 2019.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2013.

CROWTHER, Samuel, Ajayi. **A Vocabulary of the Yoruba Language**. Front Cover. Seeleys, 1852.

DAIBERT JÚNIOR, Robert. Luzia Pinta: experiências religiosas centro-africanas e inquisição no século XVIII. In: **Religare**, 9 (1), p. 03 - 16, mar., 2012.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e papai branco** - Usos e abusos da África. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1988.

DELORS, J. et al. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. E depois do 13 de maio? In: DOMINGUES, Petrônio (org.). **Do cativo à cidadania**: o pós-abolição em Sergipe. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2022, p. 06 – 12.

DOUGLAS, Mary Douglas; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas**. Tradução de Isabel Debot. Lisboa (Portugal). Ed ÉSQUILO, 2004.

ELLUL, Jacques. **Les Nouveaux Possédés**. Paris: Mille et une nuits. 2003.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. **Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo De Umbanda**. Jornal do Commercio. Rodrigues & C. Rio de Janeiro, 1942.

FONTENELLE, Aluísio. **Exu**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1954.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, João de. **Xangô Djacutá**. Rio de Janeiro, 1955.

GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. **Os africanos no Brasil**. s.d. Disponível em: <[https://www.faecpr.edu.br/site/portaf\\_afro\\_brasileira/3\\_II.php](https://www.faecpr.edu.br/site/portaf_afro_brasileira/3_II.php)>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988.

GROSFÓGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In: **Sociedade e Estado**. 31 (1), Jan-Apr, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HARNER, Michael. **O caminho do Xamã**: um guia para manter a saúde e desenvolver o poder de curar. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOUNTONDJI Paulin. **Sur la Philosophie Africaine**. Critique de l'ethnophilosophie. Paris, François Maspéro, 1976.

ISHAQ, Vivien. **Irmandades**. 2017. Disponível em: <[http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3171&Itemid=351](http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3171&Itemid=351)>. Acesso em 20 jul. 2022.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Catanduva, São Paulo: Boa Nova Editora, 2004.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KRITSCH, Raquel. Rumo ao Estado Moderno: as raízes medievais de alguns de seus elementos formadores. In: **Rev. Sociol. Polít., Curitiba**, 23, p. 103-114, nov. 2004.

LAPASSADE, Georges; LUZ, Marco Aurélio. Apresentação. In: **O Segredo da Macumba**. São Paulo: Paz e Terra, p. 11-27, 1972.

LAPASSADE, Georges; LUZ, Marco Aurélio. **O Segredo da Macumba**. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

LARA, Caroline. **“Agora sou outro!”**: propagandas e educação sanitária nos almanaques de farmácia (1900 – 1945). Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify, 1958.



LEWIN, Augusto Miranda. **Dignidade da pessoa humana, coisificação na modernidade líquida e acesso à justiça**. Dissertação (Mestrado em Direito), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

LIMA, Elda Cássia de. A correspondência jesuítica José de Anchieta e a missão “evangelizar”. In: **II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História**. UFG/UCG, Goiânia – Goiás, 2009.

LIMA, R. DE. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. In: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 1, n. 07, 27 out. 2017.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia**. Salvador: Corrupio, 2003.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MALOWIST, Marian. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, p. 01-26 2010.

MBITI, John S. **Introduction to African Religion**. Heinemann Educational, 1975.

MOTA, Jorge Maurício. **O crime segundo Lombroso**. 2007. Disponível em: <<https://criminologiafla.wordpress.com/2007/08/20/aula-2-o-crime-segundo-lombroso-texto-complementar/>>. Acesso em 03 jul. 2021.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: QUEIROZ, Renato da Silva; SCHWARCZ, Lília Moritz (Orgs.). **Raça e Diversidade**. Edusp: São Paulo, 1996, p. 213-229.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum [manuscrito]**: As ressignificações de Exu no discurso umbandista. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Do negro ao branco**: breve história do nascimento da umbanda. In: Caminhos, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 487-491, jul./dez. 2007.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Libertação, descolonização e africanização da psicologia**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2021.

OLUPONA, Jacob K. **15 facts on African religions**. Disponível em: <<https://blog.oup.com/2014/05/15-facts-on-african-religions/>>. Acesso em 02 out. 2021.

OLUPONA, Jacob K. **African Traditional Religions in Contemporary Society**. Paragon House Publishers, 1991.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. AS RELAÇÕES BRASIL-ÁFRICA: DO NEXO ESCRAVISTA À CONSTRUÇÃO DE PARCERIAS ESTRATÉGICAS. In: **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 11-32, jan./jun. 2020.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio De Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

RABAKA, Reiland. **Against epistemic apartheid**: W. E. B Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. United Kingdon: Lexington Books, 2010.

RAMOS, Sofia Passos. Moda e consumo: personificação das coisas e coisificação das pessoas. In: **Anais - 2º Colóquio de Moda**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 1, p. 1-10, out. 2015.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi; SÀLÁMÌ, Síkírù /King. Omoluwabi Alakoso, teu caráter preferirá sentença a teu favor! Valores pessoais e felicidade na sociedade iorubá. In: ANGERAMI, Waldemar. Augusto (org.). **Psicologia e Religião**. Belo Horizonte, Artesã, 2022.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Paris, 1906.

RODRIGUES, Elisa. Raça e controle social no pensamento de Nina Rodrigues. In: **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 81-107, jul. /dez. 2009.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SÀLÁMÌ, Síkírù (King). **Bàbá King explica o que é iniciação**. Mongaguá, 23 mai. 2018. Facebook: Bàbá King. Disponível em: <<https://www.facebook.com/babakingoduduwa/videos/b%C3%A0b%C3%A1-king-explica-o-que-%C3%A9-inicia%C3%A7%C3%A3o/667471250251291/>>. Acesso em 26 jun. 2022.

SÀLÁMÌ, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. 2. ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. El imperialismo cultural y la posibilidad de la contrahegemonia. In: **La Globalización del Derecho: los Nuevos Caminos de la Regulación y la Emancipación**. Bogotá: ILSA, Universidad Nacional de Colombia, p. 207-211, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Eliane Cristina Moraes. **Griot digital**: Ressignificando a ancestralidade afro-brasileira na educação. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Educação, Linguagem e Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Valdelice Conceição dos. **O discurso de Edir Macedo no livro Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios?**: Impactos e impasses no cenário religioso brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Branquitude**: hora de tocar o despertador da nossa cidadania. 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2021/Branquitude-hora-de-tocar-o-despertador-da-nossa-cidadania>>. Acesso em 26 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA FILHO, Mario Alves da. **A Iniciação em Ifá, Umbanda e/ou Candomblé não é uma panaceia**. (s.d.) Disponível em: <<https://templopanteranegra.com.br/religiao-tradicional-yoruba-ifa/a-iniciacao-em-ifa-umbanda-e-ou-candomble-nao-e-uma-panaceia/>>. Acesso em 26 jun. 2022.

SILVA FILHO, Mario Alves da. **Chega de estultice**: estudo etimológico das palavras Umbanda e Kimbando. 2015. Disponível em: <<https://pensamentovoa.wordpress.com/?s=diogo>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SILVA FILHO, Mario Alves da. **Educação, bondade e gentileza de caráter na religião tradicional africana**. 2013. Disponível em: <<https://cefeco.wordpress.com/2013/02/16/educacao-bondade-e-gentileza-de-carater-na-religiao-tradicional-africana/>>. Acesso em 20 out. 2021.

SILVA FILHO, Mario Alves da. **Poderosíssimos nomes e atributos de Èṣù!!** YouTube. 28 ag. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wAT48JzOGOM&t=79s>>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA FILHO, Mario Alves da. **Religião Afro-Brasileira**. São Paulo: Lafonte, 2021.

SILVA, Alexandre da. População negra e Covid-19: crises e conflitos pelo direito de respirar. In: **Associação Brasileira de Estudos Populacionais**: Fundo de População das Nações Unidas (org.). População e desenvolvimento em debate: impactos multidimensionais da pandemia da Covid-19 no Brasil. Campinas, SP: Traço Publicações e Design, p. 08-15, 2021.

SILVA, Maria Izabel Ladeira. **História do Brasil**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SOGBOSI, Hippolyte Brice; COSTA, Martha Sales. Religiões brasileiras de presença africana e políticas públicas no Brasil: algumas considerações. In: **Debates do NER**, v. 1, n. 13, p. 131-144, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/52856>>. Acesso em: 31 de mar. 2022.

SOUZA, Leal de. **O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda**. 1933. Disponível em: <<https://www.casaespiritasaopedro.com.br/livros/O-Espiritismo-a-magia-e-as-sete-linhas-deumbanda-leal-de-souza.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2022.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Laura de Mello. **Revisitando o calundu**. 2002. Disponível em: <[https://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CALUNDU\\_0.pdf](https://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CALUNDU_0.pdf)>. Acesso em 13 jul. 2022.

STARK, Rodney. Trazendo a teoria de volta. In: **Revista de Estudos da Religião** (Rever), PUC-SP, 2004. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004/t\\_stark.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_stark.htm)>. Acesso em 23 nov. 2022.

TAMANO, Luana Tieko Omena. **O pensamento e atuação de Arthur Ramos frente ao racismo nos decênios de 1930 e 1940**. 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/issue/view/218>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **Companhia de Jesus** - Os jesuítas no Brasil. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/companhia-de-jesus/>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). **Compêndio de Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-587.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Edição digital. 1. ed., Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.